

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
JÚLIO DE MESQUITA FILHO
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL
PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**



**O TRABALHO DO PROFESSOR E A EDUCAÇÃO VOLTADA AO
ENSINO DE VALORES**

ROSEMARY FOLLIS TASSO

FRANCA

2003

ROSEMARY FOLLIS TASSO

**O TRABALHO DO PROFESSOR E A EDUCAÇÃO
VOLTADA AO ENSINO DE VALORES**

Dissertação apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Franca, para obtenção do título de Mestre em Serviço Social.

Orientadora: Profa. Dra. Djanira Soares de Oliveira e Almeida

FRANCA

2003

Tasso, Rosemary Follis

O trabalho do professor e a educação voltada ao ensino de valores.

Rosemary Follis Tasso. –Franca: UNESP, 2003

Dissertação – Mestrado – Serviço Social – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP.

1 Educação - Serviço Social 2. Professor -Trabalho - Escola – Filosofia.

CDD – 370.71

ROSEMARY FOLLIS TASSO

O TRABALHO DO PROFESSOR E A EDUCAÇÃO
VOLTADA AO ENSINO DE VALORES

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

BANCA EXAMINADORA

Profa Dra Djanira Soares de Oliveira e Almeida (Presidente e Orientadora)_____

Dedico este trabalho aos meus filhos Vinícius,
Marcelo e Fernanda.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo infinito amor e misericórdia.

À minha família, pelo apoio e paciência nos momentos difíceis, de modo particular a minha mãe e a minha sogra que sempre estiveram à disposição em ajudar com a pequena Fernanda.

Em especial ao meu esposo Hélio, pelas palavras de ânimo e incentivo, por sua demonstração de carinho, atenção e compreensão, mesmo diante de meus devaneios e de meus momentos de desespero, e pelo seu apoio e dedicação para que este trabalho fosse concluído.

Aos meus queridos filhos, Vinícius e Marcelo, pela compreensão e ternura, e a ajuda nas atividades cotidianas e na digitação deste trabalho; e à Fernanda, que nasceu nesse período tão complexo e muitas vezes foi privada do meu convívio para que pudesse terminar esse meu objetivo.

Aos amigos do Departamento de Educação Adventista da Associação Paulista Oeste, pelo profissionalismo e disponibilidade.

A cada professor e funcionário da Escola Adventista de Franca, que participaram e vivenciaram, com emoção, os momentos decisivos desta construção.

A orientação segura e amiga da professora Djanira Soares de Oliveira e Almeida.

À professora Maria Ângela Rodrigues Alves de Andrade, pela sua presença amiga e motivadora, sempre estimulando a conclusão deste trabalho.

Ao professor Adriano por ter me auxiliado na contextualização histórica de um dos capítulos dessa dissertação.

À professora Márcia, pela sua colaboração na descrição do Abstract.

À estimada cunhada Valéria, pelo seu apoio, incentivo e colaboração durante todo o processo deste trabalho de pesquisa.

Nesta vida pode-se aprender três coisas de uma criança: estar sempre alegre, nunca ficar inativo e chorar com força por tudo que se quer.

Paulo Leminsky

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS	11
LISTA DE QUADROS.....	12
LISTA DE TABELAS	13
RESUMO	14
ABSTRACT	15
INTRODUÇÃO	16
PARTE I – A ESCOLA ADVENTISTA	26
1.1 Breve histórico da educação religiosa no Brasil.....	27
1.2 Breve histórico da Escola Adventista	33
1.3 A Escola Adventista no Brasil.....	35
1.4 A Escola Adventista de Franca	37
1.5 A educadora Ellen White.....	39
PARTE II - ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA ESCOLA ADVENTISTA DE FRANCA.....	41
2.1 A organização e objetivo da Rede Adventista	42
2.2 A direção da escola.....	46
2.3 Orientação e Coordenação Pedagógica.....	49

2.4	Os alunos da Escola Adventista	50
2.5	Os professores da Escola Adventista	52
2.6	As aulas de capela.....	53
2.7	Conselho de classe	54
2.8	Sistema de Avaliação.....	55
2.9	Sistema de Recuperação	57
2.10	Tesouraria	58
2.11	Secretaria	59
2.12	Biblioteca.....	60
2.13	Conselho Escolar	61

PARTE III -A FILOSOFIA EDUCACIONAL

ADVENTISTA.....	63
3.1 A base filosófica da Educação Adventista	64
3.2 Pedagogia Adventista.....	67
3.2.1 Método Whiteano	69
3.2.2 Cooperativismo	73
3.2.3 Os autores e a aprendizagem cooperativa	75
3.3 Princípios básicos e metodológicos da Educação Adventista ...	79
3.3.1 Aprendizagem significativa.....	80
3.3.2 O trabalho do professor.....	82
3.3.3 Aspectos a serem cultivados por um professor de êxito.....	85
3.3.4 Novo aluno e a crise de valores	88

PARTE IV – METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO

DA PESQUISA	90
4.1 A Construção da Pesquisa	91
4.2 A Descrição dos Dados.....	97

4.3 Análise das Entrevistas	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
BIBLIOGRAFIA.....	125
ANEXOS	130

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Crença religiosa dos professores participantes da pesquisa	99
Gráfico 2	Escolaridade dos professores	100
Gráfico 3	Faixa etária dos professores	101
Gráfico 4	A forma de contratação de professores	102
Gráfico 5	Tempo de atuação na Escola Adventista.....	103
Gráfico 6	Atuação dos professores na Escola Adventista e em outras escolas	104
Gráfico 7	Tipos de interesses em trabalhar na Escola Adventista.....	106
Gráfico 8	Professores auxiliados com bolsa de estudo.....	114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Dados dos professores, da Escola Adventista de Franca, Entrevistados	98
Quadro 2	Categorização das dificuldades e facilidades para o trabalho, relatadas pelos professores entrevistados	111

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Caracterização das instituições da Rede Adventista no mundo.....	34
Tabela 2	Caracterização das Instituições da Rede Adventista no Brasil.....	36

TASSO, Rosemaruy Follis. *O trabalho do professor e a educação voltada ao ensino de valores*, 2003. 198f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Franca.

RESUMO

A educação brasileira tem sofrido ao longo do tempo algumas alterações que, conjuntamente com fatores políticos, sociais e econômicos, resultam em crises relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem e ao trabalho do professor. Uma das alterações mais marcantes diz respeito à exigência do ensino para o trabalho, ou seja, espera-se que as escolas formem cidadãos ativos, competentes e aptos para exercerem atividades laborais, auxiliando dessa forma no desenvolvimento técnico e econômico do país. A presente pesquisa centraliza-se no estudo da atuação do professor em uma escola que propõe uma filosofia confessional, voltada à formação integral do educando, em seus aspectos sociais, políticos, intelectuais e físicos. Dessa forma, o objetivo dessa investigação é conhecer a realidade educacional do trabalho do professor em um ensino fundamentado em uma filosofia de educação de valores. Foi utilizado o instrumento da entrevista semi-estruturada para coleta de informações, permitindo a análise qualitativa de conteúdo, ou seja, do objeto de estudo. Como resultado e conclusão dessa análise, verifica-se que a educação, de forma geral, necessitaria ser revista, reformulada, quando pensamos na educação de cidadãos éticos, competentes para enfrentar, atuar e transformar a sociedade; considera-se também que os educadores e os profissionais de uma forma geral devem dispor de recursos sociais, econômicos, intelectuais, de maneira tal, que desenvolvam uma certa autonomia no exercício de sua competência para ensinar, analisando e assumindo seu papel de educador não apenas de informar, mas também de formar, e, assumir também, com coragem, a ação ‘mudar em educação’.

Palavras-chave: professor; trabalho; escola; educação; valores.

TASSO, Rosemary Follis *The work of the teacher and the education concentrate in learning of the values*, 2003, 198f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Franca.

ABSTRACT

The Brazilian education throughout the years has been suffering some alterations that with the politic, social and economic factors, they result in crises related to the teaching-learning process and the teacher's work. One of the most relevant alterations is about the teaching demand to the work, it means that it is expected that actives subjects, competents and able to practice lab activities, are formed by the schools, this way it can help the technical and economic development of the country. This study is about the teacher's work in a school that proposes a confessional philosophy, directed to the complete student's formation, in their social, politic, intellectual and physical aspects. This way, the aim of this investigation is to know the educational reality of the teacher's work in a teaching based on an educational philosophy of values. It was necessary to make a semi-structured interview to collect information, allowing the content analysis, it means, the analysis of the study object. As a result and conclusion of this analysis, in general, it is noticed that the education has to be reviewed and reworded, when thinking about the education of valuable subjects, competents to face, act and transform the society; it is also considered that the educationist and the professionals in general, should have socials, economic and intelectual competences, so, they could develop an autonomy when they teach, analyzing and assuming their educationist job, not only to inform, but also to form, and assume with courage, the action of “change the education”.

Keywords: teacher; work; school; education, values.

INTRODUÇÃO

Este estudo pretendeu observar a atuação dos professores em uma das escolas da rede particular de ensino da Instituição Adventista, a Escola Adventista de Franca, unidade de caráter cristão com uma filosofia voltada para valores. O objetivo dessa investigação é conhecer a realidade educacional do trabalho do professor em um ensino fundamentado em uma filosofia de educação de valores.

De caráter confessional, a Escola Adventista de Franca destaca-se das demais escolas de cunho particular, pelo compromisso de promover uma educação para a vida, oferecendo educação integral dos alunos por meio do desenvolvimento harmônico nos aspectos físicos, mentais e espirituais, centrado nos escritos da educadora Ellen White e nas Escrituras Sagradas. Havia preocupação com a mudança dos valores presentes na Sociedade, com a falta dos mesmos na educação familiar e a adoção de uma pedagogia centrada em valores cristãos.

Sua clientela é constituída por alunos de classe média e apresenta-se caracterizada como uma Instituição filantrópica que mantém em Franca a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Atende as famílias que estão com problemas financeiros, por meio de bolsas de estudos e descontos.

A idéia da realização deste estudo, a princípio, foi estudar sobre formação profissionalizante, pois, como educadora, percebi a dificuldade de muitos alunos que por não terem condições de prosseguir os estudos em uma faculdade, procuravam o estudo

profissionalizante; então a idéia era verificar o mercado de trabalho diante desta formação. Após o ingresso no Programa de Pós-graduação, em nível de Mestrado, e diante das primeiras investigações sobre esse assunto, percebi que essa não era a linha que deveria pesquisar, pois, havia questões muito mais significativas que inquietavam minha vivência e prática escolar.

Foi quando, através da orientadora, Dra. Maria Angela Rodrigues Alves de Andrade, pedimos ao Programa de Pós-Graduação para a mudança de tema, o que posteriormente trouxe também a mudança da orientação para a professora Dra. Djanira Soares de Oliveira e Almeida.

O Serviço Social forneceu dados para o presente estudo, sendo o trabalho dos professores, uma atuação interventora, que busca, através da prática social, facilitar o processo reflexivo dos sujeitos sociais.

Passamos então a desenvolver uma metodologia enquanto pesquisadora e também diretora, de verificação da atuação do professor numa escola com uma filosofia voltada para os valores, sendo que é a escola que enfrenta essa problemática, pois, constitui um dos espaços onde a crise valorativa se reflete e eclode.

Ainda que procurássemos não influenciar direta ou indiretamente nos resultados das pesquisas, por atuarmos ora como pesquisadora, ora como diretora e por também pertencermos por opção religiosa individual e familiar à Igreja Adventista do 7º Dia, existe a possibilidade que essas condições possam ter interferido nos resultados finais, como as entrevistas com os professores.

O presente trabalho teve sua fundamentação teórica principalmente nas obras da educadora americana Ellen White, em pressupostos evangélicos baseados nas Sagradas Escrituras, dispositivos legais e também em posições teóricas de doutrinadores como

Vygotsky apud Carretero (1997), Freinet apud Whitaker (1989), Freire (1982), Gardner (1995), e outros.

A metodologia adotada foi a de investigações qualitativas, por sua diversidade e flexibilidade, não admitindo regras precisas e que se aplica a uma maior quantidade de casos (ALVES-MAZOTTI, 1998). Utilizamos também o estudo de caso, que segundo Triviños (1987, p.135) em uma de suas divisões atende a históricos organizacionais, quando se trata de uma instituição que se deseja examinar e está ligado à pesquisa qualitativa. (BARROS – LEHFELD, 2000, p. 95).

O presente trabalho tem como questão de pesquisa saber como o professor pode atuar dando ênfase aos valores. O objetivo da investigação, portanto, é conhecer a realidade educacional do professor em um ensino fundamentado em uma filosofia de educação de valores.

Cada geração, cada época, dá uma nova forma, ou dita novas regras ou modelos às aspirações que engendram a educação em seu tempo. Porém, o mesmo questionamento, a mesma dúvida, vem sendo produzida até nossos tempos: o que os profissionais da educação vão ensinar, e com que fim? O processo educativo, ou o de ensino está implicitamente relacionado com o papel do professor, pois ele deveria ser encarado como um símbolo pessoal imediato desse processo. O trabalho do professor deveria ser como o de comunicador de conhecimento, além de servir como um modelo de competência, ele deve ter liberdade para ensinar e para aprender, dando atenção especial aos modos pelos quais essa liberdade pode ser exercida. Essa liberdade, que deveria ser conquistada em cada educador, pode ser identificada como o desenvolvimento de uma certa autonomia para utilizar com sensatez grande variedade de dispositivos que expandem a experiência pessoal e profissional.

Sabe-se que a educação não é preocupação primordial da sociedade, como um todo. Porém, há um grupo de interessados em mudar o ensino, que se apresenta defasado e longe de ser aplicável na realidade brasileira. Alguns projetos sociais pretendem verificar o que se passa na área essencialmente política do ensinar e do aprender, o que leva os apaixonados da área a sugerirem reformas e transformações que provavelmente poderiam constituir-se em um novo horizonte de significativas esperanças. A sociedade hoje tem algumas prioridades e exigências em que a ação é o elemento chave. A idéia de que vivemos numa sociedade do conhecimento, em que a formação intelectual é condição principal para o mercado de trabalho, é simplesmente um discurso fantasioso. As vagas são tão reduzidas, dentre outras características exigidas pelos postos de trabalho, que a idéia da vinculação entre o grau de instrução elevado e as chances de emprego se constitui apenas uma ideologia hegemônica. Isto quer dizer que investir em educação não se submete apenas nas características do mercado do trabalho. Outras motivações e metas terão que justificar e embasar as ações políticas e sociais na área da educação.

A educação atual está à procura de um novo equilíbrio, ligado, porém, a uma nova identidade, que indica oscilação, insegurança, e confusão que a caracteriza. A pedagogia, como um saber, vem mudando de forma, torna-se cada vez mais centralizada na cultura, na política e no social. Por ela, passam-se variados problemas da convivência social e da projeção política, da renovação cultural, enfim, todos esses problemas implicam um empenho de formação, um projeto de intervenção, de orientação, de acompanhamento, de interpretação ativa, que só a educação pode desenvolver. A “paixão pelo homem”, como ação e pensamento da pedagogia, vem sendo retomada como vetor do próprio discurso e regulador do próprio futuro, pois a pedagogia não deixa de ser uma ciência para o homem. Esse novo projeto impõe que o pensamento e a prática pedagógica devem superar a fase atual do positivismo obsoleto, acertar o passo com os desenvolvimentos contemporâneos

da ciência, e desenvolver uma teoria coerente com o futuro. Toda e qualquer melhoria no ensino não terá sentido se a educação não conservar o seu fim que é a humanização de toda geração.

Tal como todo empenho humano, a educação é sem dúvida o mais humano e humanizador de todos, a tarefa de educar tem limites óbvios, e sempre cumpre apenas uma parte de seus melhores propósitos. Quem pretende educar torna-se de certo modo responsável pelo mundo, ou seja, não é aprová-lo como ele é, mas assumi-lo conscientemente. É reconhecer o passado, a formação do homem na história. A educação transmite porque quer conservar, e conservando, valoriza certos conhecimentos, certos comportamentos, habilidades e ideais. O professor não deve ser neutro, indiferente diante de possibilidades que se oferecem a seus alunos.

Algumas propostas educacionais como conversão religiosa ou de conscientização ideológica, ou de disciplinar moralmente (GROSSI, 2000), têm patinado em teorias ultrapassadas sobre a construção dos conhecimentos, como o inatismo e o empirismo, não superando também as incompletudes do construtivismo. Assim, as escolas estão ensinando muito pouco em comparação do que se espera delas, do compromisso de serem oportunizadoras de aprendizagens complexas.

A educação tem dado ênfase especial ao desenvolvimento da inteligência, da competência e das habilidades, forças ou poderes que asseguram o progresso das ciências, das artes, da técnica e da filosofia. Pestalozzi, segundo Lopes (1981), ensina que se deve desenvolver todos os poderes da pessoa, pois, o ensino baseado no cultivo de alguns, é prejuízo dos demais, é danoso porque acarreta certo desequilíbrio e enfraquecimento da personalidade e não leva à educação plena e integral. Faleiros (1999) fala do “*empowerment*”, ou seja, o fortalecimento de capitais (poderes) sociais, políticos, espirituais, psicológicos, profissionais, econômicos, de pessoas que se sentem

enfraquecidas para desenvolver certa autonomia no enfrentamento de uma sociedade viciada e complexa. White¹ fala do desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais, visa o ser todo e todo o período da existência possível ao homem. Pensar a educação nessa perspectiva, no ensino da moral, dos valores (desses poderes capitais), é pensar na reinvenção da educação, como uma realidade supra-humana, e por isso, sagrada e imutável, no sentido de fins e objetivos, pois educar também é a necessidade de preservar na consciência dos ‘imaturos’ o que os ‘mais velhos’ consagraram e, ao mesmo tempo, o direito de sacudir e questionar tudo o que está consagrado, em nome do que vem pelo caminho.

A escola deveria ser o lugar onde se devam aprimorar valores e atitudes, além de capacitar o indivíduo na busca de informações, onde quer que elas estejam, para usá-las no seu cotidiano. A proposta do ensino por competência é a idéia de ensinar os alunos o que eles precisam aprender para ser cidadãos que saibam analisar, planejar, expor suas idéias e ouvir as dos outros, para que possam ter uma participação ativa sobre a sociedade (PERRENOUD, 2000). Essa concepção é de suma importância e interessante, mas ainda deixa a desejar, quando os educadores ou os professores tentam cumprir seu papel de informar e formar, que é um dos objetivos dessa proposta de ensino para competências. Alguns fatores estão intrínsecos como a formação de professores e a complexa tarefa de desenvolver a práxis pedagógica, além da apatia da maioria por baixos salários e o trabalho em vários empregos.

Ensinar não é simplesmente informar, passar conteúdos e avaliar os conhecimentos dos alunos em forma de avaliações tradicionais, onde o aprendiz fica limitado para desenvolver a curiosidade de aprender e conhecer cada vez mais. Saber apresentar o conteúdo é saber evidenciar para o aluno a sua real importância como participante de uma

¹ WHITE, Ellen Gould. **Educação**. 6. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1996, p. 13.

sociedade ativa, na qual age, modifica, interage e inter-relaciona como coadjuvante do processo histórico, é antes de mais nada saber formar cidadãos íntegros e ativos. Hoje não é simplesmente re-formar, re-tornar ao ensino tradicional, pois os tempos mudaram e exigem novas adaptações e transformações reais, tentando preservar marcas do passado que indicam processo evolutivo para que o novo tire suas lições mais preciosas, com a nítida consciência de que no futuro habitam todas as possibilidades de mudanças. Educação tem sido definida como sendo o processo que visa levar o indivíduo, simultaneamente, a explicitar as suas virtualidades e a encontrar-se com a realidade para nela atuar de maneira consciente, eficiente e responsável, tendo em vista a continuidade e o desenvolvimento social, para serem atendidas as necessidades e aspirações individuais e coletivas.

Grandes possibilidades de ensinar para formar cidadãos ativos, competentes e conhecedores de seus deveres e direitos têm sido propostas de projetos educativos e político-pedagógicos. O educador é aquele que deveria ter a capacidade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos, como saberes, habilidades e informações, para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações escolares (PERRENOUD, 2000). Não basta simplesmente ter cargo de professor, é necessário saber educar, ser um educador formador de sua própria habilidade e competência, ter a coragem de mudar em educação (GROSSI, 2000).

O processo de educação nos remete à idéia de saber fazer bem, desenvolver uma didática própria flexível ou alternativa para modificações práticas (LIBÂNEO, 1991, p. 89). A profissão do educador é um desenvolver contínuo, um grande desafio, é manter-se atualizado sobre as novas metodologias de ensino, desenvolver práticas pedagógicas mais eficientes. É necessário desenvolver a capacidade de colocar em prática concepções e modelos inovadores. Só o profissional pode ser responsável por sua formação. O

desenvolvimento pessoal e profissional depende muito do contexto em que exercemos nossa atividade. Todo professor deve ver a escola não somente como o lugar onde ele ensina, mas onde aprende também. O debate sobre a formação é indissociável das políticas de melhoria das escolas e do ensino brasileiro, e de definição de uma carreira docente digna e prestigiada, buscando e avaliando sempre o perfil de educador competente. É importante saber que não se poderia pensar hoje em uma pedagogia e uma didática, sem estar consciente das transformações sociais e científicas contemporâneas.

A tendência predominante na sociedade atual, marcada pelo pós-modernismo, é a de condicionar a problemática dos valores aos desejos e interesses de uma classe predominante, sem levar em conta as diferenças sociais, políticas e econômicas da nossa realidade brasileira. Tal idéia provavelmente exclui cada vez mais a possibilidade de estabelecer uma hierarquização ou escala de valores que seja aplicável a todas as pessoas. Quando o educador tem convicções claras e explícitas, suas convicções acerca dos propósitos das atividades que desempenha no cotidiano de sua prática pedagógica podem garantir um trabalho educativo planejado em termos de valores. É visto que o objetivo principal da educação cristã, é passar seus valores para os educandos, que devem ser sustentados e sustentados bem alto e mantidos em estado firme, não bastando mencioná-los oralmente em discursos ou por escrito. Valores sustentados e vividos deverão ser vividamente visualizados por toda a parte na escola e sentidos no trato interpessoal e institucional (RITTER, 2000).

Seguramente estamos vivendo um novo e desafiador momento da educação no mundo. Mais do que refletir, possivelmente seria necessário quebrar a inércia e iniciar o processo de ação para a mudança, mudar a direção e o rumo das coisas. Quem sabe, este não é o tempo de esperas ou críticas, do conformismo, quando a responsabilidade cabe a todos os segmentos da escola. Pensando no perfil de cidadão que o trabalhador educacional

deverá formar, questionamos sobre a possibilidade da educação moral, ou as escolas que adotam uma filosofia voltada para a formação integral do ser humano, que apreciam a formação de conduta ética e de valores, permeando uma análise sobre o trabalho do professor nessas perspectivas de ensino. E, nos permitindo ir um pouco mais além, apresentamos o trabalho do professor na perspectiva de uma educação de valores éticos, morais, espirituais, culturais, sociais, políticos, econômicos, profissionais e intelectuais, acreditando que problemas tais como: o nível de evasão escolar, a demanda da família sem tempo para o diálogo, a relação aluno, professor e família, a adaptação em uma sociedade capitalista com mercado de trabalho exigente, a transmissão e a aquisição de conhecimentos, enfim, outros que surgiriam ou que estão presentes no cotidiano escolar, familiar e da sociedade, poderiam ser abrandados diariamente, em todo o processo de educação e formação do aluno.

Para confirmar nossa visão de uma educação para a formação de valores, dividimos nossas reflexões da maneira como expomos a seguir.

A apresentação deste trabalho foi organizada da seguinte forma: na **primeira parte**, apresentamos um breve histórico da educação religiosa no Brasil, bem como da Escola Adventista no Brasil e em Franca com a biografia da sua co-fundadora a educadora Ellen White.

Na **segunda parte** deste estudo são situados os aspectos organizacionais e os principais objetivos da rede das escolas Adventistas.

A **terceira parte** trata da filosofia educacional na qual a escola está inserida pontuando a atuação do professor e o aspecto valorativo “do novo aluno”.

A **quarta parte** relata a metodologia do trabalho, como foram desenvolvidas a construção da pesquisa, a descrição dos dados obtidos através de gráficos e a análise das entrevistas com recortes de falas.

Finalizamos com as considerações mais pertinentes ao estudo, esclarecendo seus pontos norteadores e sinalizando para mudanças educacionais que acreditamos necessárias.

O resultado de tal prática educativa transforma o professor em um agente que pauta sua atuação pelo compromisso a partir do confronto e do diálogo com valores vigentes, escolher e firmar valores embasados em princípios inalteráveis que sejam válidos para as situações concretas vividas pelos educandos.

Esperamos que essa pesquisa possa contribuir para perceber a urgência de uma educação moral que seja trabalhada sistematicamente desde a infância, tendo como ponto de partida valores definidos como essenciais para fundamentar a existência social dos seres humanos.

PARTE I – A ESCOLA ADVENTISTA

1.1 Breve Histórico da Educação Religiosa no Brasil

Durante a Idade Média, a vida espiritual na Europa Ocidental foi dominada pela Igreja Católica. Não se admitia divergência contra esse monopólio de crença. No Ocidente (da Europa), ser cristão significava ser católico, obedecer às regras e aos princípios da Igreja de Roma. Na Alta Idade Média as pessoas que sabiam ler e escrever em geral pertenciam ao clero. Os poucos livros que sobreviveram ao período das invasões bárbaras (século III e IV d.C.) eram conservados nas bibliotecas pertencentes à Igreja. Os integrantes da Igreja eram os únicos capazes de lidar com o saber escrito e, portanto, com o ensino formal. O ensino estava sob o controle da Igreja e era voltado para o ingresso na vida religiosa. Os ensinamentos eram transmitidos em latim, língua falada pelos integrantes do clero e pelas pessoas cultas.

Os primeiros estudos eram feitos nas escolas que funcionavam nos conventos e nas igrejas das vilas, onde se aprendia a ler e a escrever, noções de cálculo e canto religioso. A continuação dos estudos era orientada sempre por padres ou monges em escolas mantidas nas catedrais.

A principal inovação medieval no campo do ensino e do conhecimento foi a criação das universidades. Até o final do século XIV, já havia mais de quarenta universidades espalhadas por diversas regiões da Europa. Devido à forte presença da Igreja, os primeiros pensadores medievais, chamados doutores da Igreja, voltaram-se para questões relativas aos preceitos da fé, para dar forma à religião que se organizava.

Entretanto, a partir de 1517, a Igreja sofreu muitas transformações, com a Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero. De origem germânica, Lutero (1483-1546) era monge e teólogo católico. Era contrário à venda de indulgências, apontava as deturpações cometidas pela Igreja e criticava a corrupção reinante em sua alta hierarquia.

Apesar de os motivos religiosos terem sido os mais evidentes, houve outras motivações para a Reforma de Lutero. Uma delas relacionava-se às mudanças econômicas que vinham ocorrendo desde o final da Idade Média, preparando o terreno para o capitalismo. Lutero, ao contrário da Igreja Católica, não condenava a busca do lucro, o grande objetivo do sistema capitalista.

A Reforma Protestante, iniciada por Lutero, colocaria um fim ao monopólio espiritual da Igreja Católica, oferecendo aos fiéis novas opções religiosas. A Igreja Católica reagiu através da Contra-Reforma, movimento que pretendia combater o avanço das idéias protestantes e expandir a fé católica. A Companhia de Jesus desenvolveu um importante papel na Contra-Reforma. Essa ordem religiosa foi fundada por Ignácio de Loyola, em 1534. Os jesuítas, integrantes da Companhia de Jesus, tinham a missão de percorrer o mundo com o objetivo de expandir a fé católica, colaborando assim de maneira decisiva com a cúpula da Igreja no combate ao protestantismo.

Na América Portuguesa, os jesuítas começaram a chegar a partir de 1549. Uma vez aqui, dedicaram-se principalmente à catequese dos indígenas e à educação infantil entre os colonos, fundando e mantendo inúmeros colégios. Poucos acusam os jesuítas de terem trabalhado em detrimento do índio. Sua obra permitiu a um historiador do porte de Bougainville escrever:

De uma nação bárbara sem costume e sem religião, fez um povo doce, educado, exato observador das cerimônias cristãs. Esses índios, encantados pela eloquência persuasiva de seus apóstolos, obedeciam com prazer a homens que eles viam sacrificar-se à sua felicidade².

² SILVA, José de Carvalho e. **História do Brasil**, São Paulo: Editora Iracema, [s.d.], v.1, p. 150.

O padre Antônio Viera, no entanto, sabia muito bem o que representava para os homens de Ignácio de Loyola, a conquista do índio brasileiro, quando disse: “Quem possuir o índio, será senhor do Estado”. Fica claro que os jesuítas catequizaram os índios para o seu serviço e por isso que os segregavam do resto da população brasileira, com grande resistência dos colonos, que viam naquilo a perda de braço trabalhador possível para suas culturas, para seus engenhos, mesmo quando o negro já havia chegado da África e dominado o mercado de trabalho.

Os padres jesuítas foram responsáveis, no Brasil, pela catequese e educação do colono e do índio. Entretanto, não deram proteção e nem apoio aos negros e não se preocuparam com a educação deles. Nas missões organizadas pelos jesuítas, o trabalho indígena visava ao bem coletivo e principalmente aos interesses econômicos dos padres que, em muitos casos, ganhavam dinheiro vendendo mercadorias produzidas ou coletadas pelos índios em missões. Os jesuítas não admitiam a escravidão do índio, mas aceitavam e até justificavam a do negro. Assim, o colono português era obrigado a comprar o negro, pois não podia apressar o índio. Com essa atitude de proteção aos indígenas, os jesuítas estavam defendendo os interesses do governo e dos traficantes portugueses, que obtinham grandes lucros e se enriqueciam com o tráfico negreiro. Dessa maneira, a catequese foi utilizada em benefício de alguns portugueses e em especial dos próprios jesuítas. Pode-se dizer que a educação ministrada pelos homens de Ignácio tinha um caráter de apropriação indébita, pois fazia do índio uma coisa de uso privado.

A influência da Igreja Católica na educação perdurou por muito tempo. Porém, a Constituição de 1824 submeteu a Igreja ao poder do Estado. As relações entre Igreja e Estado passaram a ser reguladas pelo padroado e pelo beneplácito³. De acordo com o padroado, os padres seriam pagos pelo Estado e o imperador nomearia sacerdotes e bispos.

³ Seu consentimento, sua aprovação (FERREIRA, A. B. de H. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 15.IMP. Editora Nova Fronteira).

Pelo beneplácito cabia ao Imperador dar ou não prévio consentimento à aplicação das decisões do poder papal no Brasil.

A Constituição de 1824 reconhecia o catolicismo como religião oficial e garantia à Igreja Católica certos privilégios não atribuídos a outras religiões. Em 1874 um grupo de influentes protestantes presbiterianos, numa petição à Assembléia Legislativa, reivindicava a liberdade de prática religiosa e igualdade de cultos. Os protestantes que recebiam apoio dos maçons e dos republicanos, queriam a abolição da igreja oficial e sua emancipação do Estado. Eles defendiam o fim dos privilégios concedidos aos prelados católicos, a defesa da educação laica, que resultaria na não obrigatoriedade do ensino da religião católica, apoiavam a instituição obrigatória do casamento civil, do registro civil do nascimento e óbito, pois, estes eram feitos somente na Igreja Católica.

A questão religiosa complicou-se ainda mais quando ocorreu uma imigração maciça de protestantes norte-americanos para o Brasil, com mais ou menos cem mil famílias. Esse fato assustou muito a hierarquia da Igreja Católica, com medo da “protentalização” do Brasil. O papa Pio IX (1846-1878) condenava o liberalismo, a tolerância religiosa, a separação entre Igreja e Estado e as escolas seculares.

Com a Proclamação da República, sob a influência do positivismo que a inspirou, instaura-se um regime que separa a Igreja do Estado, situação que permanece até aos dias de hoje. Na Constituição Federal de 05.10.1988, a questão das relações entre o Estado e as Igrejas é tratada no artigo 9, VI e VIII, onde se dispõe que:

É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias; ninguém será privado de direitos por motivos de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se da obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei.

De acordo com a atual Constituição (art. 210, I), o ensino religioso será de matrícula facultativa e constituirá disciplina dos horários normais da escola de ensino

fundamental. Portanto, o Estado não exclui o ensino da religião ou das religiões dentro do horário escolar, aos alunos dos diversos credos. É evidente que as aulas de ensino religioso devem respeitar a convicção religiosa dos alunos, pois a escola recebe alunos de todas as denominações religiosas.

A sociedade em que vivemos é uma sociedade pluralista, dividida em muitos credos, confissões religiosas e filosofias de vida, adotados por grupos e famílias diferentes. As famílias têm, com relação à educação dos filhos um direito e um dever, bem como o Estado também o tenha, segundo a Constituição Federal/88 que traz em seu artigo 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será provida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Sendo assim, é certo as famílias esperarem da escola uma formação dentro da filosofia de vida em que os filhos foram criados, desde que respeitem as exigências do Estado e os preparem para uma vida cívica e responsável.

Considerando que a educação é uma atividade criadora, um processo vital, que visa levar o ser humano a realizar suas potencialidades físicas, intelectuais, morais e espirituais, uma escola confessional estaria melhor preparada para atender o aluno em todas as suas dimensões, uma vez que a religião constitui componente integrante na formação dos indivíduos.

Sabe-se que a educação não se reduz à preparação do aluno para fins exclusivamente utilitários, como uma profissão, mas abrange o homem integral, em todos os aspectos do seu corpo e em toda extensão de sua vida sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica e social, para elevá-la e aperfeiçoá-la. A religião faz parte da filosofia de vida dos indivíduos.

Cada indivíduo tem o direito de ser educado de acordo com a filosofia de vida da família a que pertence, pois esta tem prioridade relativamente à educação da prole, por ser a instituição familiar anterior à da sociedade civil e à do Estado. Como, porém, a família não dispõe em si mesma, de todos os meios

indispensáveis à efetivação de seu direito de educar, ela pode delegar poderes para esse fim à escola, através de uma escolha consciente, que assegure a manutenção dos princípios básicos de uma concepção de vida e dos justos anseios e esperanças com que ela considera o destino dos seus filhos⁴.

Este direito é reconhecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que defende o desenvolvimento integral da personalidade humana e sua participação da obra do bem comum, segundo art. 29 e art. 32 e incisos:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Cumprido ao Estado providenciar para que todos os cidadãos recebam educação num grau que lhes permita formação harmoniosa de seu caráter e personalidade. A educação religiosa dará sua contribuição a fim de preparar o indivíduo para o uso da liberdade, através da formação de hábitos, atitudes e comportamentos impregnados do sentimento da dignidade da pessoa humana.

⁴ ÁVILA, Fernando Bastos de (S.J.) **Pequena enciclopédia de moral e civismo**. 2. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escola (FENAME) – Ministério da Educação e Cultura, 1972, p. 254.

1.2 Breve Histórico da Escola Adventista

Enquanto entidade confessional, a Rede Educacional Adventista foi instituída pela Igreja Adventista do 7º Dia, teve sua origem num grupo de estudiosos da Bíblia. Acreditavam na verdade bíblica sobre o segundo advento de Cristo a essa terra e se organizaram como igreja em 1863, nos Estados Unidos.

Esse grupo, pretendendo oportunizar aos seus filhos um preparo acadêmico em conformidade com a Bíblia e com os princípios cristãos, decidiu fundar escolas para participar da educação de crianças e jovens, as quais tiveram aceitação, expandindo sua clientela a todos aqueles que admiravam sua filosofia e seus métodos.

O início formal das Escolas Adventistas no mundo ocorreu em 1872, no Estado de Michigan, nos Estados Unidos da América do Norte, com abertura de Batlle Creek School, sob a iniciativa da Associação Geral, uma unidade de escolas⁵.

A Rede Educacional Adventista é mundial e está presente em 160 países, sendo considerada uma das maiores organizações privadas de ensino, contribuindo para a formação de crianças e jovens, com ensino de educação infantil até o ensino superior, totalizando aproximadamente um milhão de alunos.

As Escolas Adventistas estão organizadas, assim como as respectivas Igrejas Adventistas, em forma representativa, para serem dirigidas em quatro níveis, desde escola local, até organização mundial da Igreja / Escola.

I - Escola local – em cada cidade, com a representação de um diretor.

II - Associação - é o corpo unido de igrejas e várias escolas de um determinado estado, província ou território local. A Associação a que pertence à unidade local de Franca

⁵ **Revista de Educação da União Central Brasileira**, 1997, p. 9.

tem sede em São José do Rio Preto, reunindo sob seu comando 13 escolas na região Paulista Oeste e perfazendo um total de quatro mil estudantes. Cada associação busca o desenvolvimento máximo de suas escolas e a qualificação de seu ensino.

III - União - é um corpo unido de várias associações em todas as partes do mundo. Nós pertencemos à União Central Brasileira (UCB), que possui 138 unidades escolares, somando um total de 48.603 estudantes.

IV - Associação Geral - é a maior unidade de organização que engloba todas as Uniões em todas as partes do mundo.

No mundo são 6.064 Instituições Educacionais Adventistas, sendo: na Tabela 1 apresentamos algumas características dessas instituições.

Tabela 1 – Caracterização das Instituições da Rede Adventista no mundo.

Número de Instituições Educacionais	Cursos que Oferecem	Número de Alunos
4.808	Ensino Fundamental	732.698
1.161	Ensino Médio	266.805
95	Ensino Superior	65.589
TOTAL		1.065.092

Fonte: Proposta Pedagógica da APO, 2003, p. 1.

Trabalham em toda a rede 74.439 pessoas, sendo 55.906 professores e 18.533 funcionários.

Há 368 Instituições com internato, sendo que 264 oferecem ensino superior.

Toda a rede Adventista usa uma logomarca única que possui um significado em cada parte do seu desenho (ver Anexo 1, p. 131).

1.3 A Escola Adventista no Brasil

A Rede de Escolas Adventistas no Brasil está presente há mais de um século em todos os estados, com 531 unidades escolares e 115.489 alunos.

Teve início em 1896, através do Colégio Internacional em Curitiba, Paraná (Anexo 2, p.132).

Foi o professor Guilherme Stein Júnior, jovem de 25 anos e sua esposa Maria, que estabeleceram solidamente a primeira Escola Adventista no Brasil, fundada no dia 1º de Julho de 1896. Eles se dedicaram tanto ao colégio, que as matrículas melhoravam a cada dia. Famílias renomadas de Curitiba matricularam seus filhos na Escola Adventista.

Logo, o casal Stein foi transferido para fundar nova escola em Gaspar Alto, Santa Catarina (1897), que logo se tornou internato para preparação de missionários.

Em 1915, no município de São Paulo, começa a funcionar o Seminário Adventista, hoje Instituto Adventista de Ensino (IAE). Nos anos que se seguem novos internatos foram abertos:

1937 – O Ginásio Adventista de Taquara, atual Instituto Adventista Cruzeiro do Sul, em Taquara, Rio Grande do Sul.

1943 – O Educandário Nordeste Adventista, em Belém de Maria, Pernambuco.

1947 – O Ginásio Adventista Paranaense.

1963 – O Edessa, no Espírito Santo.

1965 – O Agro Industrial, em Manaus.

E assim, sucessivamente, essa rede não parou mais de crescer, podendo-se dizer que quase todas as cidades do Brasil possuem hoje uma Escola Adventista (Anexo 3, p.133).

O Brasil é o país com maior matrícula nos três níveis de ensino do mundo.

Foi na década de 90 que o ensino médio teve o seu maior avanço. Contamos com o ensino superior, no IAENE (Instituto Adventista do Nordeste) na Bahia, e dois campus do IAE (Instituto Adventista de Ensino) em São Paulo, oferecendo cursos de Teologia, Nutrição, Matemática, Ciências da Computação, Educação Física, Enfermagem, Letras, Ciências Biológicas, Música e Pedagogia. Há também a UNASP (Universidade Adventista de São Paulo), campus 2, com os cursos de Administração, Ciências Contábeis, Jornalismo, Educação Artística, Engenharia Civil, Letras, Pedagogia, Tradutor e Intérprete e Teologia. São oferecidos também cursos de pós-graduação lato-sensu em pelo menos cinco áreas da saúde e educação, cursos de mestrado em Teologia e Educação, com diversos eixos temáticos, assim como doutorado nessas duas áreas.

Observe na Tabela 2 as Instituições Adventistas no Brasil hoje:

Tabela 2 – Caracterização das Instituições da Rede Adventista no Brasil

Número de Instituições Educacionais	Cursos que Oferecem	Nº de alunos	Professores
393	Ensino Fundamental	95.463	5.416
133	Ensino Médio	15.980	1.786
5	Ensino Superior	4.036	314
TOTAL		115.489	7.516

Fonte: Proposta Pedagógica da APO, 2003, p. 1.

1.4 A Escola Adventista de Franca

Os trabalhos da Escola Adventista em Franca iniciaram-se no ano de 1990. A Escola foi fruto do resultado da 1ª Escola Cristã de Férias⁶ realizada na Igreja Adventista do 7º Dia, situada à rua General Osório, nº 771. A diretora do Departamento Infantil, Senhora Margarida Souza Bertolde, esteve à frente desse trabalho, executando várias atividades com diversos alunos no período das férias escolares. Na formatura dos alunos foi feito um apelo pelo pastor distrital Flávio Ferraz, para se formar a 1ª Escola Adventista em Franca.

A comissão da Igreja⁷ apresentou um projeto à Associação Paulista Oeste para dar andamento neste tão esperado sonho. O projeto foi aprovado e foi fundada e instalada a primeira Escola Adventista de Franca, à rua Homero Alves, nº 1099, Jardim Consolação, havendo 12 crianças matriculadas.

No ano de 1991, a escola mudou-se para a avenida Champagnat, num prédio maior e chegou à média de 30 alunos. Em 1993, fixou-se à rua Monsenhor Rosa, com a média de aproximadamente 60 alunos. No mês de setembro do referido ano, para Avenida Presidente Vargas, nº 530, sob a direção de Lucimara Ribeiro, esposa do então pastor distrital Wilson Ribeiro.

Em 1994, a escola, sob a direção do professor Geraldo Tomázia Araújo, experimentou um período de notável crescimento. Nesse ano implantou-se a 2ª série do Ensino Fundamental, atingindo um total de 140 alunos. No ano seguinte, 206 estavam matriculados, inclusive, nas 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental. A 5ª série foi implantada

⁶ Projeto evangelístico dirigido pelo Departamento Infantil, cuja finalidade é evangelizar e preparar as crianças no conhecimento de Jesus.

⁷ Refere-se à liderança da Igreja, formada pelos diretores de cada departamento.

em 1996, com o total de 13 alunos. Em meados do ano de 1996, iniciou-se a Unidade II de Educação Infantil, situada à rua Frederico Moura, nº 1664, Cidade Nova, começando a funcionar com 72 alunos.

No dia três de fevereiro de 1997, foi implantada a 6ª série do ensino fundamental, no período matutino, com 13 alunos matriculados.

Em 1998, ainda sob a direção do professor Geraldo, a Escola Adventista de Franca implantou a 7ª série.

No ano de 1999, transferido o diretor Geraldo para outra cidade, veio atuar o professor Levi Eduardo Leite, que executou a 1ª formatura de 8ª, série que teve seu nome de turma, “Geraldo e Ivete”, em homenagem aos fundadores das classes de 5ª a 8ª séries de Franca.

Ainda sob a direção do professor Levi, nos anos de 1999 e 2000, a escola mudou novamente de endereço, agora para um prédio bem maior, com amplas acomodações, na rua Afonso Pena, 856, Vila Duque de Caxias, onde funciona atualmente (ver Anexo 4, p.134).

No final do ano de 2000, transferido o professor Levi Eduardo Leite, assumimos em 2001 a direção, atividade que exercemos atualmente e trabalhamos no fortalecimento do ensino fundamental, com projeto para em breve abriremos para Franca o Ensino Médio.

Hoje a escola, já com 12 anos completos de funcionamento, conta com 240 alunos, sendo 45 na Educação Infantil, 100 de 1ª a 4ª e 95 alunos de 5ª a 8ª séries.

Trabalham na escola 17 professores e 11 funcionários.

1.5 A Educadora Ellen White

Ellen Gould Harmon nasceu em 26 de novembro de 1827, em uma fazenda ao norte da vila de Gorhana, Maine, a oeste de Portland. Filha do casal, Robert Harmon e Eunice Gould Harmon, que eram da Nova Inglaterra, com antepassados britânicos. Ellen e sua irmã gêmea Elizabeth (não idêntica) eram os filhos mais novos (Anexo 5, p.135). Ellen tinha ao todo sete irmãos, sendo cinco mulheres e dois homens. Mudou-se com seus pais para Portland ainda menina, onde seu pai fora trabalhar fazendo chapéus.

Ellen era uma criança animada, alegre e ativa. Com nove anos, enquanto voltava de uma escola pública para casa, foi ferida por uma pedra atirada por uma colega de classe. Esse acidente iria afetar sua vida inteira. Teve o nariz quebrado e, um choque, pois o ferimento foi seguido por três semanas de inconsciência. Por dois anos, esteve incapaz de respirar pelo nariz e pouco podia ir à escola. O esforço a deixava tonta e suas mãos não se mantinham suficientemente firmes. Com 12 anos de idade fez sua última tentativa, e novamente sofreu pela saúde precária, porém, seus pais, sábios e modestos, não lhe permitiram crescer em inútil ignorância. Recebeu de sua mãe, educação prática e completa e sua educação posterior veio da leitura e do contato com outros.

Ellen era uma fervorosa jovem cristã juntamente com seus pais. Em 30 de agosto de 1846, com 19 anos, casou-se com o pastor adventista Tiago White, após o que passou a ser conhecida como sra. Ellen G. White e passou a viver ativamente na pregação do evangelho. Ela juntamente com seu marido dedicava-se muito ao estudo. Teve seus filhos, e continuou na vida de leitura, estudo, viagens para pregações e escritos que foram publicados. Seu trabalho abrange um período de 70 anos, 60 dos quais foram passados na América e dez na Europa e Austrália. Ellen White morreu em seu lar em 16 de julho de

1915, na avançada idade de 87 anos e foi sepultada em Battle Creek. Suas últimas palavras foram: “*Eu sei em quem tenho crido.*” Seus livros foram traduzidos para muitas línguas, em todas as partes do mundo.

A produção literária de Ellen G White foi maior do que é comum (Anexo 6, p.136). Ela escreveu toda sua obra literária à mão, freqüentemente bem cedo, de manhã, enquanto outros dormiam e aproveitando cada momento livre em casa ou em viagem. Para seu auxílio, no início, ela contava com o esposo e assistentes literários, e mais tarde com uma equipe que copiava o material, fazendo correções na escrita, pontuações e gramática, como geralmente é o trabalho dos editores. Delineou regras para manter a autenticidade de seus textos.

No tempo de sua morte, as produções literárias consistiam de mais de 100.000 páginas. Tem de sua autoria 24 livros em circulação, 2 manuscritos prontos para publicação, 5.000 artigos em periódicos, 200 ou mais folhetos e panfletos, 6.000 manuscritos datilografados, 2.000 cartas manuscritas, documentos, diários e jornais, compreendendo 15.000 páginas datilografadas.

A Sra. White recebeu os direitos autorais de suas produções literárias, os quais ela usava para suprir as despesas de seu trabalho, equipe literária e para pagar as despesas iniciais de seus livros, como composições, montagem e ilustrações, e também para o trabalho missionário da igreja.

**PARTE II – ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA
ESCOLA ADVENTISTA DE FRANCA**

2.1 A Organização e Objetivo da Rede Adventista

A organização da Escola Adventista está em sintonia com os fins e objetivos da entidade mantenedora (Associação Paulista Oeste, com sede em São José do Rio Preto), das unidades e objetivos de cada curso e série e com as diretrizes curriculares instituídas através da legislação vigente.

A Educação Adventista está em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, oferecendo o mínimo de 800 horas anuais, distribuídas por, no mínimo, 200 dias letivos.

Uma das preocupações constantes da escola é preparar o aluno para o exercício da cidadania, desenvolvendo no estudante suas potencialidades de forma integral, respeitando-lhe as individualidades e preparando-o para o trabalho e convívio social, em harmonia com a LDB, artigo 2º, que dispõe:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

São considerados efetivo trabalho escolar todas as atividades regulares de aula ou projetos didático-pedagógicos planejados pela Unidade Escolar intra ou extra curricular, com a participação de professores e alunos.

A Escola em sua organização administrativa valoriza os princípios da gestão participativa, em que o processo de tomada de decisões, planejamento, execução,

acompanhamento e avaliação referente às metas estabelecidas estejam em conformidade com a legislação em vigor e de acordo com as diretrizes filosóficas da Instituição.

A rede das Escolas Adventistas tem o objetivo principal centrado nas Escrituras Sagradas, preparando o educando para todo o período de sua existência, tentando, assim,

Restaurar no homem a imagem de seu Autor, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, espírito e alma, para que se pudesse realizar o propósito divino da Sua criação, tal deveria ser a obra da redenção. Este é o objetivo da educação, o grande objetivo da vida⁸.

Para alcançar tal propósito, valoriza-se o conhecimento do corpo e sua relação com a mente, orientando os alunos acerca de princípios de saúde baseados nesse binômio. É trabalhada com os alunos a necessidade do vínculo familiar, de solidariedade humana, de tolerância na vida social e a valorização da palavra divina como regra de uma vida saudável e feliz.

O ideal filosófico do sistema educacional Adventista é esboçado nas Escrituras Sagradas e também na visão da educadora Ellen G. White, principalmente em seu livro Educação.

Cada ser humano criado à imagem de Deus é dotado da faculdade de pensar e agir... É obra da verdadeira educação desenvolver essa faculdade nos jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem... Em vez de pusilânimes educados, as instituições de ensino poderão produzir homens senhores e não escravos das circunstâncias, que possuam clareza de pensamento e convicção⁹.

A proposta de Ellen G. White, há mais de cem anos preconizava a participação ativa do estudante na sala de aula, enfatizando que o aluno deve sempre levantar questionamento, investigar o assunto e aprender por si mesmo. O professor deve “dirigir o desenvolvimento do aluno”¹⁰.

⁸ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 15-16.

⁹ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 17-18.

¹⁰ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 288.

Sendo assim, uma das preocupações da escola é preparar o estudante para a vida e não apenas para determinados períodos da vida como o vestibular. Assim, a escola orienta o aluno para a aquisição de habilidades necessárias para se viver em sociedade.

Diante da crise de princípios de valores, resultante da deificação do mercado e da tecnologia, do pragmatismo moral, ou relativismo ético, é preciso que a escola contribua para uma nova postura ético-valorativa de recolocar valores humanos fundamentais como a justiça, a solidariedade, a honestidade, o reconhecimento da diversidade e da diferença, o respeito à vida e aos direitos humanos básicos, como suportes de convicções. A par disso, a escola tem um grande papel no fortalecimento da sociedade civil, das entidades, das organizações e movimentos sociais. Ora, tudo que esperamos da escola para os alunos são, também, exigências colocadas aos professores¹¹.

Os estudantes devem, enquanto na escola, ser despertados em sua sensibilidade moral no que respeita a ver e sentir os direitos que a sociedade tem sobre eles, e que devem viver em obediência às leis naturais, de modo a poderem, por sua vida e influência, por preceito e exemplos, ser para essa sociedade proveito e bênção.

Segundo Ellen White, todo jovem, ao deixar a escola, deve ter adquirido uma ocupação com que, se for necessário, possa ganhar a sua subsistência. Os jovens precisam de um preparo que os torne práticos e úteis à sociedade. Por esta razão, nas nossas escolas é agregado ao currículo o trabalho comunitário, visando potencializar o saber do aluno de forma a contribuir para o desenvolvimento da cidadania cooperativa. São oferecidas oficinas de arte culinária, música, horta, trabalhos manuais, costura, marcenaria, mecânica, etiqueta social, teatro, artes visuais e o aluno é convidado a participar de projetos comunitários de ação voluntária junto à comunidade carente (Anexo 7, p.137).

A proposta da escola é sensibilizar o aluno para se tornar um agente transformador, pois, o trabalho voluntário aproxima do significado da vida e ajuda na formação de seus valores. A escola procura sempre incentivar a qualidade profissional dos seus professores, oferecendo cursos e reuniões pedagógicas, onde se trabalha sempre em equipes. Oferece

¹¹ LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991, p. 89. (Coleção Magistério 2º grau – Série Formação do professor).

ajuda com bolsa de estudo para ensino superior, mestrado, aperfeiçoamentos, pós-graduação e doutorado. Apresenta indicação de leituras, aquisições de material didático que possa contribuir no processo ensino-aprendizagem.

Na perspectiva Adventista de educação, o papel do professor é de vital importância, porque “todas as coisas deixam sua impressão na mente juvenil. O semblante é estudado, a voz tem sua influência e o comportamento é pelos alunos bem imitado”¹².

Portanto, os professores recebem livros para leitura e orientações constantes de como melhor atender aos alunos e pais através de reuniões periódicas.

As Escolas Adventistas não possuem somente professores da igreja, mas orientam os professores que não professam a mesma fé de como trabalhar com a filosofia da Escola, prezando sempre a amizade e exemplo. A Escola de Franca possui um quadro de dezessete professores, desde o ensino infantil até o término do fundamental.

Em relação aos pais de alunos, a escola sempre procura fazer um trabalho bem direcionado, colocando o pai a par de todo andamento escolar de seu filho, promovendo palestras com orientações sobre educação, saúde, trazendo palestrantes em várias áreas, e mantendo assim um contato permanente com os pais.

A escola também oferece cursos à comunidade nas áreas de saúde, culinária, corte e costura, curso sobre tabagismo, encontro de casais, orientações aos jovens, semana de oração com as famílias e escola cristã de férias.

Na área da educação religiosa, a escola ministra aulas de ensino religioso para todos os alunos, desde o infantil até a 8ª série, sendo essas objetivadas no ensino das Escrituras Sagradas, a compreensão da existência de um Deus criador e mantenedor e também na orientação de valores morais e sociais com respeito a amizades, família, cuidados com o corpo, perigo do uso de drogas, álcool, fumo, fazendo trabalhos voltados para esta área,

¹² WHITE, Ellen Gould. **Orientação da Criança**. 5 ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1977.,p.482.

trazendo profissionais para palestras, assistindo documentários e discutindo biblicamente com os alunos (Anexo 8, p. 138).

Nossa escola não é somente para alunos adventistas, mas para todos, pois, condena-se qualquer tratamento desigual por motivos de convicção filosófica, política ou religiosa. Nosso objetivo é assegurar aos alunos o direito de serem respeitados. Um bom exemplo disso, é o fato de que 70% dos alunos nas escolas de nossa rede não são adventistas, são procuradas por pais que apontam como necessidades básicas à parte moral e espiritual ensinada.

2.2 A Direção da Escola

Diante das mudanças sociais, políticas, econômicas, na qual estamos inseridos, o administrador escolar ou gestor escolar deve planejar e refletir suas ações dentro de uma atuação mais abrangente, deixando de somente dar ênfase ao andamento burocrático da escola.

O gestor educacional objetiva promover a organização, a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos sócio-educacionais.

As funções de um diretor de escola não estão apenas no acompanhamento das normas legais, armazenamento de dados dos alunos, presidência dos conselhos de classe e muitos outros encargos que lhe são atribuídos para o bom andamento da causa escolar.

É importante o diretor ou gestor escolar ter em mente que a educação só terá resultado eficiente se for feito um trabalho de equipe. Através de um trabalho conjunto, pode-se alcançar com êxito os objetivos da instituição. O trabalho do Administrador Escolar partirá de uma reafirmação de nossas bases filosóficas, centrado nas Escrituras Sagradas e nos ensinamentos da educadora Ellen White.

Sob sua liderança, atuam os professores, alunos, coordenador, funcionários, famílias e membros da sociedade organizada que se relacionam com a escola.

O gestor educacional deverá atuar democraticamente, e fazer com que cada pessoa sob sua responsabilidade possa dar o melhor de si. Espera-se ainda do diretor que tenha a capacidade de enfrentar situações complexas e tomar decisões acertadas, devendo demonstrar firmeza e capacidade de liderança para o bom andamento das atividades. Outro ponto importante para o desempenho do gestor educacional é a autonomia, consistindo no espaço de tomada de decisões voltada para o fortalecimento da escola como organização social comprometida reciprocamente com a sociedade, tendo como objetivo a melhoria da qualidade de ensino.

O diretor da Escola Adventista deve saber ouvir o seu professor, discutir dúvidas metodológicas e pedagógicas, desenvolver uma convivência contínua, participar das reuniões pedagógicas, enriquecê-las com textos interessantes e articular uma amizade para o melhor desenvolvimento das tarefas no grupo dos professores. Em relação ao aluno, o diretor deve conhecê-los, estar presente nos intervalos, ir até a sala de aula para conversar, identificar problemas, orar com os alunos, desenvolver um ambiente propício para que o aluno não tenha medo e sim respeito.

Deve também atuar em relação à família, ouvindo todas as reclamações e reivindicações que se fizerem necessárias. Quase sempre, só em ouvir os temores dos pais, reduz pela metade a carga de tensão e aumenta a confiança depositada na escola. Deve

sempre atender os pais com afeto, sendo ético em relação a todas as entrevistas, guardando absoluta discrição sobre os assuntos tratados.

Seu papel na escola é de suma importância, o afeto com que os funcionários devem tratar os alunos é uma decorrência do afeto que eles recebem do diretor da escola.

A escola deve estar aberta também à comunidade, com eventos e programas organizados pelo diretor.

Enfim, segundo Maria Nilza de Oliveira Fernandes¹³, o cenário do tempo em que vivemos, a Era-pós-informática, da globalização, de mudanças muito velozes e imprevisíveis são características que devem se transformar em traços peculiares ao líder de hoje:

1. Ser sensível e capaz de mudanças rápidas para estimular e orientar os liderados.
2. Ver de forma global, percebendo as relações das partes com o todo e das partes entre si.
3. Procurar, em todo momento e situações, a dimensão espiritual dos seres, da vida, da natureza, trazendo significado e viver ético.

Este é o conceito de gestor que deve atuar na Escola Adventista, que nunca se esquive de sua responsabilidade, que vá até seus companheiros e interaja, que observe, que resolva, que participe, que construa e acima de tudo que confie em Deus.

¹³ FERNANDES, Maria Nilza de Oliveira. **Líder-educador:** novas formas de gerenciamento. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 15.

2.3 Orientação e Coordenação Pedagógica

O Coordenador pedagógico e o Orientador educacional são profissionais que também fazem parte da equipe de gestão de uma Instituição. Na Escola Adventista de Franca atua na coordenação a prof^a Eliana Cristina Pires, que acumula atividades também de orientação, quando necessário.

Seu trabalho é diretamente com os alunos, ajudando-os em seu desenvolvimento pessoal; em parceria com os professores, para compreender o desenvolvimento dos estudantes e agir de forma adequada em relação a eles; com a escola, na organização e realização da proposta pedagógica; e com a comunidade, orientando, ouvindo e dialogando com pais e responsáveis pelos alunos.

O coordenador tem como objetivo proporcionar ao aluno um clima favorável para o trabalho e estudos. Deve conhecer bem cada aluno, suas limitações, sua história de vida e juntamente com os professores acompanhar o desenvolvimento acadêmico de cada educando. Cabe a ele participar junto aos pais de situações de dificuldades que os alunos estejam enfrentando, de problemas relacionais que possam ocorrer dentro da comunidade escolar e encaminhar o aluno a especialistas, quando necessário.

O coordenador procura desenvolver atividades que proporcionem aos alunos o conhecimento de suas aptidões, interesses e traços de personalidade.

Também trabalha diretamente com os professores, verificando o preparo das aulas, orientando com sugestões de materiais diversos, realizando reuniões pedagógicas semanais. Atua na linha de frente, no preparo das festas e programações da escola, juntamente com os professores e alunos. O bom desempenho da coordenadora pedagógica é fundamental para melhoria do processo educativo.

2.4 Os alunos da Escola Adventista

Os alunos da Escola Adventista são normalmente filhos de profissionais liberais, de professores, de micro e pequenos empresários. Há alunos oriundos de famílias carentes e para eles a escola possui também a parte filantrópica de assistência social com bolsas de estudos integrais ou parciais.

Dos 240 alunos que estudam na Escola Adventista de Franca, 190 não são Adventistas do 7º Dia.

Ao aluno são atribuídos direitos e deveres. Ele terá livre acesso às informações necessárias à sua educação, ao seu desenvolvimento como pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o mundo do trabalho. Ser-lhes-ão oferecidas condições de aprendizagem mediante ampla assistência por parte do professor e acesso aos recursos e materiais didáticos.

Para tanto, deve o aluno comparecer pontualmente e de forma participativa às atividades escolares, cumprindo as normas estabelecidas pela Ética Escolar Discente e demais regulamentos da unidade escolar.

Deve utilizar o uniforme, com asseio pessoal e comparecer decentemente trajado.

Embora os valores bíblicos permeiem a Educação Adventista, os alunos não adventistas têm assegurado respeito pelas suas convicções religiosas.

Na medida do possível, a escola procura atender às reivindicações dos alunos para o bom andamento do trabalho escolar, reconhecendo que a cooperação dos estudantes fortalece o ensino.

Conforme nosso Regimento Escolar, é vedada ao aluno a participação em movimentos de indisciplina coletiva, atos ofensivos à moral e aos bons costumes, utilizar-

se de livros, cadernos e outros materiais pertencentes aos colegas sem permissão, escrever nas paredes e nos pisos ou a prática de qualquer ação viciosa nas dependências e imediações da escola.

Conforme o regimento escolar Adventista, serão consideradas faltas graves, o desrespeito às autoridades escolares, a produção de danos à propriedade alheia, a incitação a atos de rebeldia ou a participação dos mesmos, a prática de qualquer espécie de violência à pessoa.

Ao aluno pelo não cumprimento de seus deveres e pelas faltas cometidas, são graduadas penalidades segundo a sua gravidade na seguinte ordem:

- Admoestação verbal e repreensão pelo professor em sala de aula e, fora dela, por qualquer professor ou funcionário que tomar conhecimento da falta;
- Retirada da sala de aula pelo professor e encaminhamento à Administração da unidade escolar, sendo julgada a avaliação até o momento da interrupção, quando esta ocorrer durante o período da avaliação;
- Repreensão particular, oral ou escrita pelo Administrador Escolar;
- Suspensão de algumas ou de todas as atividades escolares, pelo prazo máximo de três dias, pelo Administrador, não tendo direito à reposição das atividades avaliativas perdidas em decorrência da penalidade culminada;
- Emissão compulsória da transferência, por voto do Conselho de Classe, quando houver falta grave ou incompatibilidade disciplinar;
- Anulação do ato escolar respectivo, pelo professor, nos casos em que o aluno recorrer aos meios fraudulentos na realização de provas ou avaliações.

A escola procura desenvolver o respeito ao aluno como elemento fundamental para se formar uma geração com capacidade simultânea de sonhar e executar. Nossos alunos consideram a escola como o seu segundo lar, um lugar onde são amados e respeitados.

2.5 Os Professores da Escola Adventista

O professor é o agente do processo educacional, a alma de qualquer instituição de ensino. Na Escola Adventista contratam-se professores de acordo com a legislação vigente e as normas do Regimento Escolar.

Os professores que não são Adventistas devem tomar conhecimento da filosofia cristã estabelecida em nossa Instituição de Ensino e respeitar os princípios cristãos dentro da unidade escolar.

O contrato do professor é através de análise de currículo, convite e entrevista com o coordenador pedagógico e o diretor da unidade escolar.

Ao professor da unidade escolar também serão atribuídos direitos e deveres. Cabe à escola a realização de reuniões de cursos de aperfeiçoamento e atualização pedagógica. Busca-se promover ao professor acesso a todos os recursos didáticos constantes do acervo da unidade.

Compete ao professor, observar o desempenho dos alunos, identificando as necessidades e carência de ordem social, psicológica, material e de saúde que interferem na aprendizagem. Também manter contato com os pais ou responsáveis (tios, avós) pelos alunos, informando-os sobre o desenvolvimento e desempenho do aluno. Deverá participar dos conselhos de classe, das reuniões pedagógicas e das reuniões de Pais e Mestres.

Cabe a ele preparar as suas aulas e acreditar no que diz, ter convicção em seus ensinamentos para que os alunos também acreditem e sintam-se envolvidos. Precisa de preparo para alcançar os objetivos que almeja. Deve acompanhar seu planejamento anual de forma a refletir onde se quer chegar e no cumprimento dos objetivos planejados.

Ellen White declara que:

Alguém que seja apto a ensinar é como consagrado servo de Cristo, cresça em conhecimento enquanto transmite instruções. O professor que haja consagrado o seu eu ao serviço de Deus, será capaz de efetuar uma obra definida no serviço missionário e instruirá as crianças nos mesmos ramos¹⁴.

É, também, vedado ao professor ministrar com remuneração, a qualquer pretexto, aulas particulares a alunos de turmas de sua regência, entrar em atraso em classe ou sair antes do término das aulas e trajar-se indevidamente no ambiente escolar, mesmo que seja fora do horário normal das aulas.

Todos os professores da Educação Infantil de 3 a 6 anos e de 1ª a 4ª série são Adventistas do 7º Dia, conhecendo bem a filosofia cristã e sabendo da importância de seu papel no que diz respeito ao espelho que é aos alunos, as fases do desenvolvimento das crianças e a preocupação na formação do caráter.

Já no Ensino Fundamental, dos 10 professores que atuam nas diversas áreas como Ciências, Português, Redação, Matemática, Inglês, Espanhol, Geografia, História, Religião, Educação Física, Artes e Informática, somente 3 são Adventistas do 7º dia, sendo que os demais são conhecedores da proposta educacional adventista e atuam de forma a colaborar para o bom andamento desta filosofia, tendo Deus como o Mestre dos Mestres.

2.6 As Aulas de Capela

A escola oferece dentro do horário das aulas quinzenalmente uma aula especial que chamamos de capela, quando todos os alunos vão para o auditório da escola e participam da programação ali realizada.

¹⁴ WHITE, Ellen G. **Conselhos aos professores, pais e estudantes**. Tradução de Isolina A. Waldvogel. 5. ed. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000, p. 143.

Essas aulas têm como objetivo a confraternização dos alunos, manter as atividades espirituais da escola, trazer informação e cultura e dar oportunidade aos educandos de apresentarem peças teatrais, debates, cantatas, ouvirem palestras e participarem efetivamente nos projetos escolares. Os alunos participam destas aulas, muitas vezes sendo os responsáveis pela elaboração das mesmas juntamente com seus professores (ver Anexos 9A, p. 139 e 9B, p.140).

2.7 Conselho de Classe

O Conselho de Classe é integrado pelo Administrador Escolar, Coordenador pedagógico, professores coordenadores de área, quando houver, professores das respectivas classes e o Secretário, a quem cabe a elaboração das atas respectivas. O Conselho de Classe reúne-se, ordinariamente, ao final de cada bimestre, ao final do ano letivo e, extraordinariamente, quando convocado pelo administrador Escolar. Reúnem-se para verificar a situação de cada aluno e traçar planos de como ajudar a cada um individualmente diante de seus problemas, dificuldades e limitações.

A reunião do Conselho é de grande importância para a escola, pois através dela os professores podem acompanhar o desempenho dos alunos e detectar problemas que possam estar dificultando o processo ensino-aprendizagem, tanto na área do trabalho do professor como nas normas colocadas pela escola. Discute-se a história de vida do aluno que se conhece pelo trabalho de visitação e se propõe encontrar um ponto comum entre os membros do conselho de como trabalhar com o aluno para ajudá-lo. No conselho de classe

também se analisam os padrões de avaliações utilizados pela escola, coletam-se informações sobre as necessidades da escola e dos alunos, interesse dos alunos e se elaboram projetos educacionais para melhoria do trabalho escolar.

2.8 Sistema de Avaliação

O processo avaliativo será visto sob a ótica em que educador e educando, numa relação dialética, construirão a aprendizagem, sendo ambos sujeito desse processo de construção, considerando as diferentes aptidões dos alunos. A avaliação faz parte da rotina escolar. É importante nesse processo valorizar os pontos fortes e não apenas apontar os fracos. É de Ellen White a seguinte declaração:

Ensine-se à criança e ao jovem que todo erro, toda falta, todas dificuldades vencidas, se tornam um degrau no acesso a coisas melhores e mais elevadas. É mediante tais experiências que todos que tornaram a vida digna de ser vivida, alcançaram êxito¹⁵.

O sistema de avaliação está fundamentado numa concepção formativa, valorizando a efetiva aprendizagem qualitativa e não apenas obtenção de notas.

Processa-se de forma contínua e cumulativa, pois o professor verificará o desenvolvimento dos alunos através dos objetivos propostos e utilizando diversos instrumentos de avaliação. No início de cada bimestre os alunos recebem os registros dos objetivos propostos referentes ao conteúdo que será trabalhado durante esse período. No final do bimestre, os resultados são quantificados em notas (valores numéricos de zero a dez).

¹⁵ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 296.

Na Educação Infantil, a avaliação terá característica diagnóstica, e se processará através da observação sistemática, acompanhando o desenvolvimento da criança, nos aspectos cognitivo, afetivo, social, físico e psicomotor, não tendo caráter de retenção nem seleção.

A avaliação deve refletir, em todos os aspectos, a busca em alcançar os objetivos propostos, levando em conta as diferenças individuais e as formas de aprendizagem que variam de pessoa para pessoa.

Dentre as muitas maneiras de avaliar, destacamos as provas escritas, a participação em discussões, observância da conduta dos alunos, tarefas realizadas, leitura de livros e textos, apresentação de seminários, etc.

Há inúmeras circunstâncias nas quais o professor precisará avaliar um trabalho, pesquisa, prova, além de várias outras situações em que ele precisará obter um diagnóstico. O importante é que esse diagnóstico seja inerente à tarefa (elogiar ou avaliar descritivamente), tendo ele a função de informar quais foram os resultados. A partir das constatações, apontar outros caminhos para o desenvolvimento. Isso é diferente de emitir um juízo de valor sobre as características pessoais do aluno. Jamais se valer de um sistema de recompensas e punições¹⁶.

Os pais devem interagir com essas informações, através das reuniões de pais e mestres, analisando a ficha que descreve o comportamento acadêmico do aluno em relação aos objetivos, a fim de participar na formação do filho, uma vez que esse sistema valoriza a aquisição e desenvolvimento de valores e atitudes.

Ellen White já declarava no século passado que todo professor deve cuidar para que seu trabalho tenha resultados definidos.

A possibilidade em cada ser humano. O verdadeiro educador conservando em vista aquilo que seus discípulos podem tornar-se reconhecera o valor material com que trabalha. Terá um interesse pessoal em cada um de seus alunos e procurará desenvolver todas as suas faculdades¹⁷.

¹⁶ VINHA, Telma P. O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista. Dissertação de Mestrado – Campinas-SP, 1997, apud LEITE, Elnaque R. C.. UCB, **Proposta metodológica para educação básica na escola adventista**, 1999, p.137.

¹⁷ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 232.

Vinha (1997), acrescenta ainda que a avaliação deveria ser, tanto para o aluno, como para o professor, um instrumento de replanejamento do trabalho pedagógico, a partir da discussão e análise dos resultados encontrados. Errar e acertar faz parte do processo de aprendizagem. O professor deve aproveitar a situação do erro, para descobrir a causa e orientá-lo devidamente.

A escola trabalha em consonância com a nova Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96, que no seu inciso V, do artigo 24, determina que deve haver avaliação “contínua e cumulativa do desempenho do aluno com prevalência dos aspectos qualitativos”. Pela avaliação contínua é possível ao professor orientar o aprendizado dos alunos, conduzindo-os a descobrirem por si mesmos o conhecimento. Ele é ao mesmo tempo, professor e aluno, tornando-se aprendiz junto com seus alunos. A avaliação é um processo e não um ato isolado, estanque na relação ensino-aprendizagem.

Também está previsto na lei que caso o aproveitamento seja insatisfatório, serão promovidos estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo.

2.9 Sistema de Recuperação

A recuperação aborda etapas específicas referentes ao acompanhamento do rendimento acadêmico. Nos casos de dificuldades do aluno de assimilar os objetivos propostos, serão feitas orientações de estudo e criadas novas estratégias e situações de aprendizagem.

- **Recuperação contínua e paralela:** o professor retoma o objetivo logo após a constatação da dificuldade. Pode ser em forma de estudos individualizados ou aulas de recuperação. Quando as aulas são oferecidas fora do horário, é de obrigatoriedade do aluno a presença com convocação prévia.
- **Recuperação especial:** ocorrerá no final de cada semestre para os alunos que não alcançarem os objetivos através da recuperação paralela. Na permanência de objetivos não alcançados após a recuperação especial, ao final do ano letivo, o conselho de classe apreciará o desempenho global do aluno ao longo do ano letivo em todos os componentes curriculares, decidindo sobre a progressão ou retenção.

Ao término do ano letivo, no Ensino Fundamental, o professor atribuirá ao aluno um parecer final no componente curricular ou série sob a sua responsabilidade em termos de promoção ou retenção, mediante análise do rendimento escolar referente ao alcance de 60% dos objetivos propostos durante todo o ano letivo, ouvido o Conselho de Classe e Equipe Pedagógica.

O aluno com frequência inferior a 75% em algum componente curricular estará retido.

2.10 Tesouraria

A Escola Adventista de Franca possui uma tesouraria com uma pessoa designada para cuidar da parte financeira e econômica da escola.

Os serviços da tesouraria são desenvolvidos de acordo com as normas e procedimentos estabelecidos pelo Departamento de Educação da Entidade Mantenedora.

É de responsabilidade da tesouraria cuidar do nome da escola junto aos fornecedores, bancos, instituições de crédito e conservar os bens móveis e imóveis da escola. Toda parte financeira da escola é controlada pela tesouraria, que organiza a contabilidade das entradas e saídas, salda os compromissos nas datas previstas e controla o caixa que deverá ser enviado para nosso departamento financeiro em São José do Rio Preto.

O tesoureiro também deve manter informada a direção da escola de gastos abusivos que porventura venham a ocorrer, procurando sempre se ater ao orçamento para cada mês. Deve orientar professores e funcionários para o devido uso dos equipamentos e móveis da escola. Trabalhar para conter despesas na orientação de aproveitamento de material, mantendo sempre a qualidade.

2.11 Secretaria

A secretaria está diretamente ligada à direção e ao corpo docente. Os serviços do setor são desenvolvidos de acordo com as normas e procedimentos estabelecidos pelos órgãos competentes do sistema de ensino e da entidade mantenedora.

A secretaria trabalha no atendimento aos pais, alunos, e a pessoas da comunidade que procuram a entidade escolar. Cuida do que se refere à organização de material, atualização de arquivos, documentação e escrituração escolar e de pessoal, transferências,

atas de reuniões, expedição, registro e controle de expedientes, manutenção e atualização dos prontuários dos alunos, informações gerais para Delegacia Regional de Ensino e Departamento de Educação¹⁸.

São de competência do secretário além de outras que lhe forem atribuídas por determinação legal, responder perante a administração, pelo expediente, pela regularidade e autenticidade dos registros da vida escolar dos alunos, cumprir e fazer cumprir normas legais, regulamentos, decisões e prazos estabelecidos para a execução dos trabalhos de suas responsabilidades, assinar todos os documentos escolares que pelas normas legais vigentes devam conter sua assinatura e responsabilizar-se pela guarda dos livros e papéis de registros escolares.

A Escola de Franca possui uma secretária que atualmente também cuida da tesouraria. Quase todo o processo da secretaria é informatizado.

2.12 A Biblioteca

A Escola Adventista de Franca possui uma ampla biblioteca, com uma bibliotecária disponível para o atendimento aos alunos e professores.

Nosso acervo de livros é ainda acanhado, sendo de responsabilidade da bibliotecária promover projetos que arrecadem livros juntamente aos alunos e à comunidade. Todos os livros são registrados e os alunos possuem um documento para retirada dos mesmos.

¹⁸ Para cada região que compreende uma associação, existe um órgão responsável pelas escolas, formada por uma equipe de profissionais que ajudam no comando e organização da rede.

A bibliotecária também trabalha com os alunos na indicação de livros, ajudando a procurar material para os trabalhos escolares e até mesmo contando história para os alunos. Também é de sua responsabilidade controlar as assinaturas de revistas, jornais e incentivar a leitura periódica.

Nossa biblioteca é informatizada, e está conectada à Internet, além de possuir material de apoio para pesquisa.

2.13 O Conselho Escolar

O Conselho Escolar é o órgão assessorial da Administração Escolar que integra a unidade escolar com a comunidade, de forma participativa.

Os membros do Conselho Escolar são eleitos anualmente em reunião da comunidade local da Igreja Adventista do Sétimo Dia, na forma prevista em seus próprios regulamentos, preservando-se a representação dos pais dos alunos, do corpo docente e pessoal técnico administrativo.

São membros natos do Conselho Escolar o Administrador Escolar da unidade, o Pastor e o Tesoureiro da Igreja à qual está vinculada.

O Conselho Escolar é presidido por um dos seus membros eleito para tanto e secretariado pelo Administrador Escolar, a quem cabe elaborar as atas respectivas.

O Supervisor Administrativo do Departamento de Educação, os Secretários de Departamentos de Educação das organizações superiores da Igreja Adventista do Sétimo

Dia e seus administradores, têm direito à voz e voto, quando presentes às reuniões do Conselho Escolar.

Os membros do Conselho Escolar não são remunerados pelo exercício de seus cargos, tendo as atribuições de colaborar com os serviços da unidade escolar, assegurando a existência do ensino nela ministrado, aprovar o orçamento anual da unidade e acompanhar a sua execução, fixar as gratuidades e o percentual das bolsas de estudos dos alunos a serem concedidos, em harmonia com as recomendações do Departamento de Educação.

Também é de sua responsabilidade aprovar projetos de reformas e tomar decisões sobre as melhorias nos aspectos físicos da unidade, colaborando ativamente com a administração escolar na realização das atividades que visem à integração da escola com a comunidade.

**PARTE III – A FILOSOFIA EDUCACIONAL
ADVENTISTA**

3.1 A Base Filosófica da Educação Adventista

Nossa filosofia educativa está esboçada inicialmente por Ellen White em seu livro **Educação**, publicado em 1903: baseada no princípio de filiação divina, a educação adventista vê cada ser humano dotado da faculdade de aprender. Esta faculdade, ou competência, ou capacidade, é passível de desenvolvimento, sendo que a pessoa faz a escolha entre desenvolvê-la ou não.

“Desde que Deus é a fonte de todo verdadeiro conhecimento, é, como temos visto, o principal objetivo da educação dirigir a mente à revelação que Ele faz de si próprio”¹⁹.

O objetivo principal da Educação Adventista é orientar e capacitar os estudantes para que desenvolvam um caráter nobre, realizando seu potencial como criaturas de origem divina e fazendo seus os valores cristãos. Reconhece-se que cada indivíduo possui a capacidade de orientar sua conduta em um contexto de liberdade responsável. Todo o programa escolar tem como propósito restaurar o ser humano à condição ideal em Deus o criou.

Cada ser humano criado à imagem de Deus, é dotado de certa faculdade própria do Criador – a individualidade - faculdade esta de pensar e agir. Os homens nos quais se desenvolvem estas faculdades são os que arrostam responsabilidades que são os dirigentes nos empreendimentos e que influenciam nos caracteres. É a obra da verdadeira educação, adestrar os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem²⁰.

Na Rede Educacional Adventista, a produção do conhecimento secular deverá estar ancorada no conhecimento verdadeiro. Não há limite para o conhecimento que deve

¹⁹ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 16.

²⁰ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 17.

desenvolver o homem de forma harmônica: mente, corpo e alma. Nossa capacidade de raciocinar deve ser exercitada.

São pressupostos filosóficos da Educação Adventista o trabalho para o desenvolvimento equilibrado e integral do estudante nos aspectos físicos, cognitivo, social, emocional e espiritual, tendo na educação cristã um processo cooperativo que integra pais, lar, professores e comunidade. Os primeiros modelos dos filhos são os pais. Seu tom de voz, a maneira de como tratam o seu cônjuge, seus hábitos alimentares e de higiene e até o tipo de passatempo que eles têm. É isso e muito mais que irá traçar os rumos do perfil da criança. Devemos motivar os alunos a desenvolver pensamento autônomo e responsável, sendo assim capacitados para se tornar cidadãos úteis e profissionais competentes.

A visão central desta filosofia é que se todo ser humano, uma vez criado à imagem e semelhança de Deus, é passível de educação, algo muito mais do que uma visão acadêmica é um processo para toda existência possível ao ser, algo que nesta vida não se complementa, mas continua pela eternidade, por isso a educadora White diz que:

A verdadeira educação significa mais que a prossecução de um certo curso de estudos. Significa mais que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro²¹.

A missão da educação adventista é a de restaurar o homem à imagem do Seu Criador, através da formação de um caráter que por sua vez concorra para melhorar o mundo em que vive.

A maior necessidade do mundo é a de homens – homens que não se compreem nem se vendam, homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos, homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome exato; homens, cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao pólo; homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caiam os céus²².

²¹ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 13.

²² WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 57.

A Educação Adventista não despreza os conteúdos das várias áreas do conhecimento humano. Todo conhecimento acumulado pelo homem no decorrer da história representa marcos sinalizadores das escolhas feitas pela humanidade. Esse conhecimento deve contribuir para formação do caráter do estudante. Por isso, o estudo deve ser contextualizado e com aplicação à vida. Essa contextualização é uma das bases do ensino por competências, (Philippe Perrenoud, 2000), palavra de ordem da educação no Brasil e em outros vários países.

“Cumpre-lhes ter como objetivos o fazer os estudantes progredirem em todo ramo essencial do conhecimento”. (TS II, p.425).

São objetivos da Educação Adventista:

- O exercício da cidadania fundamentada num caráter sólido e irrepreensível, capacitando o estudante a ser um cidadão pensante e transformador, capaz de construir seu próprio conhecimento.

“O mundo não necessita tanto de homens de grande intelecto, como de nobre caráter. Necessita de homens cuja habilidade é dirigida por princípios firmes”²³.

- Construir o conhecimento socialmente acumulado, tendo Deus como a fonte da verdadeira sabedoria; tendo uma visão consciente do patrimônio científico e cultural da humanidade.

“A verdadeira educação não desconhece o valor dos conhecimentos científicos ou aquisições literárias, mas acima da instrução aprecia a capacidade, acima da capacidade a bondade, a acima das aquisições intelectuais o caráter”²⁴.

Segundo Perrenoud, a construção dos saberes acontece em situações múltiplas:

Os saberes de alto nível são construídos em situações múltiplas, complexas, cada uma delas dizendo respeito a vários objetivos, por vezes em várias disciplinas. Para organizar e dirigir tais situações de aprendizagem é indispensável que o professor domine os saberes, que esteja mais de uma lição à frente dos alunos e

²³ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 225.

²⁴ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 225.

que seja capaz de encontrar o essencial sob múltiplas aparências, em contextos variados²⁵.

- Compreender a relação entre corpo, espírito e mente, dando equilíbrio e harmonia entre essas três áreas.

Cabe a pais e educadores orientar os alunos a cuidar do próprio corpo, valorizando hábitos saudáveis como aspecto importante para melhoria da qualidade de vida. Nesse sentido, as cantinas das Escolas Adventistas seguem bem o regime natural saudável, não oferecendo refrigerantes, balas, chicletes, chocolates e nem frituras, ensinando assim a temperança na alimentação.

É necessário também valorizar o pensamento crítico e reflexivo. Raciocinar da causa para o efeito.

Promover a educação permanente global do indivíduo. Aprender a aprender, para estar em permanente ascensão, para não ficar só no período de escolarização a construção do conhecimento. Saber onde encontrar a informação necessária e como transformá-la em conhecimento.

3.2 Pedagogia Adventista

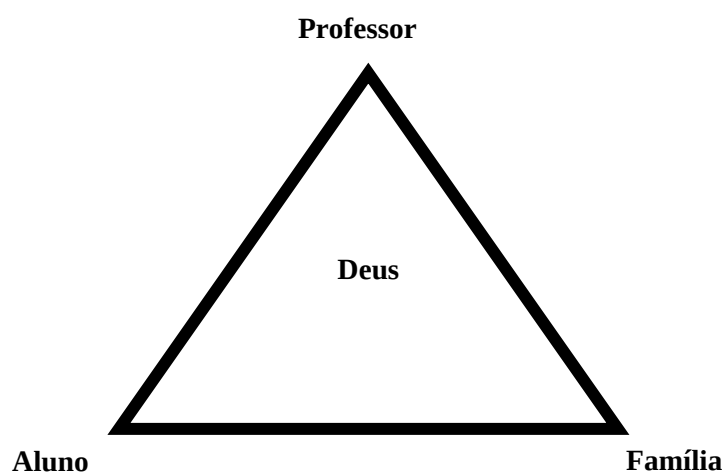
A Pedagogia Adventista está centrada nos seguintes princípios: o sujeito criado à imagem divina; educação como uma questão não só acadêmica. A base para tal educação deve ser um serviço por amor.

²⁵ PERRENOUD, Philippe. **Novas competências para ensinar**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000, p. 27.

O sujeito deve ser visto como alguém capaz de aprender, com vontade própria que pode transformar-se e transformar. Para tanto precisa ter sua individualidade respeitada e estimulada.

Proporcionar um relacionamento professor e alunos, na construção do conhecimento historicamente acumulado, que venha a interpretar a realidade circundante. Como sujeito institucional, cultural, social e espiritual, poderá contribuir para sua transformação e da realidade.

Destacam-se na Pedagogia Adventista, as relações sócio-interacionais: professor, aluno, Deus, onde nos reconheceremos, como seres únicos, mas ao mesmo tempo solidários, competentes para escolhas individuais, mas interessados no bem estar do outro. Costuma-se dizer que a relação dentro das Escolas Adventistas é piramidal, onde se trabalham juntos em cada ponto da pirâmide os professores, os alunos e a família, tendo Deus como centro da pirâmide no comando de tudo.



Para que o processo ensino-aprendizagem, assim se efetue, a Pedagogia Adventista segue os princípios metodológicos segundo a educadora Ellen White, que chamamos método Whiteano.

3.2.1 *Método Whiteano*

Apresentaremos alguns pontos que devem ser desenvolvidos para que o trabalho corresponda à expectativa de todos os envolvidos no processo educativo.

Estudos científicos sobre a mente humana têm demonstrado que o cérebro deve ser desenvolvido como um todo, e não apenas dar ênfase a uma área, pois, aquelas áreas pouco estimuladas do cérebro tendem a atrofiar-se. Deve-se desenvolver tanto o hemisfério direito como o hemisfério esquerdo para que haja real aprendizado.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional vem enfatizar o conhecimento prático dos conteúdos, o que tornará os alunos mais aptos para a vida e para o trabalho. Os professores devem saber o que realmente é importante e necessário para a vida e não exigir dos seus alunos que memorizem conteúdos que de nada servirão.

“Durante séculos a educação tem tudo que ver especialmente com a memória. Essa faculdade foi sobrecarregada ao extremo, enquanto outras faculdades mentais não foram desenvolvidas de maneira correspondente”²⁶. Hoje em dia, usam-se outras terminologias no lugar de faculdades mentais; poderíamos dizer que outras habilidades não foram desenvolvidas.

É comum hoje, falarmos da competência de dominar os conteúdos com suficiente fluência para construí-los em situações abertas e tarefas complexas, aproveitando ocasiões, partindo dos interesses dos alunos, explorando os acontecimentos, favorecendo a transferência dos saberes sem passar por exposição metódica.

“Os estudantes têm empregado seu tempo em entulhar laboriosamente o espírito de conhecimento dos quais poucos poderiam utilizar”²⁷.

²⁶ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p230.

²⁷ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 230.

É consenso entre os pensadores da educação que a criança só interioriza o que o professor ensina se estiver, de alguma forma, ligado ao conteúdo por um desafio, uma motivação ou se perceber a importância e aplicação de tudo aquilo que se quer transmitir.

O trabalho do professor deve ser transmitido de maneira contextualizada, o que hoje vem a ser uma das bases do ensino por competências. Segundo Guiomar Namó de Mello sempre que dizemos o que um aluno deve aprender e o que ele deve fazer com o que aprendeu, estamos nos referindo a uma competência.

“Se quisermos desenvolver competências em nossos alunos, teremos de ir além do ensino para memorização de conceitos abstratos e fora de contexto. É preciso que eles aprendam para que serve o conhecimento, quando e como aplicá-lo”²⁸.

O objetivo dessa abordagem é ensinar os alunos o que eles precisam aprender para serem cidadãos que saibam analisar, decidir, planejar, expor suas idéias e ouvir a dos outros.

Muitas vezes os alunos decoram conteúdo para uma prova por imposição dos pais e dos professores, mas não conseguem discernir a importância daquele conteúdo em sua aplicação para a vida.

É dever do professor se comprometer e se envolver com seu aluno, captando seus anseios, suas expectativas e necessidades. As classes de aula devem ter poucos alunos e serem bem equipadas para que o atendimento possa ser quase individualizado, num clima de paz e paciência.

O professor deve tomar o cuidado com o “rotular” o aluno, cabe a ele estudar a natureza de seus alunos individualmente (inteligências múltiplas) e adequar-lhes o ensino.

“O verdadeiro educador, conservando em vista aquilo que seus discípulos podem tornar-se, reconhecerá o valor do material com que trabalha. Terá um interesse pessoal em cada um dos seus alunos, e procurará desenvolver todas as suas faculdades”²⁹.

²⁸ MELLO, Guiomar Namó de. Afinal, o que é competência? **Revista Nova Escola**, março, 2003, p. 14.

²⁹ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 232.

A escola deve ter objetivos claros em relação àquilo que ensinamos, ter em mente a preparação do aluno para a vida. Deve desenvolver o espírito cooperativo, por exemplo, aqueles que têm facilidade para a música que auxiliem os que não têm tanta aptidão, os que gostam de escrever e falar em público que inspirem os mais tímidos e inseguros. Assim, partindo daquilo que mais sabem vão se desenvolvendo e ajudando a vencer as limitações.

“O professor deve constantemente ter como objetivo a simplicidade e a eficiência. Deve ensinar por meio de ilustrações”³⁰.

Usar termos simples, compreensíveis à mente infantil, usar ilustrações, cartazes, histórias, material concreto, isso facilita a compreensão dos conteúdos.

Segundo Cipriano Luckesi³¹ o ato de pesquisar, conhecer, refletir e dialogar deve ser feito com empolgação e entusiasmo.

“Um importante elemento do trabalho educativo é o entusiasmo... O professor em seu trabalho trata de coisas reais e delas deve falar com toda a força e entusiasmo que sejam inspirados pelo conhecimento de sua realidade e importância”³².

O aluno percebe quando o próprio professor está desmotivado com o conteúdo e terá a mesma indiferença com relação ao aprendizado:

“Todo professor deve cuidar de que seu trabalho tenda resultados definidos, deve saber o que precisamente deseja conseguir”³³.

Para alcançar um trabalho eficaz, é necessário um plano de ataque ou planejamento. O professor precisa se preparar para ensinar. Deve apropriar-se de assuntos que estão acontecendo na vivência do aluno para fazer ponte com o conteúdo ministrado para não levar o aluno ao enfado e desmotivação: “(...) deve o jovem ser animado a progredir

³⁰ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 233.

³¹ LUCKESI, Cipriano. **Proposta pedagógica para as escolas adventistas da Paulista Oeste**, 1999, p. 19.

³² WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 233.

³³ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 233.

precisamente até onde suas capacidades o permitem. Antes, porém, de empreender os ramos de estudo mais elevados, assenhoreiem-se os mais fáceis”³⁴.

Muitas vezes queremos que nossos alunos assimilem conteúdos que somente quando adultos começamos a compreender. Deve-se respeitar as fases da criança e conhecer cada tempo certo para o aprendizado. A construção do aprendizado deve partir da realidade das habilidades naturais do aluno, daquilo que é conhecido da criança e progredir exigindo tudo aquilo que o aluno tem capacidade de assimilar. Deve-se tirar dos conteúdos as importantes lições que se podem aprender:

“As crianças necessitam de receber demonstrações de apreço, simpatia, animação...”³⁵.

Sempre que possível deve-se usar de palavras de incentivo e admiração. É necessário desenvolver a auto-estima e lembrar que o elogio deve ser sempre sincero. A criança precisa entender que o que é esperado dela como sua responsabilidade, seu dever, deve ser bem feito, independente de receber elogio ou não. O apóstolo Paulo em seu relato aos Coríntios escreve: “Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus”. (I Cor. 10:31).

Muitos outros fatores ainda poderiam ser relatados dentro desta pedagogia cristocêntrica. Mencionamos essas citações para evidenciar o rumo da Educação Adventista no que se refere a métodos. O enfoque desta pedagogia é diferente do que tem sido colocado por outros métodos pedagógicos. O centro desta pedagogia não é o professor e seu trabalho, à semelhança de algumas pedagogias que têm forte ênfase na memorização, formando seres pusilânimes, incapazes de discernir o certo do errado. Também não tem prioridade de enfatizar apenas o raciocínio, conduzindo o estudante à presunção, separando-o assim da fonte do verdadeiro conhecimento – o Criador.

³⁴ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 234.

³⁵ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 234.

“A capacidade de discernir entre o que é reto e o que não o é podemos possuí-la unicamente pela confiança individual em Deus”³⁶.

Ellen White afirma que o desenvolvimento das faculdades mentais deve ocorrer num processo de comunhão com Deus, o Criador e Mantenedor do Universo. Esta interação também se estende à natureza, aos demais semelhantes e aos acontecimentos históricos, sem desprezar as constatações empíricas ou o raciocínio.

Que os estudantes aprendam que a criação e o cristianismo têm um único Deus. Sejam ensinados a ver a harmonia do natural com o espiritual. Tudo quanto os seus olhos contemplam ou as mãos manuseiam lhes sirva de ensino na formação do caráter. Desta maneira as faculdades mentais são fortalecidas, desenvolvido o caráter e toda vida enobrecida³⁷.

O principal objetivo desta pedagogia é fazer com que o aluno tenha ciência do verdadeiro conhecimento e que o conduza a tomar decisões por meio de uma escolha consciente e racional, que dará sentido à existência humana.

Outro aspecto necessário de se destacar é o relacionamento humano; fator de grande importância e que se relaciona com os outros aspectos do desenvolvimento. Deus criou o ser humano essencialmente social, portanto, tem necessidade de relacionamento uns com os outros. Quando os alunos sentem que os adultos lhes dedicam um amor genuíno e que se interessam por crianças de maneira real e pessoal, estão preparadas para absorver os valores que tanto almejamos ensinar.

3.2.2 Cooperativismo

O método cooperativo é uma forma mais eficiente de se trabalhar o processo ensino-aprendizagem no contexto do mundo tecnológico em face às exigências do mercado

³⁶ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 231.

³⁷ WHITE, Ellen G. **Fundamentos da educação cristã**. Tradução de Naor G. Conrado. 2. ed. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996, p. 446.

de trabalho; pois, a construção do conhecimento ocorre nos grupos de alunos, estimulando a pesquisa, o debate, a análise, a síntese e a própria avaliação, ampliando o desenvolvimento acadêmico.

“A cooperação deve ser espírito na sala de aulas, a lei de sua vida. Que os mais velhos ajudem os mais novos, os fortes aos fracos”³⁸.

Para Daniel Goleman³⁹, saber trabalhar em equipe é essencial, ele afirma que um grupo composto por variadas forças e perspectivas, operando em harmonia, irá produzir soluções melhores, mais criativas do que o trabalho individual de cada um.

A escola tem em suas mãos a oportunidade de ensinar o que é mais importante para os alunos: habilidades que serão úteis para a vida e para o mercado de trabalho. Para ensinar cooperação na escola nada melhor do que o trabalho em cooperação dentro das salas de aula.

Aprendizagem cooperativa se refere às diferentes maneiras de organizar as aulas, formando pequenos grupos de trabalho, onde os estudantes desempenham tarefas estruturadas pelo professor, viabilizando assim uma aprendizagem ativa, partilhando suas opiniões, tornando a aprendizagem significativa e desafiadora.

Preparar o aluno dentro de uma aprendizagem cooperativa é prepará-lo para o mundo. O mundo quer pessoas com domínio da sua área de atuação, mas sobretudo quer pessoas que ajudem os demais, que valorizem os companheiros.

A autora Teresa Caram aponta os seguintes critérios para a conquista de um emprego na avaliação das empresas: bom relacionamento, dividir o conhecimento e ética⁴⁰.

Esse trabalho em grupo deve ser organizado, seguindo técnicas pré-determinadas onde cada aluno tem sua função e uma tarefa, sendo que o andar do grupo é influenciado pelo esforço de cada um. Hoje vivemos as bases do mundo moderno, numa sociedade

³⁸ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 285.

³⁹ GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995, p. 174-178.

⁴⁰ CARAM, Teresa . **A necessidade do ensino cooperativa**. 1997, apud CARVALHO, Op. Cit, 2000, p. 18.

movida pela agilidade de informações. Para tanto, precisamos de escolas que formem profissionais com alto nível de habilidade de raciocínio, habilidades de comunicação e de relações sociais.

Fatores sociais têm feito os estudantes perderem valores básicos de relacionamento interpessoal. As estruturas familiares, além dos problemas advindos de separação, divórcio e às vezes um novo relacionamento estão cada vez mais separando os filhos das influências estabilizadoras do lar. Portanto, é necessário desenvolver desde cedo nos estudantes habilidades de cooperação, bem como habilidade de convívio social.

O ensino cooperativo baseia-se em alguns elementos como desenvolvimento das competências e valores, participação igualitária, interdependência positiva, responsabilidade individual e de grupo, dinâmica de grupo e interação professor / aluno e aluno / aluno.

São cinco os elementos principais da aprendizagem cooperativa, conforme Carvalho.

1. **Interdependência positiva:** os membros do grupo sentem-se conectados uns com os outros, todos devem alcançar sucesso para que o grupo seja bem sucedido.
2. **Responsabilidade individual:** cada membro tem a sua responsabilidade para desempenhar.
3. **Funcionamento do grupo:** esse promove a aprendizagem individual e conjunta e possibilita o desenvolvimento de habilidades e valores.
4. **Habilidades sociais e valores:** as habilidades de interação habilitam o grupo a ter comunicação, confiança e resolver conflitos e assim também se desenvolver os valores de responsabilidade, respeito, confiança e auto-controle.
5. **Interação face a face:** a interação se dá por estarem voltados uns para os outros e terem as mesmas expectativas⁴¹.

3.2.3 Os Autores e a Aprendizagem Cooperativa

A cooperação na educação não é assunto novo e se manifesta nos escritos de vários autores do passado e mesmo nos atuais. A Bíblia, livro sagrado do cristianismo, é repleta

⁴¹ CARVALHO, Frank Viana. **Pedagogia da cooperação:** uma introdução à metodologia da aprendizagem cooperativa. Engenheiro Coelho-SP: Imprensa Universitária Adventista, 2000, p. 35.

de exemplos de cooperação nas suas histórias e em seus conselhos. Podemos citar: a cooperação dos soldados nas batalhas (Êxodo, 17), o envio dos discípulos de dois em dois (Lucas, 10), a cooperação demonstrada nas duplas Moisés e Arão (Êxodo 4:16), Calebe e Josué (Números, 14:6), Rute e Noemi (Rute), bem como outros diversos.

É conselho bíblico:

“Melhor é ser em dois do que um, porque tem melhor paga de seu trabalho. Porque se caírem, um levanta o seu companheiro: aí, porém, do que estiver só; pois caindo, não haverá quem o levante. Se alguém quiser prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; o cordão de três dobras não se arrebenta com facilidade.”
Eclesiastes, 4:9-12.

Ainda sobre cooperação, ela nos diz:

“Pois nós somos cooperadores de Deus”. I Cor., 3:9

“Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a Lei de Cristo”. Gálatas, 6:2.

“Jesus chamou a si os doze, e passou a enviá-los de dois a dois, dando-lhes poder...” Marcos, 6:7.

A autora Ellen White também faz diversas referências em seu livro **Educação** ao ensino cooperativo. “Na educação dos jovens o princípio da cooperação é inestimável”⁴².

“O espírito de associação e cooperação, desenvolvido, demonstrar-se-á aos alunos, uma benção por toda a vida”⁴³.

Quando um aluno auxilia ao outro ele está ajudando ao próprio professor. E freqüentemente uma mente que é aparentemente sólida irá captar idéias mais rapidamente de um amigo do que de um professor. Esta é a cooperação que Cristo recomenda⁴⁴.

O professor deve permitir essa interação positiva entre os alunos, lembrando que a sala de aula é o melhor lugar para se ensinar e aprender cooperação. Se o professor busca esse caminho, sai ganhando, pois é auxiliado pelos alunos. Muitas vezes o aluno

⁴² WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 285.

⁴³ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 213.

⁴⁴ WHITE, Ellen G. **Conselhos sobre educação**. Tradução de Carlos A. Trezza. 2. ed. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994, p. 228.

compreende melhor a linguagem e a explicação de um de seus iguais do que a do professor.

Os trabalhos de Piaget e seus comentários se voltam muito para o desenvolvimento da autonomia, mas ele dá uma grande importância à cooperação como o aspecto formativo.

O egocentrismo, na medida em que é confusão do eu com o mundo exterior, e o egocentrismo, na medida que é falta de cooperação, constituem um único e mesmo fenômeno.” (...) “No momento em que as crianças começam a se submeter verdadeiramente às regras e a praticá-las segundo uma cooperação real, formam uma concepção nova...” ... “Conforme a cooperação substitui a coação, a criança dissocia seu eu do pensamento de outro.” ... “Logo, cooperação é fator de personalidade, se entendermos por personalidade... o eu que se situa e se submete, para se fazer respeitar, às normas da reciprocidade e da discussão objetiva.” ... “Sendo a cooperação, fonte de personalidade, na mesma ocasião, as regras deixam de ser exteriores⁴⁵.

A cooperação na obra de Piaget pode ser assim resumida, conforme Zielack:

Cooperação: na interação situacional entre alunos, professores e sala de aula, assume importância atividades e dinâmicas que ampliem as chances de sucesso dos alunos de auxiliarem-se mutuamente, isto é, cooperativamente e assim desenvolver aspectos atinentes ao conhecimento social-arbitrário. Aspectos estes sumariamente relevantes para a socialização, preparando os alunos para viverem em sociedade⁴⁶.

Piaget coloca um modelo de comportamento baseado na coação, ou seja, os adultos impõem as regras que as crianças deverão seguir, sem que haja a conscientização da importância das mesmas. À medida que são propostas atividades de cooperação, a criança entende que se não colaborar, não tomará parte das atividades, e irá se submeter voluntariamente às regras dos grupos.

Freinet valoriza a evolução natural da criança e considera essencial observar o que ela sente do fazer um determinado trabalho.

A nova vida da Escola supõe a cooperação escolar, isto é, a gestão da vida e do trabalho escolar pelos que a praticam, incluindo o educador... Se você não obteve ainda suficientes sinais verdes (progresso em outras áreas), hesitará em entregar-se totalmente à cooperação. Pensará que as crianças não possuem experiência suficiente, que não têm consciência dos seus deveres, que não são

⁴⁵ PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus Editorial, 1994, apud CARVALHO, Op. Cit, 2000, p. 26.

⁴⁶ ZIELACK, Ofélia Wichert. **A alfabetização como construção e processo social**. CPB. Tatuí, 1993, apud CARVALHO, Op. Cit, 2000, p. 27.

bastante “homens”, sendo pois necessário que se manifeste a sua (do professor) superioridade e autoridade⁴⁷.

Para Freinet a vida na escola pressupõe cooperação, ele valorizou o ensino baseados em métodos ativos e no trabalho de equipe como meio de formação do educando.

Vygotsky desenvolveu uma linha própria de pesquisa. Fala da educação como atividade interativa e não individualista sendo mais efetiva quando ocorre em grupo.

A contribuição de Vigotisky significou, para as posições construtivistas, que a aprendizagem não fosse considerada como uma atividade individual, mas, sim, mais do que isso, social. Afinal, na última década, desenvolveram-se numerosas pesquisas que mostram a importância da interação social para a aprendizagem. Isto é, comprovou-se como o aluno aprende de forma mais eficaz quando faz num contexto de colaboração e intercâmbio com os seus companheiros. Igualmente, foram determinados alguns dos mecanismos de caráter social que estimulam e favorecem a aprendizagem, como são as discussões em grupo e o poder de argumentação na discrepância entre os alunos que possuam distintos graus de conhecimento sobre um tema⁴⁸.

Drucker (1994), Goleman (1995) e Gardner (1995), com diferentes visões no que diz respeito à educação e ao trabalho, trazem algo em comum no que diz respeito à cooperação. Drucker (1994), especialista empresarial, diz que os esforços individuais quando desprovidos da força de um grupo, podem realizar muito pouco. É essencial o desenvolvimento do espírito de equipe para que o trabalho individual prospere dentro de um grupo.

Daniel Goleman (1995) pesquisador da Inteligência Emocional, afirma que melhorar a maneira como as pessoas trabalham em equipe será a grande forma de influenciar o capital intelectual desenvolvendo nas empresas, a inteligência emocional coletiva. Gardner (1995), professor da Universidade de Harvard e pesquisador das Inteligências Múltiplas, acredita em um trabalho de cooperação no sistema escolar. Ele ressalta que essa cooperação deve começar a partir da administração e do corpo docente.

⁴⁷ SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet**: evolução histórica e atualidade. São Paulo: Spicione, 1989, apud CARVALHO, Op. Cit, 2000, p. 27.

⁴⁸ CARRETERO Mário. **Construtivismo e educação**: Porto Alegre: Artes Médicas. 1997, apud CARVALHO, Op. Cit, 2000, p. 28..

Para Madalena Freire⁴⁹, a troca de experiências é à base do trabalho educacional, tanto entre as crianças como entre professores. Paulo Freire, um dos maiores nomes da educação brasileira do séc XX tem o pensamento da participação da interação com outras pessoas e não a da busca individualizada.

O homem deve ser o sujeito da sua própria educação. Não pode ser objeto dela... Por outro lado a busca deve ser algo e deve traduzir-se em ser mais: é uma busca permanente de si mesmo... Sem dúvida ninguém pode buscar na exclusividade, individualmente. Esta busca solitária poderia traduzir-se em um ter mais, que é uma forma de ser menos. Esta busca deve ser feita com outros seres que também procuram ser mais e em comunhão com outras consciências, caso contrário se faria de umas consciências objetos de outras. Seria coisificar as consciências⁵⁰.

3.3 Os Princípios Básicos e Metodológicos da Educação Adventista

Nunca se falou tanto em educação como nos últimos tempos. Diante das transformações culturais, políticas, econômicas e sociais do mundo atual, pensamos em educação como o mecanismo básico para enfrentar essas mudanças. O mundo e nossas escolas estão vivendo a era da globalização, da informática, dos avanços dos meios de comunicação e produção, a tecnologia disparada e a incansável busca do saber cada dia mais. Hoje o educador não pode mais parar de se preparar. Todo conhecimento é pouco diante da rapidez das informações e transformações.

⁴⁹ FREIRE, Madalena. Aspectos pedagógicos do construtivo pós-piagetiano. In: GROSSI, Esther Pillar e BORDIN, Jussara (Orgs.). **Construtivismo Pós-Piagetiano**: Um paradigma sobre aprendizagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

⁵⁰ FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, apud CARVALHO, Op. Cit, 2000, p.28.

É necessário refletir no trabalho do nosso professor para atender à atual demanda, alunos bombardeados pela mídia com informações que fazem parte de uma sociedade cada vez mais globalizada.

A educação se torna então ponto fundamental diante desse cenário. Há mais de cem anos a educadora Ellen White defende padrões e orientações de como deve ser o trabalho do professor com o aluno e no âmbito educacional, e hoje, se destaca juntamente com outros autores que vêm comprovar tal metodologia.

3.3.1 Aprendizagem Significativa

Para que ocorra aprendizagem, o ensino deve ter significado para o aluno, ou seja, deve haver sentido no que se ensina. Não se trata de uma aprendizagem mecânica em que o aluno recebe uma gama de informações que precisa memorizar.

É necessário ensinar o aluno a transformar as informações em conhecimento, e saber como utilizá-los na vida prática. Ellen White diz que “a educação que consiste no exercício da memória, com a tendência de descoroçar o pensamento independente tem uma influência moral que é pouco tomada em conta”⁵¹.

É necessário ensinar ao aluno a aplicar esse conhecimento utilizando-o em situações novas, tornando o conhecimento, útil no seu dia-a-dia.

“A cada jovem se deve ensinar a necessidade e o poder da aplicação”⁵².

“Mais que transmitir informações é indispensável despertar no aluno a capacidade de elaborar sobre as informações, desenvolvendo o seu poder de raciocínio”⁵³.

⁵¹ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 230.

⁵² WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 232.

⁵³ RONCA, Antônio C. Caruso; ESCOBAR, Virgínia F. **Técnicas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 17.

Uma das maneiras de estimular o aprendizado de forma significativa é através da motivação da aula. Ela deve ser preparada como um prato decorado a ser servido numa mesa atraente que suscitará a vontade de comer espontaneamente.

“O aluno pode aprender por obrigação, para passar de ano, para vencer na vida. É um insípido do comer. Mas, se a informação for útil e apresentada de forma atraente, será mais bem aceita do que se chegar fria, crua e sem tempero”⁵⁴.

É necessário tornar o trabalho do professor coerente com os objetivos que se pretende alcançar juntamente com as carências e necessidades dos alunos. O professor que investe tempo em seu planejamento, refletindo em cada item a ser abordado, e de que forma será trabalhado, alcançará êxito em seu trabalho.

“O professor precisa acreditar no que diz, ter convicções em seus ensinamentos para que os alunos também acreditem e se sintam envolvidos. Precisa de preparo para ir ao rumo certo e alcançar os objetivos que almeja”⁵⁵.

Deve-se ter coerência entre o que se ensina e as necessidades dos alunos.

“O mestre deve estudar cuidadosamente a disposição e o caráter dos discípulos, a fim de adaptar os ensinamentos às necessidades peculiares aos discípulos”⁵⁶.

Para que se possa atingir os objetivos também é necessária a atenção dos alunos. Várias técnicas devem ser consideradas para que os alunos não se cansem de uma postura rotineira do professor. Pressupõe-se que o aluno seja ativo, observador, pesquisador, integrado ao seu meio, alguém que aprende por si mesmo a tirar lições, discernir verdades desenvolvendo o pensamento independente.

Para isso, a autonomia tem que ser respeitada, a experiência que cada aluno traz pode ser um material valioso para o professor. As histórias de vida servem para mostrar o

⁵⁴ TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo**: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempo de globalização. São Paulo: Gente, 1998, p. 36.

⁵⁵ CHALITA, Gabriel. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2001, p. 168.

⁵⁶ WHITE, Ellen G. (b) **Fundamentos da educação cristã**. Tradução de Naor G. Conrado. 2. ed. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996, p. 207.

potencial que o aluno possui: “... cada um é singular, daí que qualquer tentativa de homogeneização do ensino se traduza em fracasso”⁵⁷.

É necessário despertar nos alunos o interesse:

Os professores devem induzir os alunos a pensar e a entender claramente a verdade por si mesmos. Não basta ao mestre explicar, ou ao aluno crer. Cumpre suscitar o espírito de investigação, e ao aluno ser atraído a enunciar a verdade em sua própria linguagem, tornando assim evidente que lhe vê a força e faz a aplicação⁵⁸.

3.3.2 O Trabalho do Professor

Se pararmos para uma reflexão, veremos que alguns professores nos marcam demais, enquanto outros passam por nós sem deixar marca nenhuma.

Deve ter sabedoria e o tato exigido para com as mentes. Por maior que sejam seus conhecimentos específicos (...), o professor deve ter aptidão para o trabalho, qualificações em outros ramos, se não alcançar o respeito e a confiança de seus alunos, debalde serão seus esforços⁵⁹.

Ele deve estar sempre estudando para cada vez desempenhar melhor sua função. O ensinar faz com que sempre atualize seu saber e se considera sempre um aprendiz. É imprescindível que o professor tenha conhecimento do conteúdo, mas é indispensável manifestar simpatia e respeito pelos alunos. Quando o professor consegue conquistar a amizade e o respeito dos aprendizes, cria-se condições para aprendizagem de lições significativas que serão conservadas durante a vida toda. Portanto, tudo que diz respeito ao aluno deve ser de interesse do professor.

“Ninguém ama o que não conhece, e o aluno precisa ser amado”⁶⁰.

⁵⁷ CHALITA, Op. Cit, 2001, p. 138.

⁵⁸ WHITE, Op. Cit, 1996 (b), p. 54.

⁵⁹ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 279.

⁶⁰ CHALITA, Op. Cit, 2001, p. 165.

Procurar conhecer seus alunos, entender seus problemas e ser além de professor, um amigo, é tarefa para o dia-a-dia. Muitas vezes um elogio pode mudar a atitude do aluno em relação à matéria. Essa afetividade ocorre num ambiente onde o aluno se sinta feliz.

Ellen White diz que “nenhum homem ou mulher irritável, impaciente, arbitrário ou autoritário está apto para ensinar”⁶¹.

Para tanto, deve se ter em vista que a educação não é somente transmissão de uma matéria e nem visa apenas à formação acadêmica do indivíduo, mas envolve princípios fundamentais como o respeito, afeto, simpatia, amor e ternura.

Quando o mestre ultrapassa o conteúdo expresso da matéria e com frequência exercita nível do comportamento humano em relacionar-se, ele coloca em prática a disciplina, religiosidade, ética e cidadania.

O professor deve desenvolver respeito à individualidade do aluno.

“Cada ser humano criado à imagem de Deus é dotado de uma certa faculdade própria do criador – a individualidade – faculdade esta de pensar e agir”⁶².

Ao introduzir qualquer tema ou assunto, o professor deve procurar obter informações relevantes do interesse do aluno, fornecendo situação, problemas e desafios que permitam a elaboração de hipóteses, bem como a realização de experimentos, construção de modelos e analogias. É necessário aliar a teoria à prática, o pensar e o agir.

“Dê-se ao aluno não somente a teoria, mas também a prática”⁶³.

O professor deverá criar um ambiente que desperte a curiosidade do aluno, favorecendo uma aprendizagem ativa num contexto de interação. Num ambiente propício, o aluno tem iniciativa, é curioso, faz perguntas, tem idéias novas, é espontâneo e participa ativamente do processo de aprendizagem. Esse ambiente deve ser rico em estímulos adequados aos interesses e necessidades da criança.

⁶¹ WHITE, Op. Cit, 2000, p. 233.

⁶² WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 17.

⁶³ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 219.

“Para conseguir estudo eficiente, deve-se obter o interesse do aluno... observando a propensão do seu espírito, as coisas por que se interessa, e despertando seu interesse”⁶⁴

Para que a aprendizagem possa ser significativa para o aluno, deve haver mudanças de comportamento. De acordo com a Taxonomia de Benjamin Bloom⁶⁵, o aluno deve ser estimulado a usar o material aprendido em situações novas e concretas, dividir os componentes em partes de forma a entender sua estrutura, combinar as partes e formar novos padrões e estruturas e saber julgar o valor do material dado.

A Taxonomia de Bloom fala em objetivos cognitivos e objetivos afetivos. Enquanto os primeiros são metas a serem perseguidas no processo ensino-aprendizagem como condição do aluno lograr êxito e avançar para outros estágios, o segundo grupo fala à atitude, ao comportamento, à mentalidade que se formou durante o processo de estudo⁶⁶.

É de grande seriedade o trabalho do professor, e ele deve esforçar-se para fazer bem feito aquilo que merece ser bem feito. Ellen White, falando sobre a atuação do professor, diz: “seja seu alvo fazer o seu trabalho o mais perfeito que o cérebro e as mãos humanas possam conseguir”⁶⁷.

Obter a disciplina da classe também faz parte da atuação do professor em sala de aula, sendo que a disciplina garantirá em grande parte os resultados positivos dos seus ensinamentos. Quando falamos em disciplina, não queremos dizer alunos quietos e que fazem silêncio o tempo todo, porque o silêncio do aluno muitas vezes não é sinal de disciplina e sim de medo e insegurança. O comportamento do estudante não pode prejudicá-lo em sua aprendizagem e a outros também, faz-se necessário ao professor verificar as causas do problema.

⁶⁴ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 187.

⁶⁵ BLOOM, Benjamin S. *et. al.* **Taxionomia de objetivos educacionais:** domínio cognitivo. Tradução de Flávia M. Sant’Anna. Porto Alegre: Globo, 1972.

⁶⁶ BLOOM. Op. Cit, 1972, p. 40, apud WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo.** Petrópolis: Vozes, 1992.

⁶⁷ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 222.

“A indisciplina na sala de aula também pode ser causada pela forma rígida e áspera que o professor venha tratar os seus alunos”⁶⁸.

Portanto, disciplina não equivale ao silêncio total e sim à participação e interesse. Deve-se compreender que toda criança necessita de liberdade para falar, discutir, argumentar, construir, desenhar, correr, conhecer e comunicar.

Nossa educadora Ellen White aconselha que:

“Todo professor deverá entender que no caso de haver erro (...) é melhor que seja por ele ter agido do lado da misericórdia do que da severidade”⁶⁹.

O professor deverá ser justo na sua maneira de agir, ter domínio próprio ao exigir disciplina de uma classe, não se esquecer de que também foi criança um dia, e agir com delicadeza e paciência. Deve o professor levar em conta que até fatores externos são muitas vezes responsáveis pela indisciplina do aluno.

As regras devem ser estabelecidas desde o começo do ano pelo professor juntamente com os alunos, poucas regras para que sejam realmente cumpridas.

As regras que governam a sala de aula devem quanto possível, representar a voz da escola. Todo princípio nelas envolvido deve ser posto diante do estudante. (...) Assim ele sentirá a responsabilidade de fazer com que as regras que ele próprio ajudou a formular sejam obedecidas⁷⁰.

3.3.3 Aspectos a Serem Cultivados por um Professor de Êxito

1-Viver uma vida de consagração:

“Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que estás nos céus”.(Mat., 5:16).

⁶⁸ SILVA, José de Carvalho E. História do Brasil. v. 1, São Paulo: Editora Iracema, [s.d.] apud GROSS, Renato (Org.) **Cristo nas salas de aula**: uma abordagem adventista sobre integração fé e ensino. v.1. Engenheiro Coelho-SP: Imprensa Universitária Adventista, 1997, p. 265.

⁶⁹ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 294.

⁷⁰ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), 290.

O professor conseguirá impressionar profundamente o coração e a mente de seus alunos ao perceberem que vive o que ensina.

2-Ter coerência entre o falar e o viver:

“Não somente ensinou Ele a verdade, mas era a verdade. Era isso que lhe dava poder aos ensinamentos”⁷¹.

O respeito dos seus alunos pode ser conquistado, pelo seu modo de ser, de viver. A criança deve ver o professor viver aquilo que ensina. Pesquisas têm demonstrado que as atitudes do professor falam mais alto que os seus ensinamentos.

3-Amar e servir:

“Para Ele, o amor era a vida, e a vida era o serviço em prol de outrem”⁷².

Esse é um dos elementos essenciais para a qualificação de um professor. Ele deve se interessar pelos seus alunos, ter o desejo de ajudá-los.

4-Ver em cada aluno o que ele poderá se tornar:

Deve-se ensinar os jovens a ter em vista o desenvolvimento de todas as suas faculdades, tanto as mais fracas como as mais fortes. Muitos têm a disposição de restringir seu estudo a certos ramos, para os quais têm gosto natural. Devemos precaver contra esse erro. As aptidões naturais indicam a direção do trabalho da vida.⁷³

O aluno geralmente tende a responder às expectativas do seu professor, assim ele se tornará aquilo que o professor pensa dele.

5-Ser conhecedor da natureza humana.

“Todos nós necessitamos estudar o caráter e a maneira para que saibamos lidar judiciosamente com os diversos espíritos”⁷⁴.

Da mesma forma como um médico precisa diagnosticar antes de receitar, o professor precisa entender a vida humana, suas necessidades, atitudes, problemas, como

⁷¹ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 79.

⁷² WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 80

⁷³ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 232-233.

⁷⁴ WHITE, Op. Cit, 1994, p. 69.

eles aprendem, para depois então elaborar como ensinar. A educação não pode basear-se na intuição, pois dessa forma poderá imprimir marcas negativas que os alunos levarão por toda vida.

6-Cultivar o intelecto e ser conhecedor do assunto a ser ensinado:

Há perigo de que os professores tornando-se tão cheios de confiança e estima própria que não compreendam as próprias deficiências, tenham idéias estreitas e não se alonguem e nem expandam. Não se tornam mais capazes, mas cada vez mais cheios de si⁷⁵.

Devem os professores estar em constante procura de entendimento.

7-Comunicar alegria e entusiasmo:

“Ponham os professores em seu trabalho alegria, gratidão e a alma cheia de ternura e compaixão (...), pois é este espírito que enche o céu”⁷⁶.

A aula será mais produtiva e os alunos corresponderão melhor quando há alegria do que ao desânimo e à aspereza.

8-Criar um clima livre de tensões:

“A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal”. (Col., 4:6).

O professor deve cultivar as características de bondade, benignidade, mansidão e caridade. O que muito ajudará o professor nesta prática, é colocar-se no lugar do aluno, podendo ser firme e determinado, porém, com entendimento e amor.

9-Promover o auto-governo:

“O objetivo da disciplina é ensinar à criança o governo de si mesma. Devem ensinar-se-lhe a confiança e a direção próprias”⁷⁷.

Esta liberdade difere da libertinagem, na qual o aluno faz o que quer, sem limites, mas onde ele sinta-se aceito, bem integrado, buscando alcançar o alvo sem ter temor de se expor por erro.

⁷⁵ WHITE, Op. Cit, 1994, p. 99-100.

⁷⁶ WHITE, Op. Cit, 1994, p. 107.

⁷⁷ WHITE, Op. Cit, 1996 (a), p. 287.

O professor deve sempre preparar suas aulas usando ilustrações, histórias, audiovisuais, dramatização, materiais manipuláveis, e ter em mente que só se aprende a fazer, fazendo.

3.3.4 Novo Aluno e a Crise de Valores

O novo milênio com certeza será marcado por grandes inovações tecnológicas bem como mudanças sócio-culturais. Está nas mãos de nossos educadores um grande desafio, preparar uma geração de alunos que irão viver e participar de um mundo o qual não podemos sequer imaginar.

Esse novo aluno, chega a nossas escolas, ansioso por um ensino eficaz, interessado por descobertas, conhecimentos. É a era da comunicação massificada. Diante deste desenvolvimento constante, não é permitido à escola permanecer em sua situação de conformismo com as velhas práticas educacionais que fazem do ambiente escolar algo tedioso e indiferente ao educando. A velha rotina da sala de aula e as atividades básicas não são mais suficientes para colocar a escola em situação de competir com os outros veículos fornecedores de atitudes e opinião. Portanto, se a escola não se preocupar com essa atuação, fará com que esse aluno cheio de vontade se torne um ser desmotivado.

A escola precisa se preocupar não apenas com a formação acadêmica, mas com a formação do homem como um todo. O mundo vive hoje uma crise de valores sem precedentes na história. A concepção do certo e do errado está mais distorcida do que já esteve no passado. O avanço da liberdade individual e das conquistas do homem trouxe uma geração muito preocupada com seus direitos e não com seus deveres. Esta crise que permeia toda a sociedade é uma crise de valores.

Felizmente propostas educacionais, incluindo ensino de valores, têm surgido para preencher essa lacuna. Acreditamos que cada um tem um papel a desempenhar na formação de valores do ser humano. Apesar de cada um ter uma tarefa diferente, um completará a obra do outro, e o benefício será de todos.

Família - é nela que se deve obter os primeiros e mais sólidos ensinamentos sobre valores.

Igreja - essa se encarrega dos ensinamentos morais e religiosos. Cabe também à igreja a orientação para um viver social, igualitário, solidário e justo.

Governo - atua como mantenedor da moral dos bons costumes.

Comunidade - na sociedade existe um conjunto de valores “ocultos” como que presente na consciência coletiva.

Escola - como transmissora do conhecimento, depois da família tem melhores condições de exercer seu papel na formação de valores.

PARTE IV – METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

4.1 A Construção da Pesquisa

O estudo produzido para esta dissertação de Mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP, constituiu-se na apresentação dos princípios educacionais da educadora Ellen White e de sua aplicação à unidade de ensino Adventista, intitulada de Escola Adventista de Franca. É uma das unidades de ensino de caráter particular da rede educacional Adventista, que possui escolas, colégios, universidade, creches, hospitais, presente em mais de 160 países.

A questão primordial a ser desenvolvida era investigar a realidade educacional do trabalho do professor em um ensino fundamentado numa filosofia cristã. Para tanto, procedeu-se a ampla pesquisa bibliográfica, com o objetivo de construir um aparato teórico que fundamentasse nosso plano de descrever, analisar e apresentar resultados sobre esse estudo.

A pesquisa constitui-se em dois momentos distintos: na primeira parte, foi subdividida em três unidades, buscou-se fazer breve histórico da educação religiosa no Brasil, inserindo-se no final do século XIX o início das atividades do ensino Adventista. Nesse momento apresentaram-se a unidade de Franca e aspectos principais da vida e obra da educadora que inspirou a metodologia focalizada na pesquisa.

Posteriormente, passou-se a descrever a estrutura organizacional da Escola Adventista de Franca, como um sistema completo de educação, subordinado às leis que regem a educação no Brasil. Do ponto de vista legal, a Constituição Federal de 1988, em

seu artigo 5º, VI, assegura o livre exercício dos cultos religiosos. E a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nos termos do artigo 33, I, que dispõe:

O ensino religioso, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestadas pelos alunos ou por seus responsáveis, em caráter:
I - confessional, de acordo com a opção religiosa do aluno ou do seu responsável, ministrado por professores ou orientadores religiosos preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas.

Em seguida, passou-se ao ideário filosófico da Educação Adventista, salientando-se o método Whiteano, o Cooperativismo, princípios básicos e a crise de valores frente ao novo aluno.

Na segunda parte, passa-se à descrição da pesquisa de campo, com a escolha das questões tema da entrevista.

Essa escolha foi objetivada a partir dos pressupostos teóricos apresentados, da situação real da unidade Adventista de Franca, considerando-se a comunidade escolar com um todo, mas, especificamente o corpo de professores, uma vez que o estudo estava centrado no método da educadora símbolo da pedagogia Adventista e sua possível aplicação no trabalho ali desenvolvido.

O rol de questões foi revisto algumas vezes porque o objetivo maior seria aprofundar a observação do trabalho do professor.

Decidiu-se por aplicar questionário com treze questões abertas, em forma de entrevista semi-estruturada. A proposta de se eleger a entrevista semi-estruturada como instrumento de coleta de dados, se deveu ao fato de que ela nos permite um relacionamento mais informal com o entrevistado, podendo-se, no seu decorrer, reformular as questões já estabelecidas, procedimento que, em muito, propiciará maior conhecimento da realidade a ser investigada, segundo Minayo⁷⁸.

⁷⁸ MINAYO, M. C. S. O **desafio do conhecimento**: metodologia de pesquisa social (qualitativa em saúde). Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública. Fiocruz, 1989.

A análise das referidas manifestações escritas dos sujeitos (dezessete) traria informações importantes sobre questões como o tipo de contratação, o interesse no trabalho, dificuldades e facilidades encontradas, semelhanças e diferenças entre escola confessional e laica, posicionamento em relação às mudanças políticas, sociais e econômicas que ocorrem no mundo, entre outras.

Importava também no procedimento a descrição dos sujeitos envolvidos: crença religiosa, formação escolar, faixa etária, área de atuação no magistério, tempo de trabalho na Escola Adventista, forma de seleção.

A descrição dos dados obtidos foi apresentada por gráficos e por recorte de unidades de fala significativas para o estudo pretendido. Houve algumas dificuldades decorrentes de as questões serem abertas e algumas vezes difíceis de ser codificadas.

A unidade escolar analisada destina-se à formação em educação básica, dividida em dois níveis: educação infantil, subdividido em jardim, pré-escola I e II; ensino fundamental, de 1ª à 8ª séries. Ao todo são onze turmas de crianças de 2 anos a adolescentes de 14 anos. No período da manhã, atendendo os alunos de 5ª à 8ª séries e no período da tarde, a educação infantil e alunos de 1ª à 4ª séries. A escola atende a famílias Adventistas e não Adventistas da cidade e região.

A unidade em Franca foi fundada no ano de 1990, apenas com a educação infantil. Em 20 de outubro de 1993, foi reunida a comissão da Delegacia Regional de Ensino de Franca, que aprovaria a abertura do ensino fundamental, conforme portaria de 14 de janeiro de 1994, objetivando oferecer um ensino de qualidade, voltado também para valores cristãos.

Conforme aumentava o número de alunos, e a escola se tornava conhecida na cidade, foi necessário que procurasse novos prédios para oferecer melhores condições de trabalho; hoje a unidade local funciona em um prédio que era uma fábrica de calçados e foi

totalmente reestruturado. Possui amplas salas arejadas, pátio, quadra, área de lazer, biblioteca, laboratórios de ciências e informática, sala ambiente para ensino-religioso, auditório com capacidade para trezentas pessoas sentadas, salas dos professores, banheiros masculinos e femininos, cantina e salas administrativas. O prédio ficou tão funcional que a mantenedora pretende adquirir o estabelecimento futuramente. Também existem estudos para implantar o Ensino Médio em Franca.

A concepção de educação que subjaz ao trabalho pedagógico é fundamentada nas Escrituras Sagradas e nos escritos da educadora Ellen White, baseada na pedagogia do amor e na construção de valores cristãos: honestidade, disciplina, respeito, solidariedade, cooperativismo e outros.

Trata-se de pesquisa qualitativa, na medida que não se buscavam números ou estatísticas precipuamente, mas, a natureza do fenômeno educativo, analisado em todas as manifestações possíveis.

A prioridade deste tipo de pesquisa é apreender a dinâmica do processo e os elementos das relações, aspectos que não poderiam ser sintetizados em dados estatísticos, conforme Pádua:

(...) A partir de pressupostos estabelecidos pelo método dialético e também apoiadas em bases fenomenológicas, pode-se dizer que as pesquisas qualitativas têm se preocupado com o significado dos fenômenos e processos sociais, levando em consideração as motivações, crenças, valores, representações sociais, que permeiam a rede de relações sociais⁷⁹.

Ou da mesma forma, como afirma Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificada. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis⁸⁰.

⁷⁹ PÁDUA, Elisabete M. M. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 3. ed. São Paulo: Papirus, 1998, p. 21. (Coleção Magistério e Trabalho Pedagógico)

⁸⁰ MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1996, p. 21.

Na medida em que se optou por analisar uma única unidade escolar como objeto de pesquisa, poder-se-ia considerar a investigação, como estudo de caso, adaptando-se o referido conceito da Psicologia, que acompanha e registra a história dos sujeitos analisados. O estudo de caso é recomendado quando se deseja analisar situações concretas nas suas particularidades.

Por sua natureza heurística, o estudo de caso é exploratório e tem como principal utilidade, a possibilidade de apreensão do problema nos seus diferentes traços, inquirindo o pensamento lógico e estimulando a experiência intelectual. Sua importância está no fato de não fazer do conhecimento descritivo o alvo essencial, mas de promover a ruptura do senso comum, através de um processo de compreensão dos elementos mais significativos, investigados com profundidade.

A representabilidade do objeto investigado realiza-se pela eleição dos dados e pela disponibilidade do pesquisador em observar os fatos, captando-lhes os nexos, a fim de elaborar uma posterior narração, que seja exata e competente.

O estudo de caso é, portanto, a articulação do caráter técnico, que investiga a realidade, com o caráter lógico, presente em interferências que devem estar apoiadas em referências teóricas. Além disso, deve-se considerar o processo histórico que, norteando a explicação do objeto estudado, destaca a gênese e a modificação de conceitos e hipóteses⁸¹.

O estudo de caso refere-se a análise minuciosa de um caso individual.

Segundo Chizzotti, o estudo de caso caracteriza-se como uma modalidade de estudo nas Ciências Sociais, que se volta à coleta e ao registro de informações sobre um ou vários casos particularizados, elaborando relatórios críticos organizados e avaliados, dando margem a decisões e intervenções sobre o objeto escolhido para a investigação (uma comunidade, uma organização, uma empresa etc.)⁸².

Pretendia-se registrar as ações, as condutas, os pontos de vista presentes nos sujeitos envolvidos. Interessavam as experiências dentro da realidade da escola.

O papel do observador pode ser analisado da seguinte forma: por um lado, a pesquisadora faz parte do universo da escola, uma vez que ocupa a função de direção; por outro, a mesma não buscou interferir na realidade em estudo, para não alterar os resultados,

⁸¹ VALERIANO, Maria Cristina Menezes. **O pensamento, valores e expectativas de adolescentes institucionalizados**: um estudo realizado na unidade educacional e de permanência – FEBEM-SP – Batatais. Dissertação de Mestrado – Unesp-Franca, 1997, p. 61.

⁸² CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991, p. 95, apud BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos da metodologia científica**: um guia para a iniciação científica. 2. ed.ampliada. São Paulo: Makron – Books, 2000.

nem criar constrangimentos para os sujeitos observados. Entretanto, é de se ressaltar que a figura da diretora-pesquisadora pode ter interferido nos resultados obtidos.

Havia para o observador um objetivo definido, qual seja, acompanhar a atuação do professor em uma escola de caráter cristão, bem como sua atuação diante do aluno, promovendo atitudes diferentes tanto em prol do mesmo, quanto da escola e a da sociedade, portanto, ao longo do período de observação, foram acumuladas descrições das interações professor/aluno, forma de linguagens e descrições de ações.

O processo da pesquisa se deu primeiramente através de situações que foram observadas, a partir das atitudes de relacionamento dos professores com os alunos. Interessavam as falas, o atendimento aos alunos, o olhar expressivo e as reações adversas. Tomamos o cuidado para não interferir nessas atitudes com a nossa presença, pois isso poderia mudar o comportamento dos observados, por atuarmos na direção da escola, para tanto, essas observações foram aleatórias e em momentos distintos, sem que o professor e até mesmo o aluno o soubessem.

Após essas observações, conversamos com cada professor e explicamos o nosso trabalho de pesquisa, pedindo que se possível nos ajudassem com a participação neste estudo e que se sentissem bem à vontade em responder às perguntas para não mascarar a realidade. Fez-se então uma entrevista formal que permitisse a descrição objetiva de sua atuação. Após cada entrevista foi solicitado também que cada professor respondesse a algumas perguntas em forma de questionário, para que as colocássemos em anexo no presente estudo.

Todos os sujeitos participaram, mostrando interesse pelo estudo científico de sua prática pedagógica, acrescentando que sua participação contribuiu para refletir sobre suas práticas cotidianas. Além das pesquisas desenvolvidas, outros recursos foram utilizados para a coleta de dados, como fontes históricas: arquivos, fotografias de algumas situações

trabalhadas pela escola (Anexos 10A, p. 141 e 10B, p.142), atas de reuniões, entrevistas orais e outros documentos.

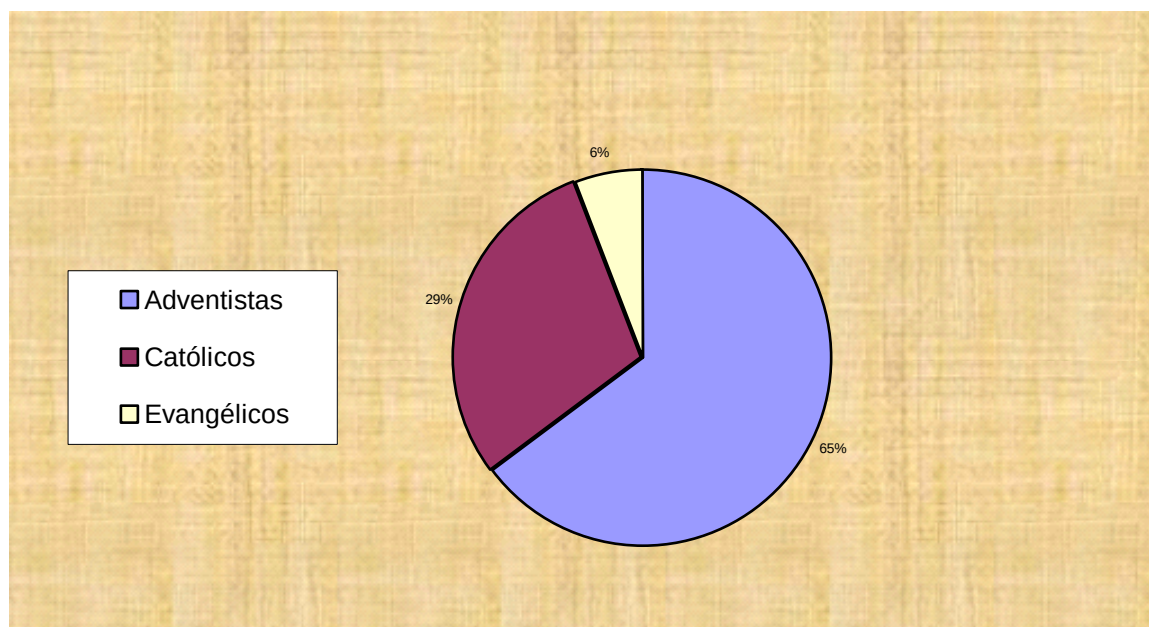
4.2 Descrição dos Dados

Por meio da entrevista realizada com os professores, obtivemos alguns dados para análise e procedimento do estudo proposto. No Anexo 12 (p. 152), apresentamos as questões e respostas das entrevistas realizadas com os professores.

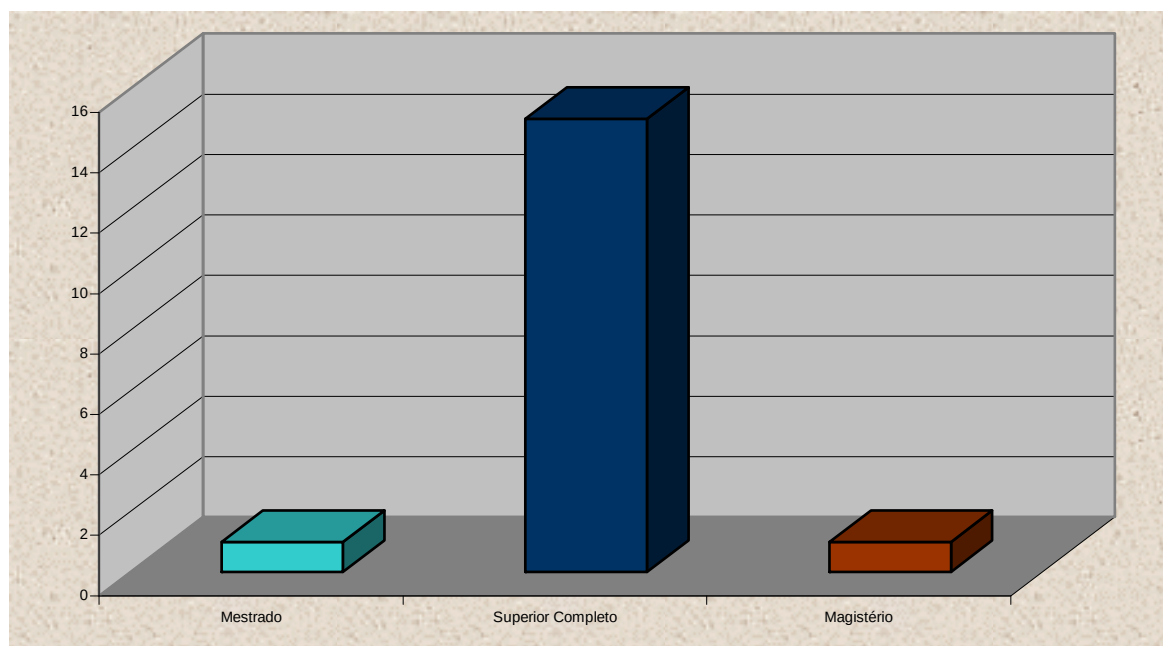
O Quadro 1 (p.98), é referente ao levantamento de dados dos professores entrevistados que atuam na Escola Adventista de Franca, sendo que os itens selecionados permitirão visualizar de forma mais ampla como se compõe o corpo de professores nos seguintes aspectos: crença religiosa, formação escolar, faixa etária, tempo de atuação no magistério na Escola Adventista, forma de contratação e professores que atuam em outras escolas.

QUADRO 1 - Dados dos professores da Escola Adventista de Franca

Entrevistados	Nome	Atuação	Crença Religiosa	Escolaridade	Idade	Tempo de Atuação na Escola Adventista	Forma de Seleção	Atuação dos Professores em outras escolas
E-1	Adriano	História/Geo	Adventista	Superior Completo	28	7 anos	Convite	X
E-2	Emerson	Educação Física	Batista	Superior Completo	31	6 anos	Currículo	X
E-3	Hélio	Educação Religiosa	Adventista	Superior Completo	39	2 anos e 6 meses	Convite	
E-4	Márcia	Inglês/Espanhol	Católica	Superior Completo	32	1 ano e 6 meses	Entrevista	X
E-5	Zilda	Matemática	Adventista	Superior Completo	52	13 anos	Convite	
E-6	Walclécio	Física/Química	Católico	Mestrado	32	6 meses	Entrevista	X
E-7	Mara	Artes/D.G	Católica	Superior Completo	44	1 ano e 6 meses	Currículo	X
E-8	Eliana	Ciências	Adventista	Superior Completo	35	11 anos	Convite	X
E-9	Rita	Português	Católica	Superior Completo	39	1 ano e 6 meses	Entrevista	X
E-10	Marilurdes	Literatura / Redação	Católica	Superior Completo	36	1 ano e 6 meses	Currículo	X
E-11	Renata	Jardim	Adventista	Superior Completo	26	8 anos	Convite	
E-12	Roseane	Pré I	Adventista	Superior Completo	22	2 anos e 6 meses	Entrevista	
E-13	Vilma Alessandra	Pré II	Adventista	Superior Completo	21	2 anos 6 meses	Entrevista	
E-14	Maristela	1ª Série	Adventista	Magistério	39	7 anos	Entrevista	
E-15	Márcia	2ª Série	Adventista	Superior Completo	40	12 anos	Convite	
E-16	Ivete	3ª Série	Adventista	Superior Completo	43	15 anos	Convite	X
E-17	Vanessa	4ª Série	Adventista	Superior Completo	40	9 anos	Convite	

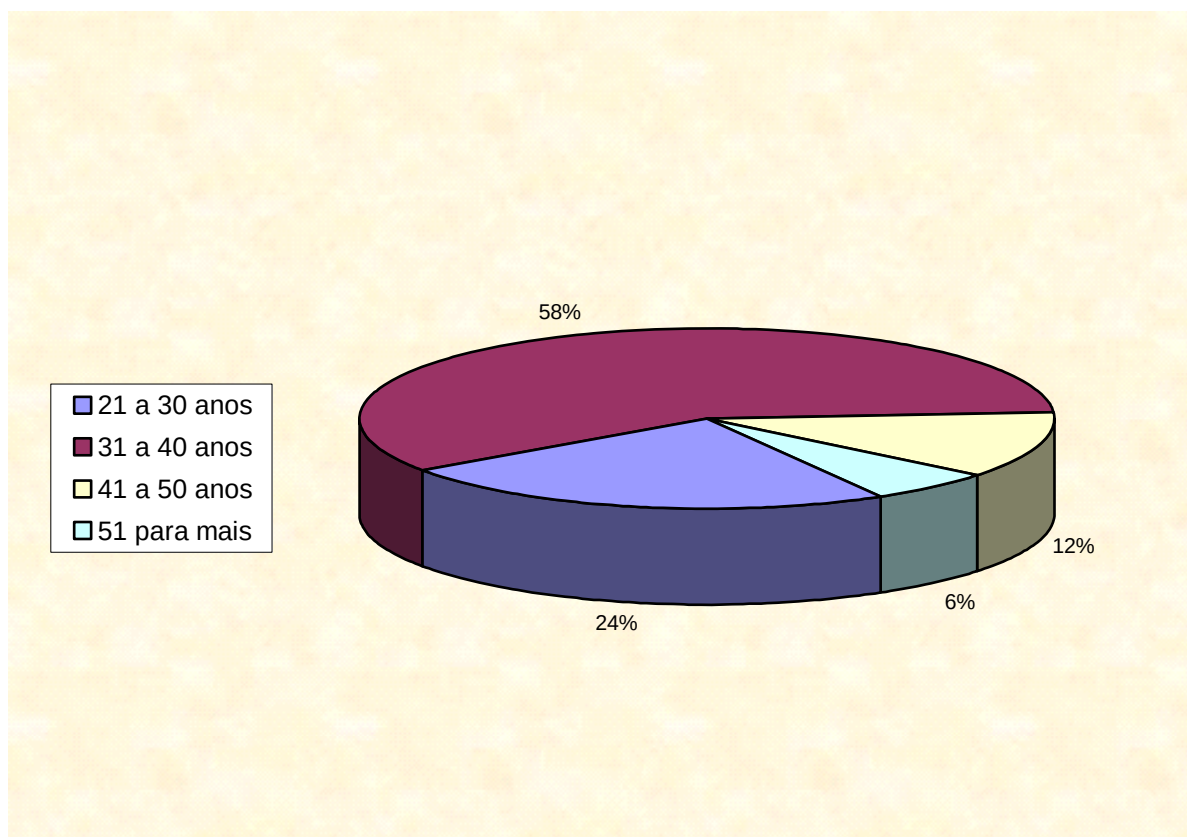
Gráfico1 - Crença religiosa dos professores participantes da pesquisa

No Gráfico 1, tomando por referência os dezessete professores pesquisados, verificamos que 65% dos professores observados, professam a religião Adventista, 29% são católicos e 6% evangélicos. Podemos considerar os Adventistas como evangélicos. Não foi feita aqui essa descrição, dos Adventistas serem evangélicos, a proposta desta distinção foi para especificar melhor a presença dos professores Adventistas nesta Instituição. Em toda a rede educacional Adventista é muito importante a contratação de professores cristãos, (não só Adventistas), pois, a instituição espera que haja unidade de ensinamento respeitando o pluralismo de idéias e crenças. Na contratação de um professor, dá-se a preferência por aquele que é adventista, desde que esteja apto para a função, por ser este conhecedor da filosofia e pedagogia Adventista.

Gráfico 2 - Escolaridade dos professores

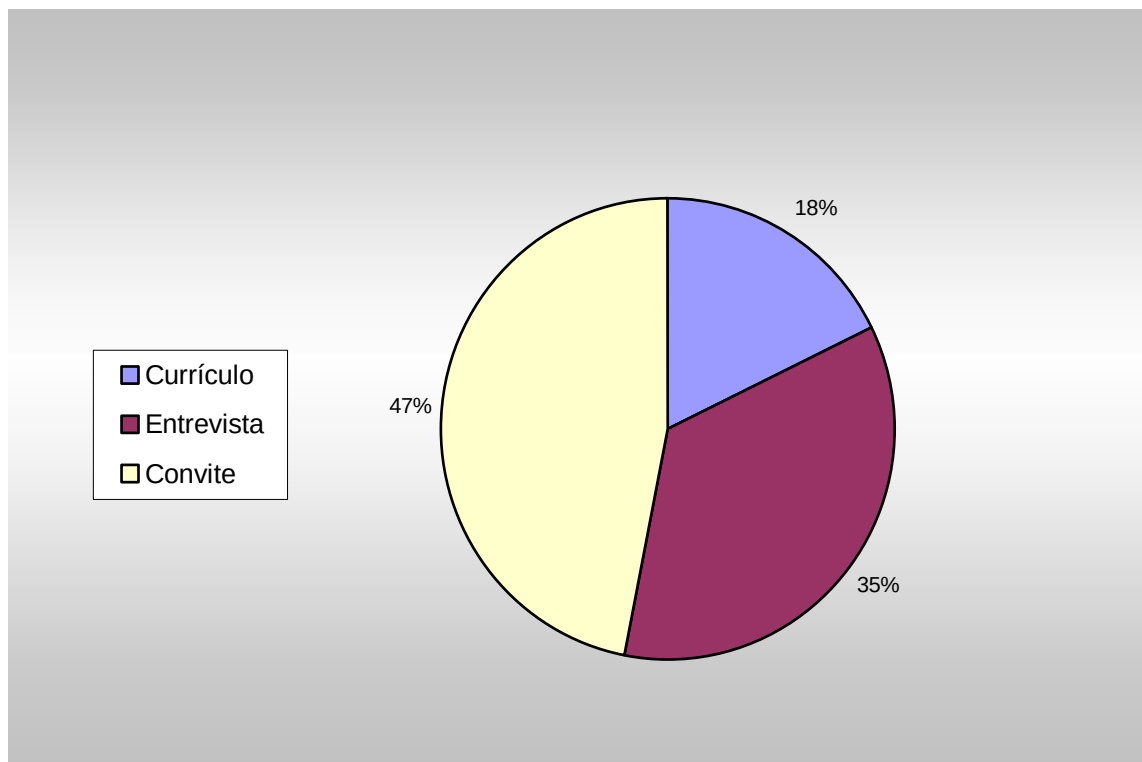
A Escola Adventista de Franca é privilegiada, com respeito ao grau de escolaridade de seus professores, conforme mostra o Gráfico 2, pois somente uma professora não possui curso superior ainda. Devido ao grande incentivo que a escola oferece aos seus professores como o auxílio de bolsa escolar, todos têm interesse de dar continuidade nos estudos.

Sabe-se que a formação acadêmica é um dos requisitos essenciais para o desempenho satisfatório dos profissionais da educação e a melhoria da qualidade de ensino. Considerando-se que no Brasil a formação de professores é uma das causas do fracasso escolar e do baixo nível dos alunos, ressaltamos a situação privilegiada dessa unidade local.

Gráfico 3 - Faixa etária dos professores

A Escola procura numa contratação de professores não se ater na idade do profissional e sim, em suas qualificações para o trabalho. Portanto, trabalham na escola professores desde 21 anos até 52 anos, sendo que a porcentagem maior está entre os que possuem de 31 a 40 anos, conforme mostra o Gráfico 3.

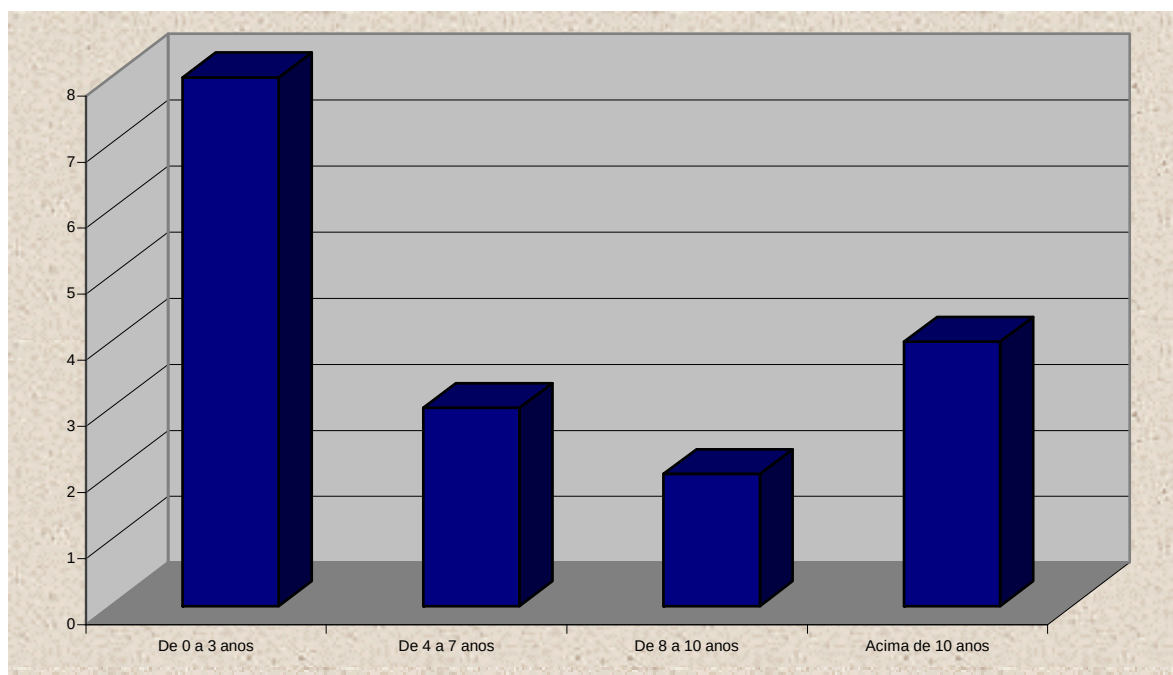
Se, por um lado, a experiência é um dado importante, a juventude, a disposição para o trabalho, também é fundamental no trato com as crianças de tenra idade. As diferenças de faixa etária e de experiência permitem o enriquecimento de todos pela interação de uns com os outros.

Gráfico 4 - A forma de contratação de professores

No que se refere à contratação de professores, não existe nenhuma norma rígida que deva ser seguida. A escola procura atender os requisitos legais, bem como o bom andamento da mesma e o atendimento ao aluno. Ressaltamos que de acordo com o Gráfico 4, comparado ao Quadro 1, p. 98, percebemos que 47% dos professores que foram contratados por convites são Adventistas, o que vem confirmar o que já dissemos sobre a confiabilidade por conhecer e adotar uma filosofia voltada para os valores cristãos.

Por outro lado, há que se ressaltar o critério adotado pela forma de convite, que implica uma seleção pré-estabelecida, por critérios implícitos da mantenedora, considerados requisitos tais como opção religiosa, confiabilidade, qualidades morais e aptidão para o magistério.

Gráfico 5 - Tempo de atuação na Escola Adventista



Podemos notar, pelo Gráfico 5, que a escola possui professores que já estão atuando na unidade por um período maior e professores que o fazem há menos tempo.

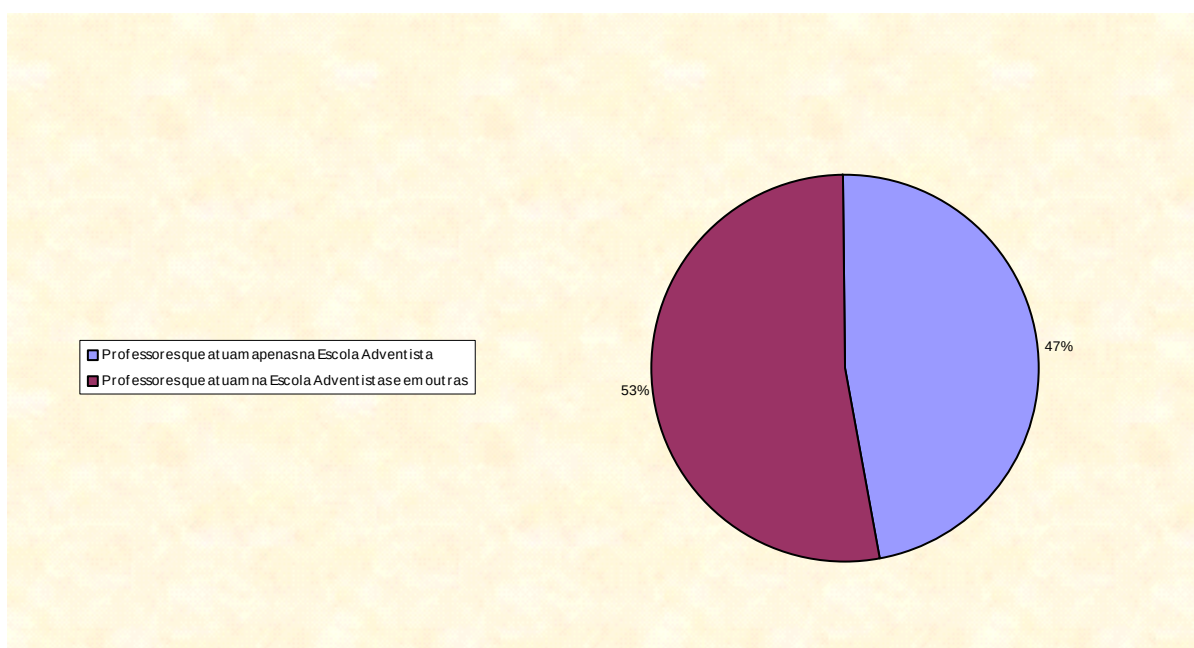
Isso ocorre devido ao fato de haver uma preocupação por parte da escola de oferecer qualidade em consonância com sua filosofia; e muitas vezes, faz-se necessária a mudança de profissional. Quando ocorre a dispensa de um professor, é seguida toda a norma regimental e legal, o professor recebe o aviso prévio, que poderá ser indenizado quando este não precisar trabalhar o período do aviso. Todas as pessoas que trabalham na escola, sejam professores ou funcionários, possuem registro em carteira. A parte jurídica da escola, também é de responsabilidade da mantenedora.

Por ser uma rede de grande porte e mundial, as ocorrências de professores demitidos recorrerem à justiça do trabalho é pequena, podendo ocorrer principalmente quando este julgar ser a demissão sem justa causa.

Analisando os dados levantados do Gráfico 5 em comparação com o Quadro 1 (p. 98), veremos que a grande maioria dos professores que atuam há mais tempo são adventistas e as

maiores mudanças ocorrem com os professores das demais denominações religiosas, isso ocorre porque as exigências da escola vão além da parte acadêmica, o que dificulta o trabalho dos professores que não vivem essa filosofia.

Gráfico 6 - Atuação dos professores na Escola Adventista e em outras escolas



Com relação a atuação dos professores da Escola Adventista em outras escolas, percebemos através do Gráfico 6 que 53% têm experiências em escolas não confessionais.

A Escola Adventista se vale das experiências pedagógicas que nossos professores têm de outras escolas, pois, a troca de conhecimento enriquece o trabalho do professor, discutimos em reuniões pedagógicas essas práticas na busca de aprimoramentos que fortalecerão o processo da aprendizagem.

No que se refere aos métodos utilizados, podemos avaliar que existem algumas diferenças que tange à formação integral do aluno.

Os professores da escola incentivam os alunos a participarem de concursos externos e internos, que trouxeram já resultados favoráveis com respeito à parte cognitiva, tivemos

alunos escolhidos em concurso de redação, concurso de matemática e projeto de lei enviado à Câmara dos Deputados, como sendo o melhor entre tantos.

Para tanto, acreditamos que toda experiência que o professor tiver, mais a vontade de sempre procurar inovar, somada à filosofia do amor, possivelmente teremos um produto final com características inigualáveis.

4.3 Análise das Entrevistas

Nas entrevistas semi-estruturadas, o entrevistador faz perguntas específicas, mas também deixa que o entrevistado responda em seus próprios termos⁸³.

Conforme proposto anteriormente, foram entrevistados os dezessete professores que trabalham atualmente na Escola Adventista, a fim de que fosse possível, uma análise relacionada a seu compromisso de atuação diante de uma proposta de filosofia cristã. Buscaremos a compreensão destes aspectos mediatizados através da fala de alguns entrevistados e suas análises.

Propomos categorizar os dados das entrevistas para analisarmos com mais especificidade o que cada um relatou de mais significativo para nosso estudo (Anexo 11, p.143).

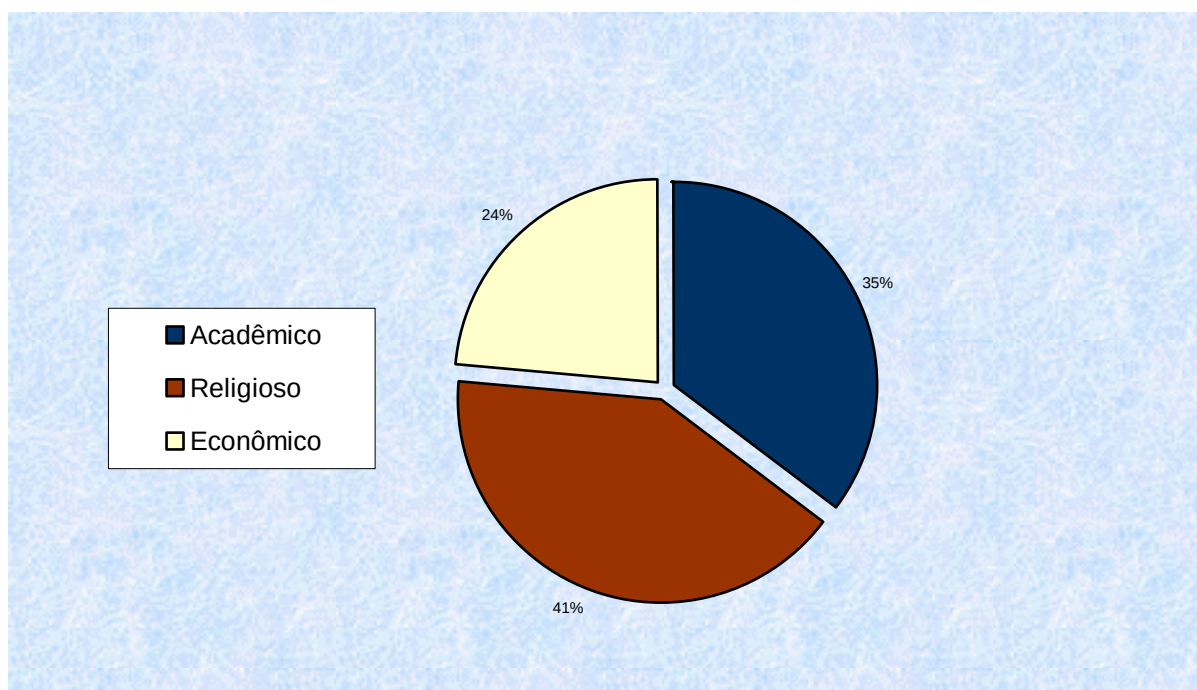
É importante explicitar que descritas ou transcritas as falas ou as frases proferidas por cada relator, essas obedeceram a temas sugeridos para a análise de dados: (1) o interesse em trabalhar na escola, (2) como se sente trabalhando e a visão que tem da escola desde o início

⁸³ ALVES-MAZZOTI, Alda Judith; GEWANDSZNADER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa: São Paulo: Pioneira, 1998, p. 170-175

do seu trabalho até hoje, (3) a perspectiva em relação à filosofia adotada, (4) o método e a técnica para atender as necessidades do aluno, (5) dificuldades e facilidades para o trabalho, (6) a diferença em atuar numa escola com filosofia cristã, (7) preocupação em atender profissionalmente as mudanças políticas, sociais e econômicas, (8) condições oferecidas pela escola para a capacitação profissional, (9) a representatividade individual de ser professor na Escola Adventista.

1) O interesse em trabalhar na Escola Adventista:

Gráfico 7 – Tipos de interesses em trabalhar na Escola Adventista



Com relação ao interesse em trabalhar na Escola Adventista, categorizamos a primeira fala do entrevistado, pois, quase todos, manifestam que o interesse não é único, na maioria das vezes, engloba diversos fatores.

Da parte acadêmica, por ser a escolha profissional que cada um optou, passa a ser uma realização pessoal poder atuar naquilo que gosta.

Com relação ao fator econômico, foi colocado pelos entrevistados, que hoje em dia a situação exige uma busca constante pelo financeiro, muitas vezes levando o professor a duplas ou mais jornadas.

Pontuamos também o interesse por ser uma escola cristã, pois através da religiosidade, pode-se conviver num ambiente de trabalho agradável, de amizade e cooperação.

2) Como se sente trabalhando e qual sua visão sobre a escola desde o início de sua atuação até hoje:

Todos os entrevistados mostram-se muito felizes com o trabalho na Escola Adventista. Com respeito à visão que possuem da escola desde o início da atuação até hoje, verificou-se que houve uma melhora significativa nos aspectos organizacionais e de estrutura física da mesma, o que conceitua positivamente a atuação profissional.

Percebe-se que a partir do momento que o professor se familiariza com a escola, ele começa a atuar de forma mais dinâmica, superando os momentos difíceis, querendo tão bem os alunos como se fossem seus próprios filhos. O ponto predominante codificado foi o respeito com que a escola trata a cada professor.

No começo foi tudo novidade por ser o meu primeiro emprego. Passei por momentos bons, por momentos difíceis, mas eu acredito que tudo contribuiu para o meu crescimento, pois hoje, eu sinto a confiança que os pais tem em mim ao deixar os seus filhos de 2 a 4 anos comigo.(E-11).

Trabalhar na Escola Adventista me deixa realmente muito feliz, pois sendo uma Instituição Mundial, percebo que existe uma visão abrangente sobre o processo educativo. Quando iniciei o meu trabalho na escola, confesso que passei por algumas dificuldades de adaptação, pois era a primeira vez que iniciava o meu trabalho, hoje surgem novos desafios a cada dia, mas esses se tornam mais fáceis de serem resolvidos, uma vez que já tenho um pouco mais de experiência. (E-13).

Sinto-me valorizada e respeitada como pessoa e profissional. A escola não é só o local de trabalho como também de desenvolvimento de muitas amizades. Minha visão no início foi de uma escola como as outras em que o professor é cobrado, trabalha, mas não é valorizado. Hoje, percebo que o professor não é apenas um instrumento ou peça da máquina e sim essencial para o bom funcionamento e resultado no processo de aprendizado que a escola oferece e é reconhecido como tal. (E-10).

No início tive que adaptar à filosofia da escola, escolher textos de acordo com os princípios da escola, mas hoje, já acostumada com o esquema, sinto-me realizada e um pouco mãe de cada aluno da escola, minha preocupação é além de apenas ensinar.(E-9).

O ambiente de trabalho da Escola Adventista de Franca é muito bom, o que facilita o seu trabalho, faz com que você vá trabalhar sem ter que pensar em como irá encontrar as pessoas que lá trabalham, pois, não tem coisa pior do que ir trabalhar em um ambiente aonde as pessoas já chegam reclamando da vida ou de mau humor. Com isso o seu trabalho se torna mais fácil e agradável.(E-6)

Me sinto muito bem, pois fui bem recebida e a escola procura tratar a todos com muito respeito.(E-4)

3) Perspectiva em relação à filosofia adotada:

A filosofia adotada pela escola é muito clara para todos os professores no que se refere ao desenvolvimento harmônico nos aspectos físicos, mentais e espirituais, considerando o aluno como um ser pensante e visando sua totalidade como indivíduo, preparando-o para ser um cidadão crítico e responsável.

A perspectiva dos professores é de trabalhar e estar atentos para desenvolver esses aspectos, como se fosse uma semente lançada em cada aula, cada palavra, cada gesto, e que um dia florescerá.

A filosofia educacional Adventista é a mais completa que eu tenho visto e estudado, pois, ela se preocupa com o desenvolvimento completo do indivíduo nos aspectos físicos, morais e intelectuais. A educadora Ellen White diz que devemos levar os alunos a serem “seres pensantes e não meros refletores dos pensamentos de outrem”, eu acredito nessa educação, pois, quando encontramos ex-alunos da escola nós percebemos que aquilo que foi proposto está florescendo. (E-11).

A filosofia educacional Adventista é a de formar cidadãos éticos e morais, educar valorizando a doutrina cristã, para possibilitá-los viver numa sociedade justa e fraterna. Acredito que esses valores são essenciais no desenvolvimento da criança e do adolescente afim de torná-los, membros integrantes de uma sociedade mais justa. (E-10).

A preocupação com o aluno vai além de atingir os objetivos. Estamos preocupados, em formar esse aluno como cidadão, alimentá-lo bem, educá-lo e ser mais que profissionais, ser amigos. (E-9).

(...) A filosofia da Escola Adventista se preocupa em cuidar da auto-estima da criança, não só apontando seus erros, mas elogiando suas habilidades. (...) uma escola que mostra no dia-a-dia a importância de estabelecer valores como referência. Minha perspectiva é das melhores diante da sociedade em que vivemos. Precisamos formar cidadãos críticos, responsáveis e sensíveis. Indivíduos que se adaptem rapidamente a esses tempos de grandes mudanças. (E-8).

A escola procura desenvolver nos alunos alguns conceitos morais, que não são mais trabalhados hoje em dia em algumas instituições. Penso que isso tenha grande importância numa sociedade onde os conceitos morais, estão sendo transformados. (E-4)

Uma filosofia que põe Deus à frente de tudo do que vai fazer, não tem porque não dar certo, pois, além de cultura educacional, a escola mostra a seus alunos um dos caminhos a ser seguido para se tornar uma pessoa de bem. (E-6)

Gostaríamos de salientar que a maioria das falas transcritas nesta parte refere-se a professores não adventistas, que pensam e agem conforme a filosofia por sentirem e atuarem numa atmosfera cristã.

4) O método e a técnica para atenderem as necessidades dos alunos:

Percebemos que muitos professores procuram utilizar-se de práticas dinâmicas da vivência dos alunos, do ambiente familiar, procurando atualizar-se constantemente através de leituras, participações em cursos, reuniões pedagógicas. O importante é usar métodos variados mais que atinja o aluno e que estabeleça um ambiente propício à aprendizagem. Na escola também se procura usar o método do cooperativismo, valorizando e respeitando as

individualidades, com técnicas variadas procurando sempre fazer o melhor para o bom andamento educacional.

A minha maior preocupação enquanto professor é fazer com que meu trabalho possa colaborar para que o aluno seja na sociedade um cidadão útil. Nossa preocupação não que ele tenha boas notas, que consiga se sair bem no vestibular, mas que seja um cidadão útil à sociedade. Os pais percebem que nossos métodos e técnicas de ensino têm alcançado bons objetivos com os alunos e confiam na escola. (E-1).

Meu trabalho é de acordo com a filosofia da escola. Trabalho com o aluno a parte física, intelectual e espiritual. Porém, meu trabalho não se restringe à sala de aula, pois fazemos visitas aos lares dos alunos, a fim de ter um relacionamento concreto não somente com o aluno, mas também com o ambiente em que o mesmo vive. (E-13).

O aluno é um ser que precisa ser respeitado, atendido, levando em consideração o desenvolvimento de suas potencialidades. O aluno não deve ser entendido como um ser passivo, ele é atuante e traz consigo uma bagagem do meio em que vive. Bagagem esta que deve homogenizar-se com a da escola. A metodologia usada em sala de aula deve ser aquela que parta do meio em que a criança vive para que o contexto seja compreendido e vivenciado. O que a escola faz é uma canalização acadêmica de conhecimento já pré-estabelecidos que cada criança traz do seu meio. (E-16).

Tenho um relacionamento favorável com meus alunos, de respeito, de carinho e acima de tudo de amizade. Procuo trabalhar sempre em grupos, interagindo, criando uma interdependência positiva, ou seja, fazer com que os alunos se sintam conectados uns com os outros em busca de um alvo comum, onde todos devem alcançar sucesso para que o grupo seja bem sucedido (...). (...) A cooperação é o espírito de nossas aulas o que atende na maioria das vezes as necessidades dos alunos e de uma sociedade que incentiva a cooperação e não o individualismo. (E-8).

Procuo sempre observar o nível de motivação dos alunos diante das aulas. É necessário usar recursos diversos e compartilhar do conhecimento e interesse que o aluno já possui do assunto a ser ministrado. Respeitando as individualidades, devemos sempre procurar instigar a pesquisa, participação, e a cooperação. (E-3)

5) Dificuldades e facilidades para o trabalho

O Quadro 2 visualiza de forma mais clara, através da categorização dos dados das entrevistas, as dificuldades e facilidades encontradas pelos professores. Preferimos fazer desta forma, pois, muitas das respostas estão voltadas para a atuação por área e não nos aspectos gerais.

Quadro 2 – Categorização das dificuldades e facilidades para o trabalho, relatadas pelos professores entrevistados.

Entrevistado	Dificuldades	Facilidades
1	Não relatou	Espaço físico para atividades extraclasse, ambiente favorável
2	Quadra pequena	Relacionamento com alunos
3	Não interferir ou contradizer a religião dos não adventistas	Sala ambiente favorável ao bom desenvolvimento da aula
4	Não relatou	Cada aluno possui seu próprio material e a escola oferece xerox
5	Clientela diversificada, exigindo trabalho individualizado	Não relatou
6	Não relatou	Laboratório próprio para as aulas
7	Não possui espaço adequado para as aulas de artes	Turmas pequenas
8	Falta de interesse dos alunos e de acompanhamento dos pais	Apoio administrativo e bom relacionamento docente
9	Necessidade de sala ambiente de português	Não relatou
10	Selecionar textos para não fugir da filosofia	O respeito entre os docentes
11	Não relatou	Acompanhamento dos pais
12	Não relatou	Espaço adequado para diversificar as atividades
13	Não relatou	A escola atende as necessidades dos professores
14	Conseguir a disciplina de alunos	Apoio da escola com cursos e diversidade de fontes de pesquisa
15	Pais que não acompanham os filhos	A escola atende tudo que é necessário
16	“Não creio que haja dificuldades e facilidades, o que ocorre é um ajuste entre uma coisa e outra”.	
17	Alunos com dificuldades na aprendizagem	Acompanhamento da escola com o desenvolvimento do aluno

Percebemos que aquilo que é dificuldade para um professor pode ser facilidade para outro, depende da área e da série de atuação. Por exemplo, os alunos da educação infantil têm o acompanhamento dos pais de forma acentuada, o que não ocorre com a maioria dos alunos maiores.

6) A diferença em atuar numa escola com filosofia cristã:

Notamos que os professores que não atuam ou nunca atuaram em outras escolas, disseram que pensam que existem diferenças na atuação do professor em uma escola com filosofia cristã, de outra escola que apenas estão preocupadas com certos aspectos do conhecimento.

Já os professores que possuem experiências em outras escolas, afirmam que a maior diferença está na parte de valores que a escola trabalha, através de normas mais rígidas a escola dá oportunidade ao aluno de refletir no poder das escolhas. Os professores disseram ainda que são respeitados e considerados como parte importante no processo educativo.

A diferença é enorme, uma escola que se preocupa com a formação de caráter, o trabalho se torna mais minucioso, detalhes são importantes. Alguém escreveu dizendo o seguinte: “Quem planta um pensamento, colhe uma ação; quem planta uma ação, colhe um hábito; quem planta um hábito, colhe um caráter; e quem planta um caráter, colhe um destino”. O importante não é chegar, mas como chegar. (E-16)

Se a formação cristã visa à formação completa do indivíduo (físico, moral, intelectual e espiritual), ela está em vantagem da que visa somente à parte acadêmica, pois ela vai além. (E-5)

Sim, enquanto uma escola com filosofia cristã preocupa-se não só com a informação, mas também com a formação e educação do aluno, as outras escolas se preocupam apenas com a informação, isso é prejudicial, pois, o homem não se faz apenas de conhecimento. (E-10)

Existe. Outro dia eu estava na sala dos professores de uma escola preocupada em treinar alunos para o vestibular, quando ouvi de um professor que um aluno daquela escola deveria transferir-se para uma escola do estado, para que não fosse reprovado. Abismei com o pensamento dele e perguntei: — Mas, estamos no meio do ano, você não pode fazer nada pelo seu aluno? Ele respondeu que não iria perder tempo com aluno limitado.

Se fosse na Escola Adventista estaríamos pensando em como ampliar os limites desse aluno e não em tirá-lo do nosso corpo discente. (E-9)

Existe sim, pois, como já foi dito, além do conhecimento acadêmico, oferecido pela instituição cristã, a filosofia da rede Adventista oferece o conhecimento para que os alunos venham a ser homens de bem. (E-6)

É claro que numa escola onde o respeito mútuo, a solidariedade, o amor ao próximo e tantos outros conceitos cristãos são trabalhados constantemente, a atuação do

professor acaba sendo diferente de outras escolas onde o único interesse é colocar informações acadêmicas na cabeça do aluno. (E-4)

7) Preocupação em atender profissionalmente as mudanças políticas, sociais e econômicas:

De um modo geral, os professores têm a preocupação em estar atentos às mudanças que ocorrem de maneira veloz no mundo, atendendo aspectos sociais, políticos e econômicos. Foi colocada a necessidade de buscar constante informação para nos adequarmos à situação e dessa maneira poder ajudar os alunos.

Todos somos seres políticos, agente da história, fazemos as mudanças e participamos dela. Nós como professores, temos que nos preocupar com as mudanças políticas, sociais, principalmente em compartilhar com nossos alunos da responsabilidade que eles possuem com o futuro deste país.(E-1).

Sem dúvida é dever do professor estar atualizado sobre as questões políticas, sociais e econômicas que ocorrem no mundo, pois faz parte da filosofia da escola formar um aluno que tenha um pensamento autônomo e crítico sobre as mudanças ocorridas ao nosso redor.(E-13).

Sim, preocupamos pela forma como as coisas têm se desenvolvido rapidamente. Hoje o mundo oferece muitas coisas e existem preocupações de como devemos conduzir essas informações.(E-2).

Não só como professora desta escola, mas também como profissional da área de educação, sinto-me preocupada com as mudanças no mundo, e também envolvida nesta tarefa que a escola tem em deixar os alunos a par de qualquer mudança, seja ela política, econômico, social, traga ela ou não mudanças significativas à vida do aluno. (E-4).

Como professor de Religião procuro me ater a todas as mudanças políticas, sociais e econômicas que ocorrem no mundo, promovendo debates que enfocam situações corriqueiras e como solucioná-las fazendo boas escolhas. (E-3.).

8) Condições oferecidas pela escola para capacitação profissional:

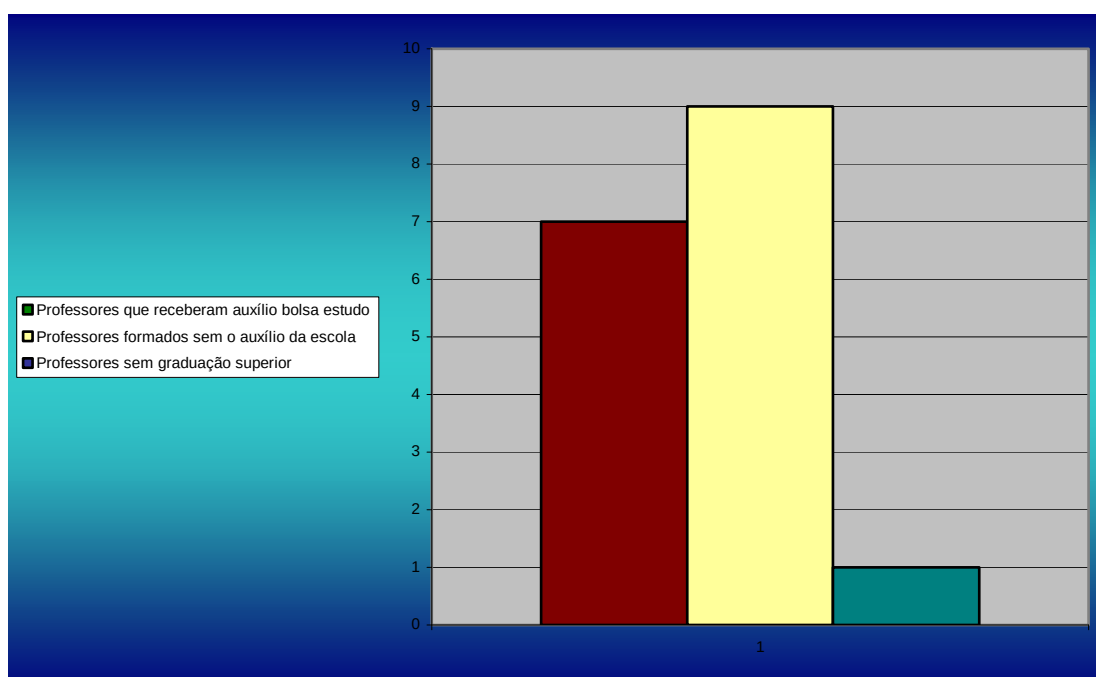
A Escola Adventista de Franca através de sua mantenedora em São José do Rio Preto procura oferecer aos seus professores cursos semestrais com objetivo de ampliar o

conhecimento pedagógico e fazer uma reflexão sobre a prática docente. A instituição também oferece auxílio de bolsa estudo para os professores tanto na área de graduação como pós-graduação.

A unidade local também trabalha com cursos, palestras, reuniões periódicas, a fim de capacitar os professores e organizar a dinâmica do trabalho interdisciplinar.

Dos dezessete professores que atualmente trabalham na escola, sete receberam auxílio bolsa estudo para o curso de graduação na área de escolha do professor, conforme mostra o Gráfico 8.

Gráfico 8 – Professores auxiliados com bolsa estudo



9) Representatividade individual de ser professor na Escola Adventista.

Uma das perguntas feitas aos professores entrevistados refere-se ao sentimento individual que cada um possui sendo professor da Escola Adventista. A satisfação para o

trabalho é um dos fatores que contribuem para o bom desenvolvimento do processo educativo.

Notamos que o ambiente de respeito e amizade é fator determinante da satisfação dos professores em atuar de forma séria e comprometida, independente das dificuldades naturais do dia a dia.

Consideramos abaixo a fala de cada um:

Penso que a escola é tudo para mim. Gosto muito de ser professor, não consigo me ver fora deste ambiente, tenho a escola como sendo minha casa, onde fui muito bem recebido, é onde consigo desenvolver um bom trabalho com meus alunos, com meus colegas de trabalho. Portanto, a Escola Adventista representa muito para mim. (E-1).

Sinto-me realizado profissionalmente e sempre buscando melhorar minha prática. (E-2).

Tem um significado muito especial, pois, participo de uma rede de escolas que tem como principal objetivo à formação integral do indivíduo, me sinto parte disso e também em colaborar com a sociedade na formação de pessoas que serão o futuro do país. (E-3)

Gosto muito de trabalhar nesta escola, sinto-me bem aqui; também acho importante para o meu crescimento profissional ter a oportunidade de trabalhar numa escola particular. O fato de a escola ser cristã pesa muito no bem estar aqui dentro, apesar de ter sempre procurado trabalhar, mesmo fora daqui, com espírito cristão. (E-4).

Uma realização profissional e ao mesmo tempo me sinto útil na formação educacional dos alunos. (E-5).

Estou muito feliz de estar fazendo parte desta filosofia, e muito surpreso pela estrutura e ambiente oferecido para o desenvolvimento do trabalho. (E-6).

É muito bom pela sua própria filosofia, pelo companheirismo dos professores e alunos. (E-7).

Um crescimento diário como pessoa e cidadã. Tenho uma preocupação integral com os alunos, dando ênfase aos valores e a crença cristã. (E-8).

Representa ser humano enquanto professor e não máquina de ensino. (E-9).

Significa ter o compromisso de seguir a filosofia da escola e como cristã, contribuir para a formação e educação de alunos preparados para a vida em sociedade. (E-10).

Para mim é um sonho, e às vezes eu já me peguei com o seguinte pensamento: - Nossa eu recebo para fazer isso! Pois para mim é tão gratificante estar aqui que eu nem penso muito em salário. (E-11).

Por acreditar e estar de acordo com a filosofia que a escola oferece, trabalhar nessa escola passa a ser um prazer e uma realização. (E-12).

Ser professora da escola é algo muito importante e significativo para mim, uma vez que sou apaixonada pela filosofia da escola. Trabalhar em um lugar que vai ao encontro de tudo aquilo que eu acredito é realmente muito prazeroso. (E-13).

Uma realização profissional e satisfação por fazer parte de uma organização tão importante. (E-14).

Representa uma grande vitória, pois sempre foi meu sonho trabalhar na Escola Adventista. (E-15)

Uma realização profissional e espiritual. (E-16)

Sinto privilegiada em ser professora desta escola, para mim é o melhor lugar do mundo. (E-17)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos trabalhando para mudar em educação

*Estudar, estudamos,
Conversando sozinhos com nosso outro,
Mas construir conhecimento é no grupo que se dá.
Aprende-se em grupo porque nele se exercita nossa energia vital,
Que nos faz amar, odiar, destruir e construir.*

Madalena Freire

Valor e conhecimento atuam um sobre o outro, na fixação de metas profissionais que serão determinados e operativos na prática. Os valores são os conceitos filosóficos do Serviço Social. O conhecimento vem de duas fontes: das Ciências Sociais e do próprio Serviço Social. Os conhecimentos em Serviço Social se referem à aplicação do seu método próprio e suas diversas técnicas. A intervenção profissional refere-se à ação do profissional que se dirige a alguma parte do sistema ou de um processo social com a intenção de nele introduzir uma mudança. Valores e conhecimentos não fazem parte do conteúdo do método, mas sim, as ações interventivas, como meios, como objetivos do Serviço Social (VIEIRA, 1979)

O Serviço Social situa-se entre os sistemas sociais, no sentido sociológico, constituído pela interação direta ou indireta de sujeitos entre eles. Entre as partes do sistema existe dinamismo, comportamento dos seres humanos numa situação dada. Assim, qualquer

processo social pode ser um sistema: o indivíduo como unidade da sociedade; o grupo como unidade social; o papel ou status como unidade do grupo. A ação é o modo de relação entre o homem e o meio social. O Serviço Social apresenta essas características: é a ação do agente profissional em benefício do indivíduo, para capacitá-lo na orientação de sua vida.

Os dados fornecidos pelo Serviço Social para o presente estudo, tiveram grande importância, pois é a prática social que facilita o processo reflexivo dos sujeitos sociais, no nosso caso, dos educadores, constituindo-se uma proposta de intervenção social que vem denunciar a insuficiência do sistema educativo, no que diz respeito à ética, aos valores e à cidadania.

É um trabalho que se pautou na atuação do professor, dentro de uma concepção valorativa de ensino, que não busca a inserção do indivíduo apenas no sistema acadêmico com formação exclusiva do intelectual, embora devido ao contexto histórico atual – o de extrema exclusão social – essa inserção se faça necessária. No entanto, procurou-se trabalhar em uma concepção de valores que almeja a emancipação do sujeito social enquanto ser histórico, capaz de interferir na realidade em que vive, lutando para definir a sociedade da qual deseja fazer parte.

A intenção desta pesquisa, centrada no procedimento de um estudo de caso, com análise qualitativa, dá importância ao estudo de situações concretas e suas particularidades. Segundo Triviños (1987), o estudo de caso não fazendo do conhecimento descritivo o alvo essencial, promove a ruptura do senso comum, por meio de um processo de compreensão dos elementos mais significativos, investigados com profundidade. A utilização dessa forma de pesquisa, sugeriu uma análise qualitativa, utilizando os métodos de observação e da entrevista semi-estruturada, como meios de coleta de informações, tendo como objeto de pesquisa uma única unidade escolar.

A metodologia qualitativa, por nós adotada, veio ao encontro a nossa inquietação – o trabalho do professor em confronto com a escassez do ensino de valores, ou seja, aquele voltado a formar cidadãos pensantes e capacitados para enfrentar, atuar e transformar a sociedade, na medida em que foi possível apreender significados da prática profissional do educador, sujeito de nosso estudo. Sobretudo, buscamos compreender como esses profissionais vivenciam sua problemática, e que significado atribuem às suas expectativas vividas no cotidiano de uma instituição voltada para uma filosofia confessional, que propõe a formação integral do educando.

A Instituição estudada adota a proposta pedagógica de E. White: a educação global dos educandos por meio do desenvolvimento harmônico dos aspectos físicos, intelectuais e espirituais, sendo que a integração desses três propõe o ensino de valores. Por ser uma instituição de cunho religioso, educação Adventista, podem gerar algumas reflexões ou expectativas com respeito ao atrito que pode haver entre as religiões e as ciências. Apesar de a instituição receber alunos de outras denominações religiosas, o objetivo principal desse estabelecimento não é trabalhar com a doutrina, e sim oferecer o ensino baseado na formação integral do cidadão.

Os avanços científico e tecnológico (como clonagem de animais e humana, inseminação artificial, o aborto legal, doação de sangue, mundo virtual, e outros) vêm sendo marcados por mudanças mais frequentes e com menos espaço de tempo, gerando uma pluralidade de modos de interpretação, de significação e de valores, bem como o aumento da quantidade de informações e necessidades sinalizando a urgência de se tomar uma decisão, exigindo novas posturas na condição prática e concreta do trabalho educativo. É visto que a essência do processo educativo está em levar o indivíduo a atuar numa realidade, cada vez mais capaz de decidir por si próprio, a ser ativo nesse processo de mudança pelo qual o mundo está passando (PANAINO, 2000 e NÉRICE, 1975). A reflexão sobre a conciliação

entre religião e avanço científico e tecnológico propõe um equilíbrio entre a realidade presente e o que é professado pela religião, permitindo uma análise crítica entre o que é ciência, filosofia e religião.

A pedagogia sendo uma ciência voltada para a formação do homem, deveria acertar os passos com os desenvolvimentos científicos contemporâneos, superando a fase do positivismo (ciência objetiva, baseada nos fatos e na experiência) ultrapassado, trabalhando com os valores humanos (CAMBI, 1999) e harmonizando as relações entre a religião e ciência. Essa proposta vem exigir uma mudança na educação, na prática pedagógica, implicando um projeto de intervenção e de interpretação tal que resulte em uma reconstrução, um controle do discurso pedagógico e da sua identidade como saber, já que o fim da educação é entendido como o desenvolvimento da humanidade, ainda que adaptando –se a condições profundamente novas.

A tarefa de educar exige a conscientização de reconhecer o homem no seu contexto histórico, e valorizar seus conhecimentos, experiências, comportamentos, habilidades e ideais (SAVATER, 1998). Portanto, a responsabilidade da educação é conservar o passado, conhecer o presente e criar habilidades tais que tenha condições de resolver problemas futuros (BRUNER, 1973). O papel do professor está implicitamente relacionado com essa responsabilidade, e seu trabalho é o de comunicador do conhecimento.

A proposta da educação por meio de valores é clara quando a comunidade escolar vivencia e adota uma filosofia preocupada com o perfil do cidadão que pretende formar. O trabalho do professor em uma realidade marcada pelos valores de uma sociedade capitalista, dominante e exigente, que se preocupa com a formação de cidadãos bem-informados, voltada à competência intelectual e prática, contraria os fins da educação que são a busca do desenvolvimento humano, ou seja, uma educação voltada para a humanização, a condição humana em todos os seus aspectos: físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico. A ética ou os valores não pode ser ensinada por meio de lições de moral, é necessário

racionalizar o que é humano, ao mesmo tempo indivíduo, parte da sociedade, parte da espécie, e dessa maneira, todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana (MORIN, 2002).

É possível que a educação de valores que é a formação integral do cidadão, como ser ativo, intelectual, hábil para atuar, transformar o seu meio, seja atualmente questionada por diferentes profissionais da educação, quando o ensino é centrado na condição humana. A reflexão dessa condição humana situada no universo, nos remete a algumas questões filosóficas como: quem somos, onde estamos, de onde vimos, para onde vamos (MORIN, 2002). A fim de situar a condição humana no universo, é necessário que haja um grande remembramento das ciências naturais, dos conhecimentos derivados das ciências humanas, e integrar a contribuição das humanidades, não somente da filosofia e da história, mas também a literatura, a poesia, as artes, enfim, resgatar a identidade e o fim da educação. Ainda assim, muitos profissionais mostram-se inseguros quanto à aplicabilidade de modelos educacionais novos, e sua prática vem sendo baseada em teorias ultrapassadas como o empirismo e o inatismo (GROSSI, 2000), comumente utilizadas pelos professores, que pensam o ensino através da transmissão do conteúdo, e o conhecimento como uma simples cópia da realidade, impedindo a participação ativa e criativa dos educandos.

Os princípios educacionais de White se baseiam no ensino ativo, no qual a estruturação do conhecimento pressupõe um sujeito ativo, observador, pesquisador, integrado ao seu meio; alguém que aprende por si mesmo a tirar lições, interpretar verdades, desenvolvendo pensamento independente.

Ao trabalhar em uma escola que adota uma filosofia voltada para a formação integral do educando, alguns professores mostram-se inseguros por não estar acostumados com certas propostas pedagógicas adotadas pela escola, propostas essas voltadas não só para a

transmissão de conhecimentos, como também outras posturas exigidas por ela. Algumas dificuldades destacadas pelos professores, no sentido de estrutura escolar, dinâmica das aulas, comportamento de alunos, dificuldades de aprendizagens, problemas familiares, interesse dos alunos, indicam que o seu trabalho é prejudicado quando não está bem informado dos propósitos da escola, da educação, e não possuem uma formação pedagógica voltada para a realidade educacional brasileira, além da carência de flexibilidade para aceitar mudanças, quando necessárias.

A realidade educacional no Brasil mostra-se pertinente ao que é incluyente e excluyente. É verdade que as escolas particulares são restritas ao grupo sócio-econômico favorável, ou aquele que pode pagar pela educação de seus filhos. A instituição estudada, mesmo sendo de rede particular, é de caráter filantrópico, com o objetivo de oferecer bolsas e descontos, sendo que hoje a realidade é que 25 % da arrecadação é distribuída entre alguns alunos. A possibilidade de um ensino confessional, ou aquele voltado para valores nas escolas públicas vêm de encontro aos recursos sociais, econômicos e estruturais insuficientes que o governo oferece, porque mudar em educação ou propor o ensino humanizado, exige uma capacitação e habilidade formalizada do professor, além da vontade e do interesse, e da conscientização do seu papel, não é apenas transmitir o que se quer ensinar, é necessário vivenciar, sustentar, para depois executar a ação de formar. As teorias educacionais tratam de questões relativas a: por que educar, o que ensinar, e como ensinar. A grande maioria contém aspectos informativos (conteúdo programático) e formativos (formação de caracteres e valores). Atualmente, no Brasil, as teorias mais difundidas na área educacional são a de Piaget (construtivismo), Emilia Ferreira (alfabetização e construtivismo), Carl Rogers e Freinet (humanísticas e antiautoritárias), Montessori (escola nova), Skinner (comportamentalista), Paulo Freire (de influência marxista, alfabetização de adultos pela forma crítica e não

mecânica) e Ellen White (filosofia cristã de educação ou o ensino de valores) (CARVALHO, 2000).

Pesquisar sobre o trabalho do professor em uma escola que adota uma filosofia voltada para educação de valores, dando significativa importância para o desenvolvimento integral do educando, em seus aspectos físicos, intelectuais, sociais, políticos e espirituais, nos fez compreender que é um tema relevante e que deveria estar presente no cotidiano de diversos profissionais que atuam com a questão educação. Esses profissionais devem ter capacidade para tal, para educar, de forma que tenham possibilidade de desvendar as muitas questões e problemáticas que surgem no cotidiano escolar, e compreendê-las em toda a sua complexidade, permitindo assim uma atuação mais adequada com as propostas educacionais.

Desejamos ressaltar a originalidade do tema proposto sobre o qual poucos estudos são referidos na nossa realidade educacional, apesar de estar ganhando visibilidade, no conjunto da sociedade, por se tornar objeto de questionamento por muitos profissionais e estudiosos da educação. Assim, é necessário que as pesquisas realizadas nessa problemática sejam socializadas, e é isso que pretendemos ao concluirmos o presente estudo.

Algumas diferenças do trabalho do professor em uma escola confessional e outras que se preocupam em informar, ou formar cidadãos essencialmente intelectuais, são destacadas, indicando que a clareza dos objetivos e fins da educação são importantes uma vez que o trabalho do professor terá êxito quando definir com segurança seu papel como educador, além de vivenciar valores que servirão de base para sua atuação profissional.

Estudiosos e profissionais da educação indicam uma urgência em mudar em educação, preocupados em trabalhar conceitos de valores ‘esquecidos’ por uma geração, que busca essencialmente cidadãos informados. O que se pretende é resgatar a educação moral, não empiricamente imposta, mas a de cunho valorativo, despertando a desafiadora tarefa de formar cidadãos preparados para atuar nessa sociedade, carente de valores e ideais, pois o que

importa para o capitalismo é o desenvolvimento tecnológico e econômico, tendo como consequência, a exclusão social, desmistificando a ideologia ‘Educação é para Todos’.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Djanira Soares de Oliveira e. **Ensinando e aprendendo a escrita**: momentos iniciais. Franca: UNESP-FHDSS, 2002. (Dissertações e teses, n.4)

ANTUNES, Celso. **A inteligência emocional na construção do novo eu**. 9 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

_____. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1998. (Coleção Papyrus Educação)

ÁVILA, Fernando Bastos de (S.J.) **Pequena enciclopédia de moral e civismo**. 2. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escola (FENAME) – Ministério da Educação e Cultura, 1972.

Bíblia Sagrada, A. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos da metodologia científica**: um guia para a iniciação científica. 2. ed.ampliada. São Paulo: Makron – Books, 2000.

BLOOM, Benjamin S. *et. al.* **Taxionomia de objetivos educacionais**: domínio cognitivo. Tradução de Flávia M. Sant’Anna. Porto Alegre: Globo, 1972.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Trad. De Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 1999.

CARAM, Teresa. A necessidade do ensino cooperativo. **Jornal O Estado de Minas Gerais**. Caderno de Economia. Belo Horizonte-MG, 17/08/1997, p. 01.

CARRETERO, Mario. **Construtivismo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CARVALHO, Frank Viana. **Pedagogia da cooperação** – Uma introdução à metodologia da aprendizagem cooperativa. Engenheiro Coelho-SP: Imprensa Universitária Adventista, 2000.

CHALITA, Gabriel. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2001.

Constituição Federal, promulgada em 5-10-1988: acompanhada de disposições anteriores, emendas constitucionais, emendas constitucionais de revisão, índices sistemático e alfabético-remissivo. Organização, notas e índices por Juarez de Oliveira. São Paulo: Oliveira Mendes, 1998.

CHIZZOTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

DANTAS, Djane Meiri Pereira (Elaboração). **Proposta pedagógica para as escolas adventistas da Paulista Oeste**. Engenheiro Coelho-SP: Instituição Paulista Adventista de Educação e Assistência Social – Departamento de Educação, 1999.

DRUCKER, Peter Ferdinand. The age of social transformation. **Periódico Atlantic Monthly**, nov, 1994, p. 4.

FALEIROS, A. V. P. **Estratégias em Serviço Social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FERNANDES, Maria Nilza de Oliveira. **Líder-educador: novas formas de gerenciamento**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FREIRE, Madalena. Aspectos pedagógicos do construtivo pós-piagetiano. In: GROSSI, Esther Pillar e BORDIN, Jussara (Orgs.). **Construtivismo Pós-Piagetiano: Um paradigma sobre aprendizagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1975.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GROSS, Renato (Org.) **Cristo nas salas de aula: uma abordagem adventista sobre integração fé e ensino**. Engenheiro Coelho-SP: Imprensa Universitária Adventista, 1997, v.1.

_____. **Colégio Internacional de Curitiba: uma história de fé e pioneirismo: primeira escola adventista do 7º dia do Brasil**. Rio de Janeiro: Collins, 1996.

GROSSI, Esther. **A coragem de mudar a educação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KNIGHT, George R. **Filosofia e educação – uma introdução da perspectiva cristã**. Engenheiro Coelho-SP: Imprensa Universitária Adventista, 2001.

LEFEVER, Marlene D. **Estilos de aprendizagem – como alcançar cada um que Deus lhe confiou para ensinar**. Tradução de Hans Udo Fuchs e Kleber Cruz. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2002.

LEITE, Elnaque R. C; COSTA, Sônia Bessa da. **Proposta metodológica para a educação básica na escola Adventista**. São Paulo: União Central Brasileira da IASD, 1999.

LIBÂNEO. José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Magistério. 2º grau – Série Formação do Professor).

LINHA PEDAGÓGICA ADVENTISTA: Integral restauradora. Paraná-Rio Grande do Sul. União Sul Brasileira da IASD, 1999.

LOPES, José Luciano. **Pestalozzi e a educação contemporânea**. Duque de Caxias-RJ: Centro de Editoração e Jornalismo da AFE, 1981.

LUCKESI, Cipriano. **Proposta pedagógica para as escolas adventista da Paulista Oeste**. Engenheiro Coelho-SP, 1999.

MAIA, Suzete Águas. (Coord.) **Plano de ação pedagógica**. São José do Rio Preto: Associação Paulista Oeste – Departamento de Educação, 2003.

MAXWELL, John C. **As 21 irrefutáveis leis da liderança**. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

MELLO, Guiomar Namó de. Afinal, o que é competência? **Revista Nova Escola**. Engenheiro Coelho-SP, março, nº 160, 2003, p. 14.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: metodologia de pesquisa social (qualitativa em saúde)**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública. Fiocruz, 1989.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1996.

MORAIS, Régis de. **O que é ensinar**. São Paulo: EPU, 1986.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

NÉRICE, I. G. Ensino renovado e fundamentado. **Revista da Escola Adventista**. Engenheiro Coelho-SP, 1º semestre, v.5, nº 4, 2000, p. 39.

PÁDUA, Elisabete M. M. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 1998 (Coleção Magistério e Trabalho Pedagógico).

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. **Construir as competências desde a escola**. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

_____, Philippe. **Novas competências para ensinar**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

Proposta Pedagógica da A. P. O. Associação Paulista Oeste, 2002.

Proposta Pedagógica da A. P. O. Associação Paulista Oeste, 2003.

Regimento Escolar Comum – Rede de Escolas Adventistas do Estado de São Paulo. Artur Nogueira-SP: Instituição Paulista Adventista de Educação e Assistência Social, 2002.

RITTER, Orlando Rubem. Valores e o currículo escolar. **Revista da Escola Adventista**. Engenheiro Coelho-SP, 1º semestre, v.5, n.4, 2000, p. 9-12.

RONCA, Antônio C. Caruso; ESCOBAR, Virgínia F. **Técnicas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____.; TERZI, Cleide do Amaral. **A aula operatória e a construção do conhecimento**. São Paulo: Editora do Instituto Esplan, 1995.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet: evolução histórica e atualidade**. São Paulo: Spicione, 1989

SILVA, José de Carvalho e. **História do Brasil**. São Paulo: Editora Iracema, [s.d.], v.1.

STANDISH, Collin D; STANDISH, Russell R. **Uma visão adventista da educação**. Tradução de Gerson P. Araújo. Engenheiro Coelho-SP: Centro Adventista de Artes Gráficas, 2002.

TASSO, Rosemary Follis. **Planejamento administrativo da Escola Adventista de Franca**. Franca, 2003.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo**: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempo de globalização. São Paulo: Gente, 1998.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VALERIANO, Maria Cristina Menezes. **O pensamento, valores e expectativas de adolescentes institucionalizados**: um estudo realizado na unidade educacional e de permanência – FEBEM – Batatais-SP. Dissertação de Mestrado- Unesp- Franca, 1997.

VIEIRA, Balbina Ottoni. **Metodologia do Serviço Social**: Contribuição para sua elaboração. Rio de Janeiro: Agir, 1979.

VINHA, Telma P. **O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Campinas-SP, 1997.

WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. Petrópolis: Vozes, 1992.

WHITE, Ellen G. **Conselhos aos professores, pais e estudantes**. Tradução de Isolina A. Waldvogel. 5. ed. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

_____. **Conselhos sobre educação**. Tradução de Carlos A. Trezza. 2. ed. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994.

_____. **Educação**.(a) 6. ed. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996

_____. **Fundamentos da educação cristã**.(b) Tradução de Naor G. Conrado. 2. ed. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

_____. **Mente, caráter e personalidade 1**: guia para a saúde mental e espiritual. Tradução de Luiz Waldvogel. 3. ed. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

WHITE, Ellen G. **Mente, caráter e personalidade 2**: guia para a saúde mental e espiritual. Tradução de Luiz Waldvogel. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989.

WILKINSON, Bruce H. **As 7 leis do aprendizado**: como ensinar quase tudo a praticamente qualquer pessoa. Tradução de Eros Pasquini. Venda Nova-MG: Editora Betânia, 1998.

ZIELACK, Ofélia Wichert. **A alfabetização como construção e processo social**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

ANEXOS

ANEXO 1

LOGOMARCA DA REDE EDUCACIONAL ADVENTISTA

Fonte: Revista Algo Mais



ANEXO 2

PRIMEIRA ESCOLA ADVENTISTA



Prédio na rua Paula Gomes, 290 onde, em 1896, no dia 1º de julho, começou a funcionar o Colégio Internacional.

ANEXO 3

LOCAIS ONDE EXISTEM AS ESCOLAS ADVENTISTAS NO BRASIL

ANEXO 4**NOVO PRÉDIO DA ESCOLA ADVENTISTA DE FRANCA - SP**

ANEXO 5

EDUCADORA ELLEN G. WHITE



ANEXO 6

DIAGRAMA DOS ESTUDOS DE ELLEN G. WHITE

ANEXO 7

Aula de corte e costura com alunos da 2ª série



Visita ao asilo (Educação Infantil)

ANEXO 8**SALA AMBIENTE PARA AULAS DE RELIGIÃO**

Tema: Drogas e violência



Tema: Altruísmo

ANEXO 9A**AULAS DE CAPELA**

Encenação da Páscoa (Educação Infantil)



Encenação da Páscoa (5ª a 8ª Séries)

ANEXO 9B**AULAS DE CAPELA**

Dia da Poesia com a palestra do professor Luiz Cruz



Teatro sobre a Amizade e Cortesia

ANEXO 10A

Jogos da amizade



Passeata sobre a Dengue

ANEXO 10 B

Semana de oração com apresentação musical



Coral da Escola

ANEXO 11

CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS DAS RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

TEMAS ABORDADOS	
(1) Fale sobre o seu interesse em trabalhar na escola adventista. (Econômico, Acadêmico, Religioso).	
Entrevistados	Categorização das Respostas
E-1	Sonho acadêmico. A escola o admitiu ainda sem ter terminado a faculdade. A prática aliada à teoria foi importante.
E-2	Econômico a princípio. Após conhecer a estrutura educacional tornou-se também acadêmico.
E-3	Religioso, por gostar muito do estudo de religião.
E-4	Econômico pela necessidade do trabalho e também acadêmico para o currículo.
E-5	Religioso para contribuir na formação de cidadãos.
E-6	Acadêmico por contribuir ao currículo.
E-7	Econômico pela necessidade.
E-8	Uma oportunidade única. Econômico e religiosa.
E-9	Acadêmico por fazer aquilo que gosta.
E-10	Acadêmico a princípio para aprimorar as técnicas e religioso ao conhecer a filosofia educacional da escola.
E-11	Religioso por ser um ambiente de amizade e tranquilo.
E-12	Religioso por poder ensinar crianças para a vida e acadêmico pela sua formação.
E-13	Religioso por estar de acordo com a filosofia da escola e acadêmico pela sua formação.
E-14	Acadêmico porque gosta de dar aulas e econômico para ter independência financeira.
E-15	Religioso por estar de acordo com a filosofia educacional e econômico por necessitar do emprego.
E-16	Religioso por conhecer a filosofia educacional e ter formação acadêmica com base na educação cristã.
E-17	Acadêmico, sempre sonhou ensinar e educar achando o trabalho muito gratificante.

(2) Descreva como se sente trabalhando na escola desde o início de sua atuação até hoje e qual sua visão sobre essa escola.	
Entrevistados	Categorização das Respostas
E-1	Sente-se bem, a cada ano que passa aprende mais. Pode aprender com os erros. Teve muito apoio da direção e coordenação quando entrou e hoje tem confiança em seu trabalho. A visão da escola é favorável.
E-2	Sente que ainda tem muito que aprender, vê a escola como transmissora não só do conhecimento secular e sim de um todo.
E-3	Sente feliz por estar fazendo o que gosta e mais confiante com o passar do tempo. Vê a escola como um meio de fazer reflexões e escolhas boas na vida do educando.
E-4	Gosta de trabalhar na escola porque essa trata a todos com muito respeito. Vê a escola empenhada na formação dos alunos.
E-5	Se sente trabalhando num ambiente propício para desenvolver boas amizades, percebe que a escola está sempre procurando melhorar.
E-6	Sente um ambiente bom o que favorece o seu trabalho. Sua visão foi surpreendida pelo que é a rede Adventista por não ter idéia da estrutura que ela possui.
E-7	Sente que hoje sua atuação é mais dinâmica do que quando iniciou. Sua visão da escola é que sempre está tentando melhorar.
E-8	Sente feliz com seu trabalho e vê a escola como sendo uma instituição que se preocupa em garantir a realização afetiva e profissional.
E-9	No início teve de adaptar à filosofia e hoje acostumada sente-se realizada. Vê a escola como excessivamente burocrática, apesar de já ter acostumado.
E-10	Sente-se bem por ser valorizada e respeitada. No início via a escola como outra qualquer, hoje percebe que o professor não é tratado apenas como uma peça da engrenagem.
E-11	No começo era tudo novidade, passou momentos difíceis, hoje vê a escola se desenvolvendo em vários aspectos.
E-12	Sente-se bem com o trabalho sendo sempre muito apoiada e vê a escola com um bom desenvolvimento.
E-13	Sente-se muito feliz. Vê a escola no início muito acanhada e hoje com o novo prédio, salas ambientes, melhorando cada vez mais.
E-14	Sente-se muito feliz com seu trabalho. Gosta de ver como a escola se desenvolveu e cresceu sua estrutura.
E-15	Sente-se bem com seu trabalho e vê que a escola está cada vez tentando melhorar mais.
E-16	Faz o que gosta e está feliz tendo os alunos como se fossem seus filhos. Observa que a escola tem um senso de missão mais aguçada.
E-17	Sente-se muito bem. Tem uma visão positiva por ser um lugar cheio de alegria.

(3) A perspectiva em relação à filosofia adotada.	
Entrevistados	Categorização das Respostas
E-1	Impressiona-se com a preocupação que a escola tem com os alunos como um todo.
E-2	Se agrada com essa filosofia, pois é o que tenta passar para os seus filhos.
E-3	É uma filosofia que se preocupa com o aluno de forma geral e acredita que o caráter firmado nessa filosofia formará bons cidadãos.
E-4	A escola procura desenvolver no aluno conceitos morais.
E-5	A escola preocupa com o aluno de forma integral e espera que esse ideal seja alcançado.
E-6	Uma filosofia que põe Deus na frente de tudo, só pode dar certo.
E-7	Acha uma filosofia ótima, trabalhando conceitos bíblicos formará cidadãos responsáveis e críticos.
E-8	A filosofia se preocupa com a auto-estima da criança, aponta os erros mas elogia as habilidades.
E-9	A preocupação com o aluno vai além dos objetivos propostos e isso trará um bem enorme para o aluno.
E-10	Uma filosofia que procura educar valorizando a doutrina cristã.
E-11	É a filosofia mais completa que tem visto e estudado, pois, atende o aluno de forma integral.
E-12	A filosofia vê o homem como ser pensante ajuda o aluno em todos os aspectos.
E-13	Uma filosofia que visa a totalidade do indivíduo.
E-14	Acredita que está trabalhando também com a formação do caráter e que um dia a semente florescerá.
E-15	Uma filosofia que desenvolve nos alunos também outros aspectos que outras escolas não trabalha.
E-16	Filosofia que está formando alicerces na vida do educando de forma integral.
E-17	A filosofia se preocupa com o aluno de forma total: físico, mental e espiritual.

(4) Método e técnica para atender as necessidades do aluno.

Entrevistados	Categorização das Respostas
E-1	Usa métodos e técnicas variadas para atender o aluno não só para que ele possa tirar boas notas e passar no vestibular, mas para que possa ser um cidadão útil à sociedade.
E-2	Tenta mostrar para o aluno a importância das aulas, diversificando e fazendo com que o aluno tome interesse.
E-3	Através de técnicas variadas procura fazer com que o aluno goste da matéria de Religião.
E-4	Procura dar o melhor de si, variando suas técnicas para atender o aluno.
E-5	Usa métodos que procura atender o aluno ao ambiente propício a aprendizagem.
E-6	Não tem um modo de atuação definida, costuma analisar a situação e montar a estratégia que corresponda a situação daquele momento.
E-7	Trabalha valorizando o conhecimento que o aluno traz e respeita as individualidades
E-8	Procura manter um relacionamento favorável com os alunos, trabalha sempre com o cooperativismo para que o grupo seja bem sucedido.
E-9	Procura abranger o aluno de forma integral, com projetos que envolvam a família.
E-10	Tenta desenvolver o senso crítico trazendo para as suas aulas temas atuais para discussão.
E-11	Usa métodos dinâmicos para envolver seus alunos, aproveita sempre da vivência deles.
E-12	Para atender as necessidades dos alunos parte daquilo que eles vivenciam, aproveitando o ambiente familiar.
E-13	Trabalha com o aluno as partes físicas, mentais e espirituais, não se restringindo somente a sala de aula.
E-14	Procura transmitir confiança nos métodos utilizados e orientados pela escola.
E-15	Diversifica as técnicas para aguçar a curiosidade dos alunos, procurando melhorar a cada dia.
E-16	Respeita o aluno e leva em consideração o desenvolvimento de suas potencialidades, aproveitando a bagagem do meio em que vive.
E-17	Procura melhorar cada dia através de leituras, cursos, palestras e outros.

(5) Dificuldades e facilidades para o trabalho.	
Entrevistados	Categorização das Respostas
E-1	Não relata dificuldade específica, cada uma que surge trabalha para resolvê-la, as facilidades são as salas ambientes e o espaço para as atividades extraclasse.
E-2	A dificuldade é que a quadra é pequena, mas em compensação tem um bom relacionamento com os alunos.
E-3	A maior dificuldade que sente é não interferir na religião dos alunos não Adventistas, e sua facilidade é a sala ambiente de Religião que é favorável para o desenvolvimento de suas aulas.
E-4	Não relatou dificuldades específicas, aprecia que os alunos possuam seus materiais e a escola oferecer xerox para a preparação de aulas diferentes.
E-5	Acha que o mais difícil é o atendimento a uma clientela diversificada o que exige um trabalho individualizado. Não relata facilidades.
E-6	Não relatou dificuldades específicas salientando que a sala ambiente como o laboratório facilita as aulas.
E-7	Tem como dificuldade dar suas aulas em salas normais não tendo espaço adequado para as aulas de artes. A grande facilidade é que as turmas são pequenas.
E-8	A dificuldade é a falta de interesse dos alunos e de acompanhamento dos pais. A facilidade é o apoio administrativo e o bom relacionamento docente.
E-9	Apresenta como dificuldade a necessidade de sala ambiente de português. Não relatou facilidades.
E-10	A dificuldade está em selecionar textos para não fugir da filosofia e a facilidade está no respeito que existe entre os docentes.
E-11	Não relatou dificuldades e acha que a maior facilidade está em poder contar com a ajuda dos pais.
E-12	Não relatou dificuldades e acredita que a maior facilidade está no espaço adequado para diversificar as atividades.
E-13	Não relatou dificuldades e a maior facilidade é que a escola atende as necessidades dos professores.
E-14	A dificuldade é com relação a manter a disciplina dos alunos e vê a facilidade com o apoio da escola com cursos e diversidade de fontes de pesquisa.
E-15	A dificuldade são os pais que não acompanham o processo educacional de seus filhos e a facilidade é que a escola atende tudo que é necessário.
E-16	Não crê que haja dificuldade nem facilidades tudo é uma questão de ajuste entre uma coisa e outra.
E-17	A dificuldade é com os alunos com problemas de aprendizagem e a facilidade é o acompanhamento que a escola fornece ao desenvolvimento do aluno.

(6) A diferença em atuar numa escola com filosofia cristã.	
Entrevistados	Categorização das Respostas
E-1	Pensa que a religião faz parte da vida da grande maioria das pessoas e a diferença está em absorver aquilo que é comum para todos: respeito e valores.
E-2	A diferença está no comportamento dos alunos, pois existe muito respeito.
E-3	Acredita que o ambiente se torna mais calmo, propício a grandes amizades.
E-4	Numa escola onde o respeito é mútuo e onde se ensina conceitos cristãos, a atuação do professor é diferente, pois transmite aos alunos não só informações acadêmicas.
E-5	Se a educação é cristã e visa a formação completa do indivíduo, ela está em vantagem da que visa somente a parte acadêmica.
E-6	Além do conhecimento a rede Adventista preocupa-se que os alunos venham a ser homens de bem.
E-7	A diferença está nas normas que são mais rígidas sendo isso bom para os alunos.
E-8	A diferença está na formação que é dada aos alunos que os ajudam a ter poder de escolha.
E-9	A escola preocupa-se em ampliar os limites do aluno e não em excluí-lo.
E-10	A escola não preocupa-se apenas em passar informação, mas em formar cidadãos.
E-11	Acredita que a diferença está na conduta dos alunos apesar de não ter experiências em outras escolas.
E-12	A diferença está na base que é dado pela filosofia cristã, formando assim alunos com caráter sólido.
E-13	Apesar de não ter experiências em outras escolas acredita que a grande diferença está na formação do caráter.
E-14	Não tem experiências com outras escolas, mas acredita que o diferencial está na formação do aluno como um todo.
E-15	Conhece o que é passado por outras escolas por ter filhos em escola preocupada com o valor acadêmico e sabe que a grande diferença está na preocupação em formar bons cidadãos.
E-16	A diferença é enorme, pois o trabalho com a formação do caráter é mais minucioso.
E-17	A diferença é que Deus está presente.

(7) Preocupação em atender profissionalmente as mudanças políticas, sociais e econômicas.	
Entrevistados	Categorização das Respostas
E-1	Todos somos seres políticos, agente da história, fazemos as mudanças e participamos delas. Devemos compartilhar com nossos alunos da responsabilidade que eles possuem com o futuro deste país.
E-2	A preocupação está como as coisas têm se desenvolvido rapidamente e como devemos conduzir estas informações.
E-3	Procuro me ater a todas as mudanças políticas, sociais e econômicas que ocorrem no mundo, promovendo debates que enfocam situações corriqueiras e como solucioná-las fazendo boas escolhas
E-4	Preocupa-se com as mudanças como profissional da área da educação.
E-5	Sua preocupação é em atualizar-se, pois seu objetivo é formar cidadãos.
E-6	Manter os alunos atualizados, capazes de entender o que está acontecendo a sua volta, saber resolver problemas, independente do tipo de problema que encontram.
E-7	A preocupação é em se adequar, pois as mudanças são velozes.
E-8	É necessário estar sempre se atualizando para oferecer qualidade aos alunos.
E-9	Sempre que possível usar técnicas de indisciplinabilidade para atender melhor o conteúdo de modo complexo.
E-10	Como professora devo manter-me informada para manter meus alunos a par e consciente de suas responsabilidades e dever.
E-11	É necessário ter visão do que ocorre a nossa volta.
E-12	Quando estamos preparados e atualizados podemos ajudar nossos alunos.
E-13	É dever do professor estar atualizado sobre as questões políticas, sociais e econômicas para desenvolver no aluno o pensamento autônomo.
E-14	Não se preocupa porque acha que a escola oferece meios para se preparar.
E-15	Devemos estar atentos às mudanças para nos adequar.
E-16	A preocupação ajuda a melhorar sempre, sabendo que o ensino só ocorre por extensão.
E-17	Não tenho preocupação por que tenho apoio da escola.

(8) Condições oferecidas pela escola para a capacitação profissional.	
Entrevistados	Categorização das Respostas
E-1	A escola oferece treinamentos e cursos para a melhora de nosso desempenho.
E-2	A escola oferece cursos para os professores e os ajudam com bolsas de estudo.
E-3	Diante das mudanças a escola procura colocar os professores sempre atualizados e preparados através de cursos, reuniões, palestras e outros.
E-4	A escola oferece o congresso de educação semestralmente.
E-5	Oferece cursos, HTPC e orientação pedagógica.
E-6	Atende as necessidades dos professores oferecendo bolsas de estudo para graduação.
E-7	Reuniões periódicas, HTPC e cursos em Rio Preto.
E-8	Oferece ajuda com bolsas de estudo e acompanhamento pedagógico.
E-9	Oferece reuniões, cursos, auxílio com bolsas de estudo, capelas e livros de leitura.
E-10	A escola prioriza a participação dos professores em todas as oportunidades de atualização.
E-11	A escola ofereceu auxílio para minha graduação.
E-12	Além de ter recebido auxílio para minha graduação a escola oferece cursos semestralmente.
E-13	A escola oferece cursos, palestras e me ajudou com bolsa estudo.
E-14	A escola oferece cursos semestrais, reuniões e acompanhamento pedagógico.
E-15	Temos dois cursos por ano em Rio Preto, palestras, reuniões e outros.
E-16	A escola oferece cursos externos pela mantenedora e ajuda com bolsa estudo.
E-17	A escola oferece palestras, reuniões, bolsas de estudo.

(9) A representatividade individual de ser professor na Escola Adventista.	
Entrevistados	Categorização das Respostas
E-1	Gosto muito de ser professor e não consigo me ver fora deste ambiente.
E-2	Sinto me realizado profissionalmente e sempre procurando melhorar minha prática.
E-3	Significado especial por colaborar com a sociedade na formação de pessoas que serão o futuro do país
E-4	Trabalhar na escola é importante para o currículo profissional além do bem estar aqui dentro.
E-5	Uma realização profissional e ao mesmo tempo me sinto útil na formação dos alunos.
E-6	Estou feliz por fazer parte desta filosofia e surpreso com a estrutura desta escola.
E-7	É bom pela sua própria filosofia, pelo companheirismo dos professores e alunos.
E-8	Um crescimento diário como pessoa e cidadã.
E-9	Representa ser humano enquanto professor e não máquina de ensino.
E-10	Significa ter o compromisso em seguir a filosofia contribuindo em preparar os alunos para a sociedade.
E-11	Um sonho.
E-12	Trabalhar nessa escola é um prazer e uma realização por acreditar nessa filosofia.
E-13	Ser professora da Escola Adventista é muito importante e significativo, pois vai de encontro a tudo aquilo que eu acredito.
E-14	É uma realização profissional e uma satisfação fazer parte de uma organização tão importante.
E-15	Representa uma grande vitória.
E-16	Uma realização pessoal e espiritual.
E-17	Um privilégio por ser um lugar bom.

ANEXO 12**QUESTÕES E RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS
PROFESSORES**

(INSERIR CÓPIAS DAS QUESTÕES E RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS)